

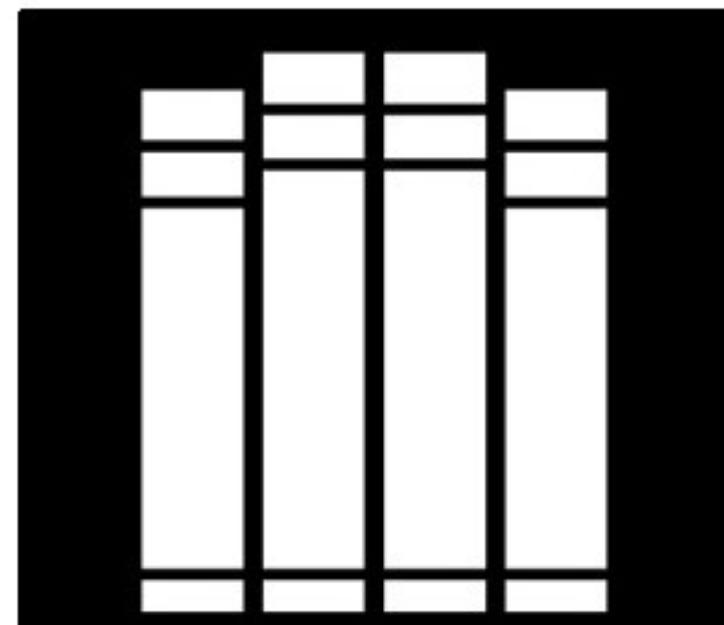
# OUA DRI NHOS DOURADOS

A HISTÓRIA DOS  
SUPLEMENTOS  
NO BRASIL

Diamantino  
da  
Silva



O Professor Diamantino da Silva começou sua história afetiva com os quadrinhos bem cedo, na primeira metade dos anos 30. Foi a leitura dos tablóides de quadrinhos *Suplemento Juvenil*, *Mirim*, *O Lobinho* e *O Globo Juvenil* que despertou nele sua paixão pelos desenhos, pelas aventuras e pelos incríveis personagens e heróis que sómente os quadrinhos podem criar. Nascido em Santos (SP), Diamantino logo transformou seu sentimento em atividade profissional. Foi ilustrador dos jornais *A Tribuna* e *Diário de Santos*. Mudando-se para São Paulo (SP), trabalhou como diagramador e publicou quadrinhos nas editoras Júpiter, Prelúdio e Paulinas e nos encartes de quadrinhos do jornal *Última Hora*.



## EXILADO DOS LIVROS

**Diamantino da Silva**

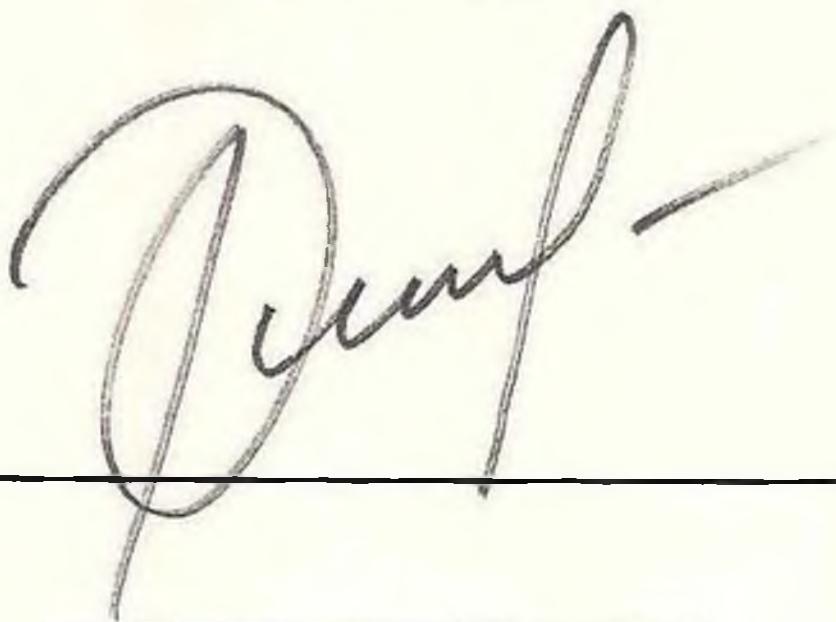
**QUADRINHOS  
DOURADOS**

A HISTÓRIA DOS  
SUPLEMENTOS NO BRASIL

**Opera Graphica Editora**

**QUA  
DRI  
NHOS  
DOURADOS**

*Diamantino  
da Silva*



**360**

de 1000

OPERA GRAPHICA EDITORA

**Dedico** este livro às minhas netas,  
Patrícia e Camila, e à memória de Antônio  
Luiz da Silva, meu saudoso irmão.

# Índice

---

Prefácio	5
Aos leitores	7
Como tudo começou....	8
O <i>Suplemento Juvenil</i> e seus irmãos <i>Mirim</i> e <i>O Lobinho</i>	17
O lado cívico do <i>Suplemento Juvenil</i>	34
Os grandes heróis de papel e seus autores	38
Os três gênios	45
Os heróis do <i>Suplemento</i> no cinema	51
Outras facetas do <i>Suplemento</i>	58
<i>Mirim</i> - revista semanal	62
<i>O Lobinho</i>	69
<i>O Globo Juvenil</i>	76
Cronologia	89
Bibliografia	95

## Obras do mesmo autor:

### **Quadrinhos para Quadrados**

Editora Bells - Porto Alegre - 1976

### **Desenho da Figura Humana**

Editora Discubra - São Paulo - 1977

### **Como Fazer Desenhos Animados**

Editora Kultus - São Paulo - 1985

## QUADRINHOS DOURADOS

*Diamantino da Silva*

Diretoria: **Carlos Mann, Franco de Rosa**

Edição e Produção: **Worney Almeida de Souza**

Textos e Pesquisa: **Diamantino da Silva**

Projeto gráfico: **USINA DE ARTES**

Diagramação: **Ed Peixoto**



**OPERA GRAPHICA EDITORA**

Correspondência: Caixa Postal 586, São Paulo/SP CEP 01059-970

[www.operagraphica.com.br](http://www.operagraphica.com.br)

[www.hqpoint.blogspot.com](http://www.hqpoint.blogspot.com)

[hqpoint@gmail.com](mailto:hqpoint@gmail.com)

Fotolitos: Laser Pan (11) 3641.4412

Impressão e acabamento: Expressão & Arte (11) 3951.5188

Impresso na primavera de 2003

© 2003 Diamantino da Silva - Todos os direitos reservados

O livro *Quadrinhos Dourados* é um estudo jornalístico e histórico sobre as publicações *Suplemento Juvenil, Mirim, O Lobinho e O Globo Juvenil* e toda a influência que esses tablóides tiveram sobre a cultura brasileira e sobre toda uma geração de leitores nos anos 30 e 40 do século 20. Todas as ilustrações e fotos são do arquivo pessoal do autor e foram incluídas no presente trabalho a título de resenha, não pretendendo ferir os direitos autorais de quaisquer origem.

# Prefácio

**M**inhas profundas reverências a este grande batalhador da história em quadrinhos no Brasil, o mestre Diamantino da Silva, extraordinário conhedor do assunto.

É, para mim, uma grande honra e orgulho fazê-lo, ao mesmo tempo em que me é extremamente fácil falar desse grande amigo.

Nossa história de amizade inicia-se nos anos 70, quando minha esposa Irene e eu tivemos o privilégio de partilhar a amizade e intimidade da família Silva, sua esposa Zilma e as lindas filhas Sheila (nossa afilhada) e Valéria, a caçula. Desde esse tempo, minha admiração pelo seu trabalho só tem aumentado, não só pelo seu imenso conhecimento sobre história em quadrinhos, o qual, por vezes, acaba compartilhando em palestras e convenções onde é convidado a participar, como também sobre cinema, sendo essas duas áreas de interesse comum a nós dois, o que vem fortalecer ainda mais nossa amizade.

Recordo-me de uma ocasião em que fomos convidados a participar do terceiro Congresso de História em Quadrinhos, em Avaré, que ficou famoso por contar com a participação de inúmeros artistas aclamados, como o grande Will Eisner e o cartunista Fortuna, o qual, convidado a comentar sobre a obra de Luiz Sá (Reco-Reco, Bolão e Azeitona), por alguma razão, não pôde comparecer. Com o auditório lotado e em desespero, o organizador do evento procurou o mestre

Diamantino, que o atendeu prontamente. Subiu ao palco, sem prévia preparação, e com seu carisma expôs aos participantes a vida e obra daquele fabuloso artista, cativando a todos, que o ovacionaram calorosamente.

Assim é a vida, e também a obra de Diamantino. Dentro seus trabalhos publicados, destaco: “Quadrinhos Para Quadrados”, “Desenho da Figura Humana” e “Como Fazer Desenho Animado”, além de seus textos publicados na revista *Mocinhos & Bandidos*, hoje conhecida em diversos países, veículo e divulgação do Clube Amigos do Western, do qual é também um dos fundadores.

Agora nos brinda com este magnífico *Quadrinhos Dourados*, onde relata a magia exercida pelos quadrinhos em nossa meninice, nas publicações *O Globo Juvenil*, *Suplemento Juvenil*, *O Lobinho* e *Mirim*, trazendo à tona algumas de nossas melhores recordações que, quase sempre, estão vinculadas ao suspense de uma boa história em quadrinhos.

Nas páginas que se seguem, podemos vislumbrar a importância dessas histórias, sua influência nesta arte dos quadrinhos, e a necessidade da preservação, para as futuras gerações, dessas relíquias, que ainda hoje existem, graças ao esforço e abnegação de fanáticos colecionadores.

O mais intrigante de todo esse fascínio causado pelas histórias de antigamente não é apenas o dos traços delicados e perfeitos de um Harold Foster, a visão futurista de um Alex Raymond ou o detalhismo de um Burne Hogarth, mas também a simplicidade dos heróis de outrora, invencíveis e insuperáveis, em suas fabulosas aventuras, fossem no espaço, nas cidades, nos mares ou nas selvas. Os heróis de então retratavam uma época de ouro, hoje perdida, em que as aspirações eram mais simples e a vida mais tranqüila, daí a grandiosidade da recuperação dessas obras por parte do amigo e mestre Diamantino da Silva.

*Umberto Losso*

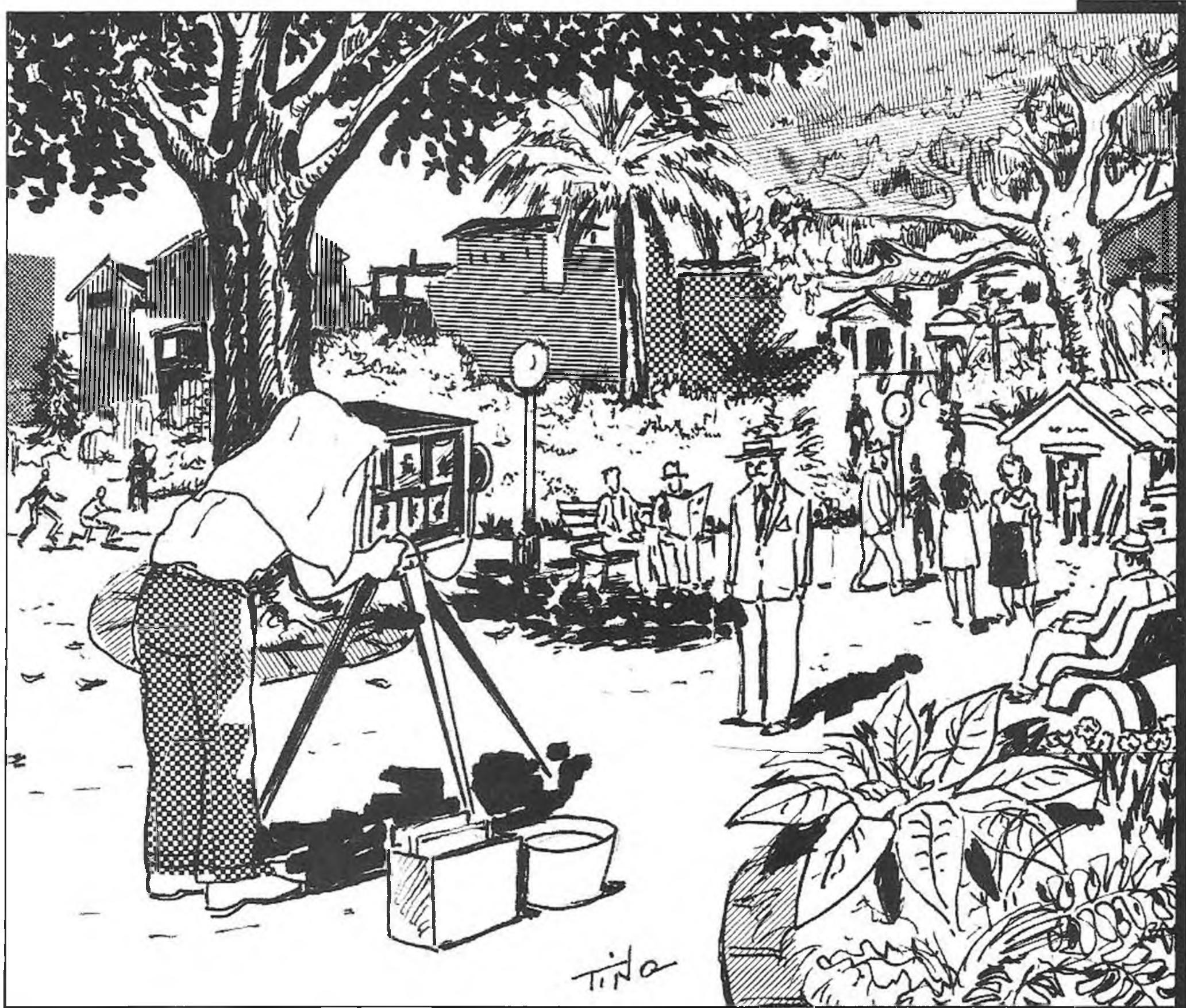
# Aos Leitores

**A**principal proposta deste livro é apenas servir como fonte de consulta permanente para todos os amantes de histórias em quadrinhos que tiveram, como eu, entre suas leituras prediletas o *Suplemento Juvenil*, o *Mirim*, *O Lobinho* e *O Globo Juvenil*.

Não houve de minha parte a pretensão de fazer uma análise exaustiva do assunto, mas somente fornecer o máximo de informações a respeito de tais publicações. Para tal, procedi pesquisa no material ainda existente em coleções particulares de amigos e colecionadores que, somados às minhas anotações pessoais, resultaram neste trabalho. Não podia deixar de expressar aqui meus sinceros agradecimentos a Umberto Losso, Primaggio Mantovi, Ionaldo Cavalcanti, Nilson Silva, Ivens José de Lima, Idalino Rodrigues dos Santos e Luiz Antonio Sampaio que, de uma forma ou de outra, contribuíram com informações esclarecedoras que possibilitaram a feitura desta obra.

*Diamantino da Silva*

# Como tudo começou...



*Na praça dos Andradas, além dos transeuntes que diariamente por lá passavam, existiam alguns desocupados que ficavam sentados nos bancos do jardim, olhando o bicho preguiça se movimentar no alto das árvores ou vendo o trabalho diário dos fotógrafos "lambe-lambe" que ali faziam ponto. (ilustração de Diamantino da Silva)*

**A**trasando o relógio do tempo, vamos nos embrenhar nos idos anos de 1934, na aprazível cidade de Santos, no litoral paulista, mais precisamente nos jardins da praça dos Andradas, situada bem no centro, onde um grupo de crianças diariamente se reunia para a prática de toda sorte de brincadeiras. Eu, um garoto de 8 anos, conhecido por todos como Tino, liderava esse grupo do qual faziam parte: Vadico (o mais velho), Armando, Arlando, Gabriel, Elias, Mariano e o Nilton, que embora estudasse na parte da manhã, vez por outra faltava à aula para poder participar de nossos folguedos.

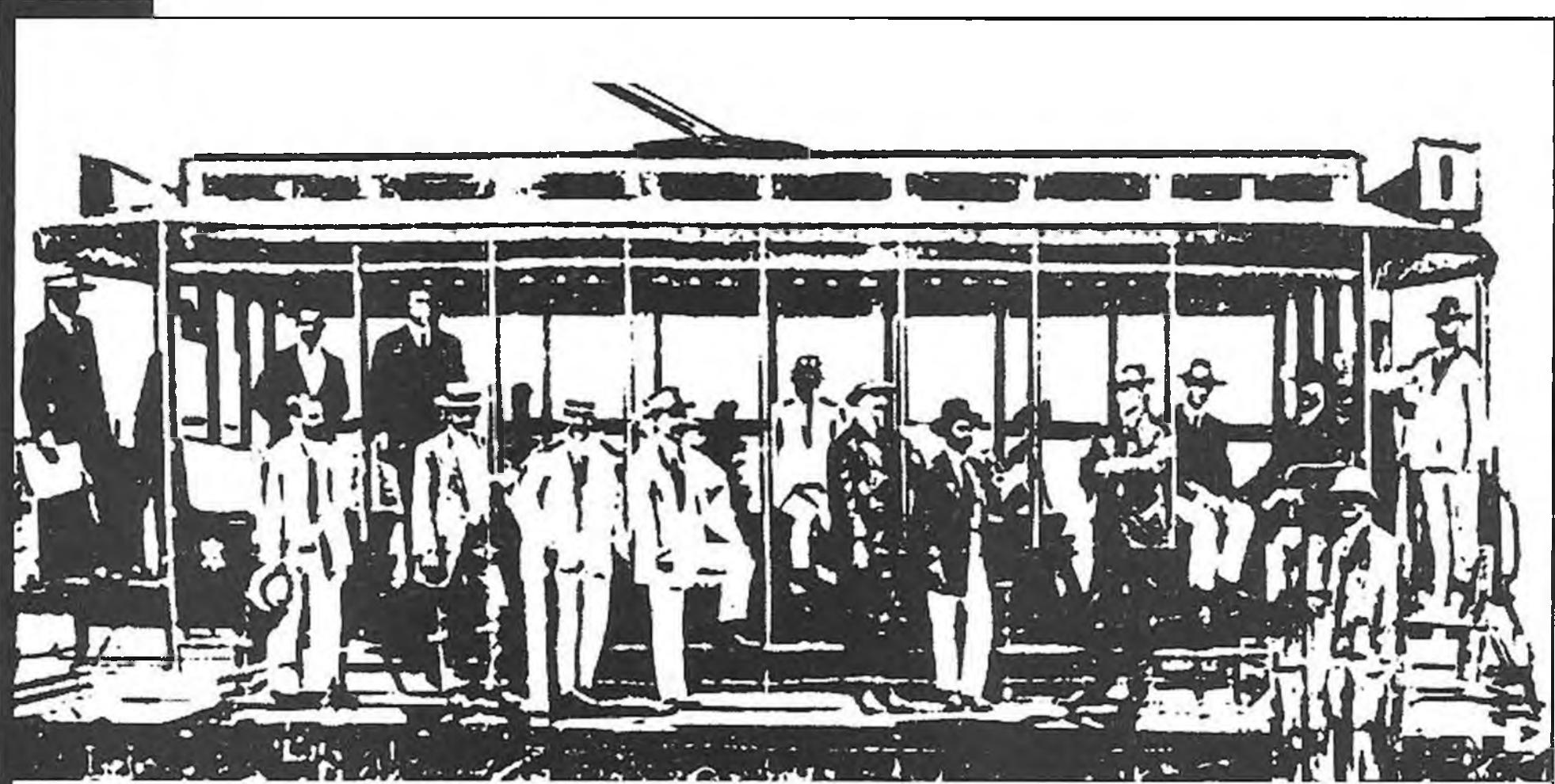


Também existia uma menina chamada Luzia (verdeira maria-moleque) que não gostava de boneca, tinha atitudes de macho, vivia no meio da molecada e até resolvia no tapa, quando algum de nós exagerasse em alguma graça. No futebol de rua, era sempre a goleira. Depois que me mudei em 1938, para o bairro do Marapé, perdi o contato com ela. Já sua irmã Dulce, mocinha de 16 anos, além de bonita era bem feminina e deixava a gente babando, principalmente quando aparecia, às vezes, lá na praça para chamar Luzia para casa. Bem defronte à praça, no número um, estava situada a antiga cadeia pública, hoje transformada num local de exposições. No outro lado, esquina com a rua Amador Bueno, se encontrava o Cine Guarany (cujas ruínas estavam lá há até bem pouco tempo). Também nessa praça, bem defronte à banca de jornais do Maneco, ficava o ponto final do bonde 01, que ia para a cidade vizinha, São Vicente.

Distante uns cem metros dali, mais precisamente no número 47 da rua São Leopoldo, estava o armazém de secos e molhados de meu pai, onde eu morava. Quando chovia, as nossas brincadeiras se transferiam para lá, no porão do armazém, entre sacos de arroz, feijão, batatas e caixotes de latas de azeite, banha e bacalhau. O espírito de liderança já começava a se manifestar em mim, devido a minha habilidade em criar sempre novos tipos de brincadeiras, por saber desenhar melhor que todos eles e pela facilidade em fazer novas amizades.



*O bonde elétrico 01, que saía da Praça dos Andradas, entrava na rua Visconde de São Leopoldo indo até o largo da Saudade. Depois, tomava o caminho do Matadouro (hoje avenida Nossa Senhora da Fátima), seguindo até a cidade vizinha de São Vicente.*



Logo, o porão acabou virando nosso quartel-general e todo o material que pudesse ser útil era lá guardado.



**V** Meu irmão Luiz (o primeiro à esquerda), com um grupo de garotos do Marapé, em Santos, que além de jogar bola nas areias da praia do José Menino, também gostavam de ler regularmente o Suplemento Juvenil, Globo Juvenil, Mirim e O Lobinho. Foto tirada no início dos anos 40.

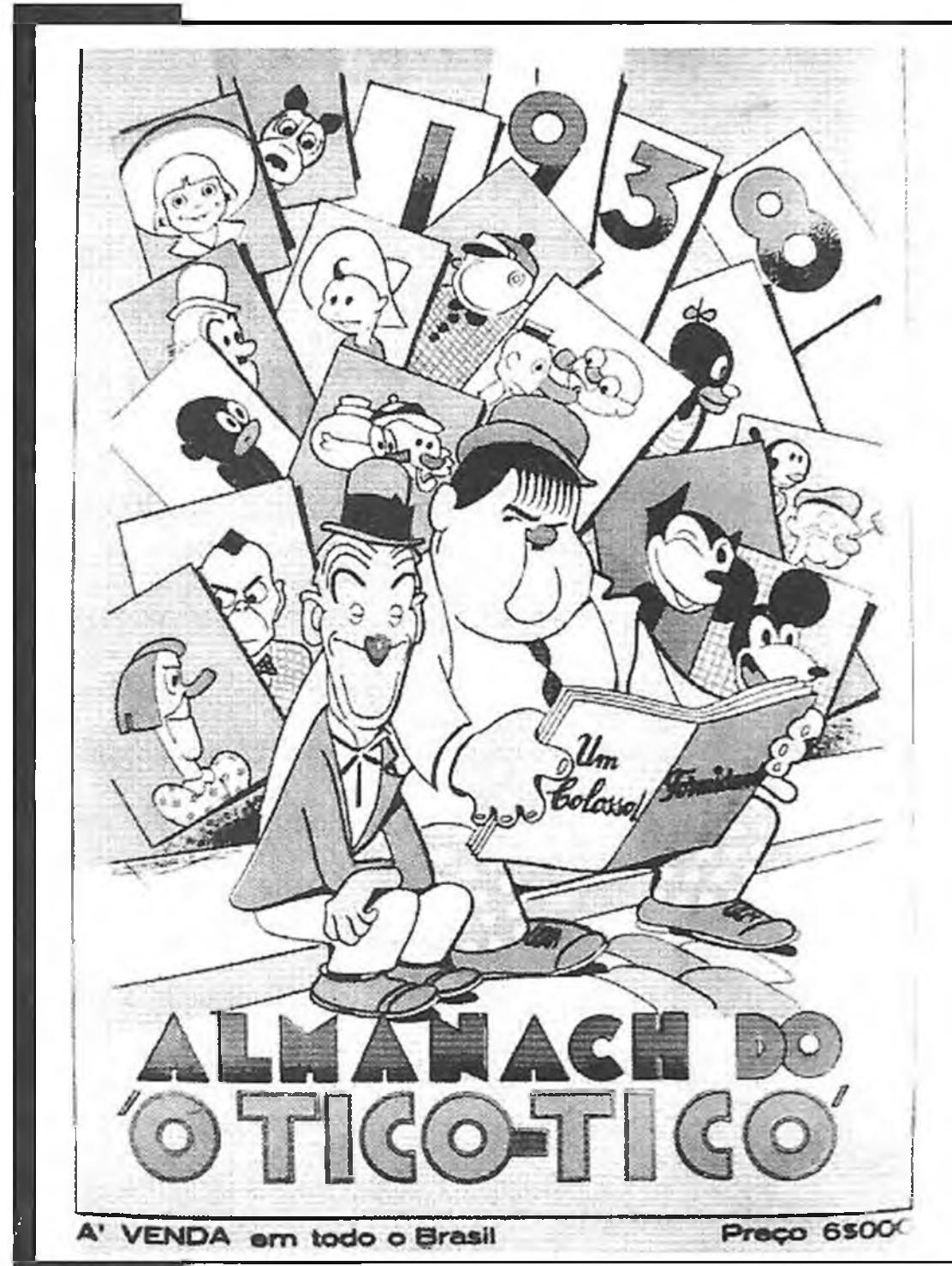
Em quase todas as ruas vizinhas de nosso bairro, por serem perto do cais do porto, existiam diversos armazéns de café e outras tantas firmas que forneciam os sacos de aniagem, também chamadas de sacarias. Desta forma, pela rua São Leopoldo era sempre grande o movimento de caminhões e carroções puxados por muares, carregados com sacas de café com destino ao porto e embarque nos navios lá atracados. Ao meio-dia em ponto, todo o centro da cidade era sacudido pelo toque da sereia do jornal *A Tribuna* e nós, que estávamos nos divertindo e correndo no meio das árvores do jardim, já sabíamos que era hora de parar tudo e sair em disparada para casa, a fim de almoçar e se aprontar para ir ao colégio.



O Cine Guarany ficava situado defronte da Praça dos Andradas e era um dos preferidos da garotada dos anos 30 e 40.

Eu estudava no Externato Roland, distante pouco mais de cinco minutos a pé de casa, mas, para alguns, suas escolas eram bem mais longe e, portanto, saíam em desabalada carreira.

Nessa hora, todas as quintas-feiras, o Vadico passava na banca do Maneco e comprava *O Tico-Tico*, pequena revista em quadrinhos que trazia as aventuras do camundongo Mickey, do Gato Félix, Zé Macaco e Faustina, Reco-Reco, Bolão e Azeitona, além de brinquedos para armar depois de colados em uma folha de cartolina, na página central. Eu, pessoalmente, não ligava muito para *O Tico-Tico*, o achava muito infantil para o meu gosto. Gostava mesmo era de freqüentar aos domingos as matinês do Cine Guarany e do São Bento, cinemas situados perto de casa. Neles, tive a oportunidade de assistir e vibrar com os seriados “A Sombra do Escorpião – Ralph Byrd”, “O Cavaleiro Alado – Tom Mix”, “O Cavaleiro Vermelho – Buck Jones”, “A Montanha Misteriosa – Ken Maynard”, “O Sertão Desaparecido – Clyde Beatty” e tantos outros. Esses filmes inspiravam meu mundo de fantasias e novas brincadeiras acabavam surgindo para alegria de meus comandados.



*“No princípio, o Almanaque de O Tico Tico era o presente de Natal que geralmente nossos pais nos davam no fim do ano. Porém, a partir de 1941, nossa preferência passou para o Almanaque do Globo Juvenil, por conter histórias de aventuras mais bem boladas e melhor desenhadas.” Diamantino da Silva*



O Cine São Bento, que ficava no bairro do Valongo, distante dois quarteirões de onde eu morava, tinha como boa parte de seus freqüentadores habitantes dos morros vizinhos. Nesse cinema bem popular assisti a muitos westerns e seriados, quando morava no centro da cidade.

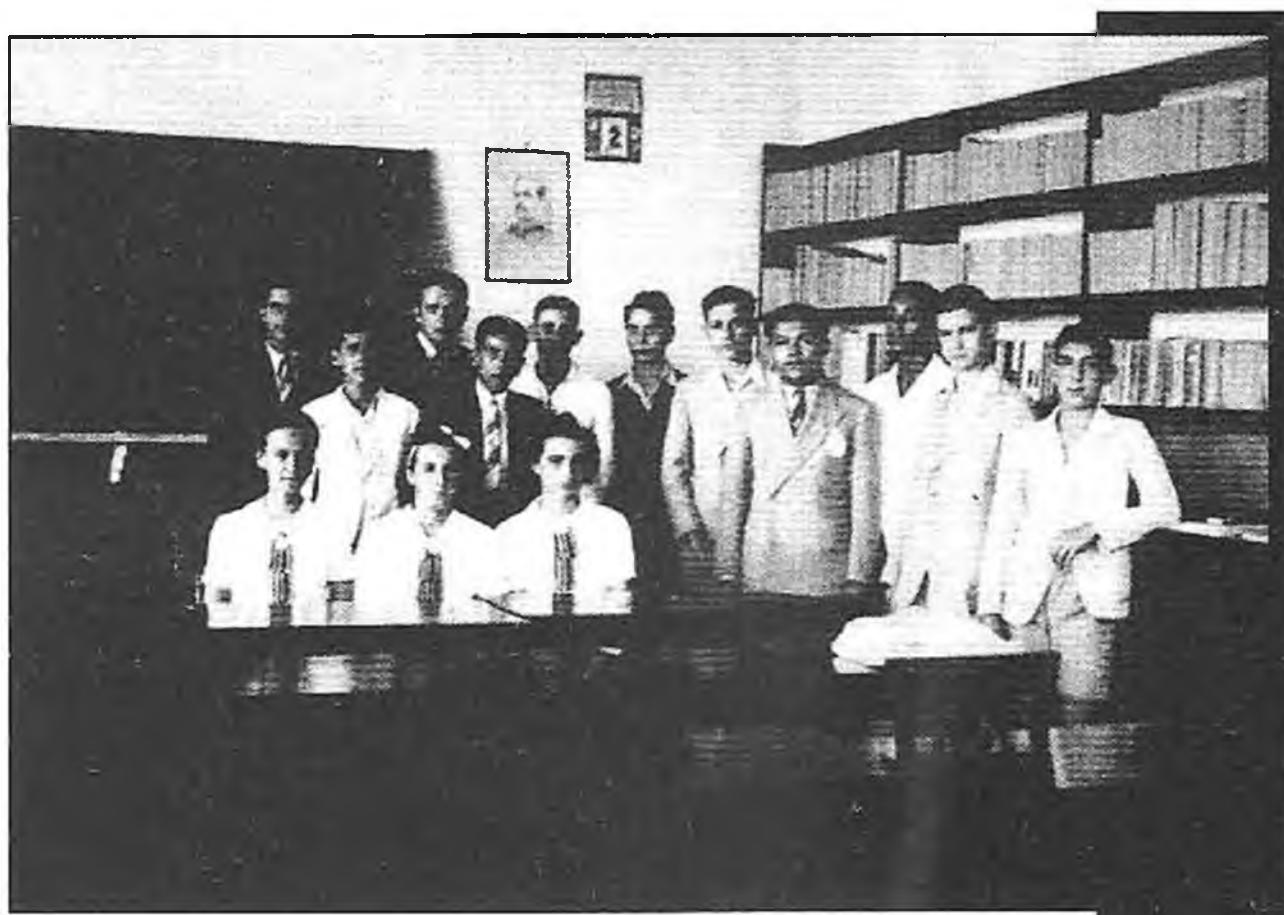


Foto tirada em 1940, quando eu (o segundo da direita para a esquerda), com 14 anos, freqüentava o terceiro ano do curso de técnico de Contabilidade, no Ginásio Tarquínio Silva, na cidade de Santos (SP).

Certo dia, voltava da escola caminhando pela rua Visconde do Embaré, quando, ao dobrar a esquina, me deparei com o Vadico na porta da Sapataria Ferreira, de propriedade de seu pai. Ao me ver, veio correndo me mostrar todo contente o jornalzinho que estava lendo e que acabara de comprar. Tratava-se de um tablóide de 12 páginas chamado *Suplemento Juvenil*, que logo conquistou minha simpatia e iria mudar de vez meu conceito e de todo o meu grupo sobre as histórias em quadrinhos. Flash Gordon, Bill, o

agente secreto X 9 e outros heróis que foram chegando a partir dos números seguintes: Tarzan, Mandrake, Jim das Selvas, Dick James, Inspetor Wade, começaram a fazer minha cabeça.

Logo tornaram-se nossos ídolos e ninguém queria perder um só capítulo de suas histórias. Para tanto, era necessário fazer algo que pudesse gerar os recursos financei-





ros para sua compra nas bancas. O *Suplemento* que começou semanal, custando 100 réis e depois 200 réis, logo passou a ser publicado duas e três vezes por semana, e haja tanto dinheiro para adquiri-los! Além disso, também descobrimos *A Gazetinha*, o *Mirim* e *O Globo Juvenil* com novos heróis e atrações.

Minha mãe, todos os domingos, me dava uma moeda de mil réis para eu ir na matinê do Cine São Bento, com meu irmão menor. Desse dinheiro acabava sempre sobrando 200 réis que mal dava para comprar um *Suplemento*. O Vadico arrumava sempre alguns trocados com seu pai, mas o resto da turma eram filhos de famílias de poucos recursos e quase nada conseguiam. O Brasil era o maior produtor mundial de café e os grandes negócios da cidade giravam sempre em torno dessa preciosa rubiácea. Nas muitas de minhas andanças pelas ruas do bairro, havia notado pessoas humildes varrendo as calçadas à cata de grãos crus de café que sempre caíam dos caminhões na hora do embarque ou descarga das sacas, nas portas dos armazéns. Esses grãos, depois de escolhidos, às vezes até peneirados, eram guardados em pequenos sacos para depois que atingissem alguns quilos, serem vendidos nas firmas de torrefação e moagem que existiam na cidade. Era uma das formas, desses desfavorecidos da sorte, conseguirem algum dinheiro extra. Isto me deu a idéia de aproveitar a boa vontade do grupo, para fazermos a mesma coisa. Convoquei a turma, consegui algumas vassouras velhas, latas e pequenos sacos e olha aí todos nós varrendo as calçadas, subindo nos caminhões após as descargas, na busca de boas quantidades de grãos que eram guardados em nosso porão. Em média por dia, quando não chovia, chegávamos a conseguir quase dois quilos de grãos de café. Uma vez cheio o saco de 60 quilos, o mesmo era vendido no Café Menezes, firma situada perto de casa, que torrava e moía os grãos para, em seguida, após empacotados, serem negociados em bares e feiras livres da cidade.

>  
Entrevistado pelo repórter, Diamantino, em sua mesa de trabalho, fala sobre quadrinhos, enquanto prepara uns desenhos de propaganda para o jornal *A Tribuna de Santos* (SP).



Com a grana apurada, por algum tempo, estava assegurada a compra do *Suplemento Juvenil, Mirim, O Globo Juvenil* e *A Gazetinha*. Depois de lidos por todos nós, os mesmos eram guardados numa estante que fiz, usando alguns caixotes de madeira que consegui junto ao meu pai. Às vezes, o dinheiro acabava um pouco mais cedo. Era quando surgiam nas bancas edições especiais e custavam mais caro: Edições Maravilhosas (mil réis), livro de Bill, o Agente Secreto (5 mil réis), livro de Flash Gordon (7 mil réis), livro de Jim das Selvas (6 mil réis) etc. Ficava um “Deus nos acuda”. O trabalho passava a ser redobrado e até nossos pais tinham de dar uma mãozinha. Esse nosso grupo se desfez em 1938, quando completei 12 anos e fui morar no bairro do Marapé, numa grande casa de três pavimentos que meu pai construiu tão logo vendeu o armazém e resolveu se aposentar. Nessa nova morada, que ficava na avenida Pinheiro Machado, 914, distante três quarteirões da praia do José Menino, outras amizades foram surgindo, me fazendo esquecer daquele pessoal lá do centrão.

A nova patota de jovens, também vidrados por cinema e histórias em quadrinhos, tinham agora novos nomes. O Domingos e o Bino eram filhos de uma lavadeira portuguesa, o Ovídio, cujo pai era representante na cidade dos biscoitos Duchen e, finalmente, o Felício e o Bandola, vinham de uma família de trabalhadores portuários.

Por essa época, nossas publicações preferidas já estavam custando 300 réis cada, e como não tínhamos outra fonte geradora de recursos financeiros, a ordem agora era



*Um perfil das praias de Santos (SP), em 1959. Novas construções surgindo por toda a orla marítima, demonstrando a pujança e a grandeza da terra fundada por Brás Cubas.*



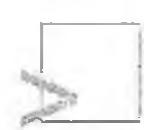


Foto tirada no interior do atelier do desenhista Umberto Losso, em Santos, dias antes de transferir minha residência para São Paulo. Além de grande amigo, Losso tem prestado valiosa colaboração em todos os meus editados.

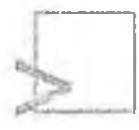
cada um assumir uma responsabilidade. Eu comprava o *Gibi*, o Ovídio trazia sempre *O Globo Juvenil*, o Domingos se encarregava do *Suplemento Juvenil*, enquanto os dois outros apareciam de vez em quando com algum exemplar que seus irmãos mais velhos levavam para casa.

Quando terminou a Segunda Guerra Mundial, em 1945, minha condição profissional praticamente estava formada e fui admitido como funcionário da Cia. Docas de Santos, meu primeiro emprego com carteira assinada. Antes, havia militado algum tempo na redação do jornal *Diário de Santos*, como desenhista *free-lancer*.

Agora com um salário assegurado, deixaram de existir as angústias que sempre passavam na hora em que via nas bancas algo que me interessava. Por sua vez, também os outros amigos foram trabalhar e cada um foi tomando seu rumo, casando e criando filhos... As histórias em quadrinhos, o cinema e a música de jazz foram, nesse período, a minha grande paixão. Adquiri os números das publicações que me faltavam e guardei por longo tempo coleções encadernadas quase completas do *Suplemento Juvenil*, *O Globo Juvenil* e *A Gazetinha*. Comprei um projetor de 16 mm sonoro e passei a colecionar filmes dessa bitola em curtas e longas-metragens. Isso sem falar nas pilhas de discos de 78 rotações, contendo gravações dos sucessos da banda de Glenn Miller, Tommy Dorsey, Harry James, Artie Shaw, Louis Armstrong, Duke Ellington e tantos outros, que ainda hoje cultuo, só que agora em CD e DVD.



O Professor Diamantino da Silva e o desenhista Umberto Losso participando como convidados da exposição sobre histórias em quadrinhos, realizada numa das unidades do SESC, em São Paulo (SP), no final dos anos 70.



Professor Diamantino ministrando aulas de desenho na escola Pro-Tec.



Depois de muito namorar, acabei casando com Zilma, uma moça que morava quase defronte da minha casa e de cuja união nasceram minhas duas filhas, Sheila e Valéria.

A partir de então, me dediquei com afinco ao desenho e às artes gráficas, freqüentando diversos cursos nesse sentido. Passei a trabalhar nos momentos de folga para agências de propaganda e a desenhar histórias em quadrinhos que foram

publicadas pelas editoras Júpiter, Prelúdio e Edições Paulinas de São Paulo e nos encartes de quadrinhos do jornal *Última Hora*, confeccionados pela Editora Brasil-América do Rio de Janeiro. Foi nessas minhas andanças pela terra carioca, que melhor conheci o senhor Adolfo Aizen, com quem mantive um bom relacionamento até sua morte.

Meses antes de deixar a cidade de Santos e fixar residência aqui em São Paulo, certo dia apareceu na porta de casa um rapaz que desejava ver minha coleção de revistas, álbuns e livros de quadrinhos. Era o Umberto Losso, desenhista de mão cheia, funcionário da Refinaria Presidente Bernardes e também vidente por cinema. Estava nascendo uma sólida amizade que vem atravessando todos esses anos e muito me tem ajudado na confecção de *Mocinhos & Bandidios*,

publicação trimestral que edito desde 1985. Aqui, em São Paulo, trabalhei como diagramador e paginador da revista *APB* e da *Revista dos Criadores*. Ao mesmo tempo, tornei-me professor de desenho e produção gráfica, lecionando essas disciplinas nas escolas Pro-Tec, na faculdade de Comunicação Social Anhembi e na FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado).

Ao completar 70 anos de idade, me aposentei e passei a gerenciar melhor a publicação que edito e participar semanalmente das reuniões com outros aficionados no *Clube Amigos do Western*, do qual sou um dos fundadores e presidente.



# o Suplemento Juvenil e seus irmãos Mirim e O Lobinho

## Suplemento Juvenil

*Ele às bancas chegou....  
Como quem chega do nada  
Foi visto, lido e revisto  
E a todos encantou.  
Plantou uma semente  
Que em pouco frutificou  
E quando um dia se foi  
Muitas saudades deixou...*

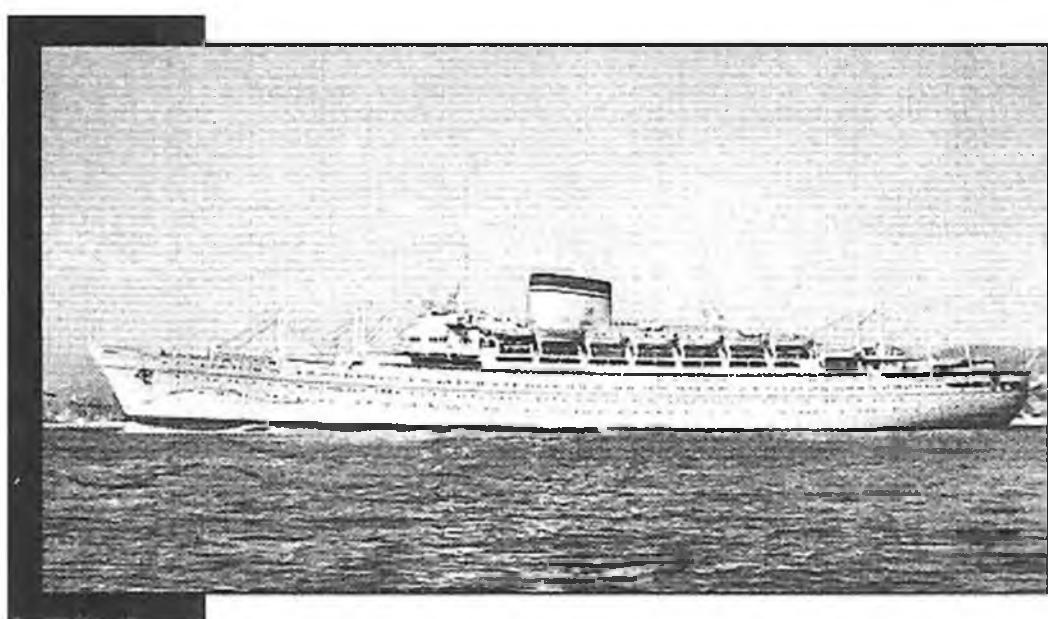
O interesse social pela literatura de imagem mudou radicalmente em nosso país, a partir de 1934, com o aparecimento do Suplemento Juvenil. Ele foi o responsável pela criação de uma exuberante mitologia com vasta aceitação popular. Assistiu-se, desde então, o surgimento de uma família de heróis de dimensão tão fantástica que só tinha paralelo com as das velhas mitologias orientais e grego-latinas.

As histórias em quadrinhos deixaram de beber nas fontes da literatura popular e do cinema para desenvolver novos gêneros diferentes dos já existentes. Elas conseguiram levar o público leitor brasileiro a novas aventuras estimulantes, situadas em paragens exóticas na África e na Índia (Tarzan e Jim das Selvas); afastadas no tempo medieval (Príncipe Valente); no mundo futuro do espaço (Flash Gordon e Buck Rogers); ou baseadas nas profissões excitantes dos detetives, agentes secretos e pilotos aéreos (Agente Secreto X 9, Dick Tracy, Az Dumond e Tailspin Tommy).

Ao mesmo tempo, agiam como estimulante evasão compensatória da rotina e das frustrações cotidianas sofridas pelo público leitor, o que lhes garantia a popularidade. Devemos não nos esquecer de somar a tudo isso o pequeno esforço intelectual requerido por sua leitura, de uma forma bem popular, bem menor que o solicitado por qualquer romance ou outras obras da literatura universal.



*Representando jornais e revistas de nossa terra, o jornalista Adolfo Aizen embarcou num transatlântico rumo aos Estados Unidos.*





JÁ FEZ MALA-  
BARISMO COM UM MA-  
LABARISTA,  
PIETRO?



Em 1933, depois de ser homenageado num jantar oferecido por amigos no Bar das Flores, no Rio de Janeiro (então nossa capital federal), o jovem jornalista brasileiro Adolfo Aizen, que tivera dias antes seu nome escolhido pelo Comitê de Imprensa do Touring Club do Brasil para uma viagem aos Estados Unidos, representando os jornais e revistas do país, arrumou as malas e embarcou num transatlântico rumo a Nova York. Lá chegando, verificou, ao visitar redações de jornais e manter contato com jornalistas americanos de que forma a grande nação procurava se erguer da grande crise econômica resultante do “crack” financeiro de Wall Street, que abriu um período de austeridade e miséria urbana.

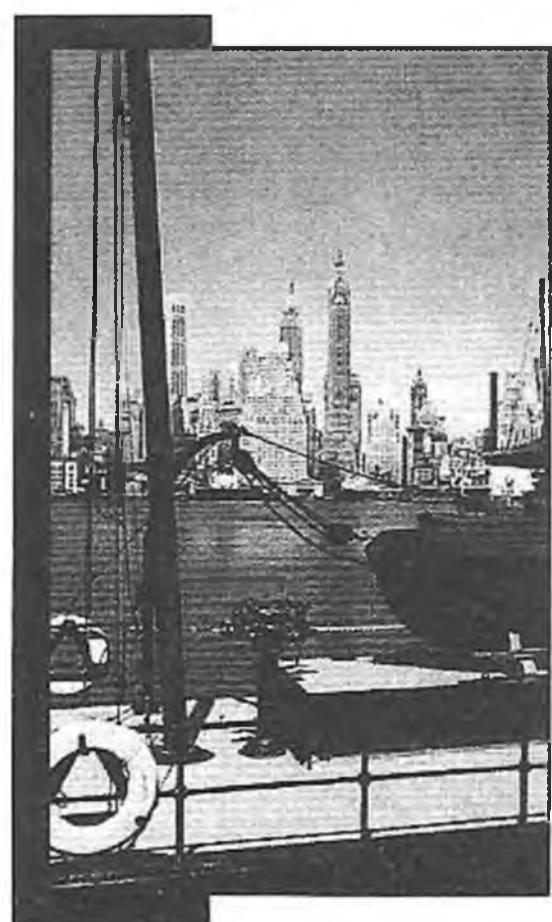
Durante sua estada no *Daily Mirror* travou conhecimento com diretores do Consórcio Hearst, a maior organização jornalística da América e lá ficou encantado e surpreso com o sucesso que faziam os suplementos que vinham encartados dentro de uma cadeia de jornais espalhados por todos os Estados Unidos.

A grande atração desses encartes eram as histórias em quadrinhos neles inseridas, que abriam as portas da fantasia ao público leitor, com deslocações a continentes longínquos, selvas tropicais, aventuras aéreas e toda sorte de proezas sem conta. Era tudo que poderia desejar um cidadão frustrado numa mediocre e pouco estimulante vida privada. Adolfo Aizen, que já havia trabalhado por algum tempo na editora *O Malho*, que publicava desde 1905 a revista *O Tico-Tico*, a mais velha publicação de quadrinhos brasileira, achou que poderia repetir aqui entre nós o sucesso conseguido pelos americanos, com suplementos de quadrinhos dentro dos nossos jornais.

Para tanto, procurou entrevistar desenhistas e autores dos principais heróis fictícios, produto da tinta nanquim sobre papel, além de assegurar junto aos sindicatos distribuidores que já se formavam, os direitos de reprodução no Brasil.

Com mil planos e idéias na cabeça, retorna ao Rio de Janeiro, certo de que as indústrias jornalísticas e editoriais brasileiras poderiam servir como o suporte que iria transformar as histórias em quadrinhos em meio de comunicação de massa, com grande interesse sociológico.

Na Cidade Maravilhosa, convoca uma reunião com os amigos Osvaldo da Silveira, Monteiro Filho, Roberto Macedo e Luiz Peixoto, onde expõe de maneira clara seu plano e pede o apoio de todos. Nesse mesmo dia, o nome do



*Chegando em Nova York, Aizen visitou redações de jornais e manteve contato com jornalistas americanos e diretores do Consórcio Hearst, a maior organização jornalística da América.*



J. Carlos (José Carlos de Brito e Cunha 1884-1950), já considerado um dos maiores ilustradores de sua época, no Brasil, foi autor da primeira capa do Suplemento Infantil, tablóide que veio encartado no jornal *A Nação*, no dia 14 de março de 1934, e 14 semanas depois mudaria o nome para Suplemento Juvenil.

capitão João Alberto Lima de Barros, revolucionário de 1924, comandante da chamada Coluna Prestes, chefe da revolução de 1930, fundador e diretor do jornal *A Nação*, foi incluído no grupo por sugestão de Luiz Peixoto.

João Alberto, que era um homem de visão e idéias bem avançadas para a época, acolheu entusiasticamente o plano de se editar diariamente um suplemento encartado dentro de seu jornal, de interesse para todo tipo de leitor. Era dado o primeiro passo para se pôr em prática uma nova idéia que iria revolucionar a imprensa brasileira e, por tabela, nas décadas seguintes, o próprio jornalismo, rádio, revistas, livros e até outras formas de culturas.

Estava fundado o “Grande Consórcio de Suplementos Nacionais”, encarregado de produzir um tipo de Suplemento diferente por dia, que era distribuído pelo vespertino *A Nação* e através de uma cadeia de jornais por todo o Brasil. *Suplemento Infantil*, *Suplemento Gráfico*, *Suplemento Feminino*, *Suplemento de Bom Humor*, *Suplemento Policial* eram alguns dos títulos que em pouco tempo granjearam simpatia do público, que em sua maioria passou a comprar o jornal por causa do suplemento.

No dia 14 de março de 1934, uma quarta-feira, os leitores de *A Nação* encontraram no interior de seu jornal um apêndice ilustrado chamado *Suplemento Infantil*, com uma capa desenhada por J. Carlos, que iria mudar o modo de vida dos cariocas.

Além do conto “A pedra que rolou da montanha”, de Luiz Martins, este primeiro número trazia uma aventura de Bob, de C. D. Russell, Louro, de Pat Sullivan, Boa Vida (Pete The Tramp), do mesmo C. D. Russell, Trapalhadas, Monólogo de Um Menino Gago, de Eustárgio Wanderley, Casa Maluca, de Russ Westover e, na última página, Os Exploradores da Atlântida ou As Aventuras de Roberto Sorocaba, de Monteiro Filho.

Diante do sucesso alcançado, era natural que sua independência econômica fosse uma questão de dias, e isto aconteceu em 20 de junho de 1934. Nesta data surgia nas bancas o *Suplemento Juvenil*, um novo tipo de jornalzinho (formato tablóide), custando 100 réis, logo transformado no órgão oficial do pessoalzinho miúdo.

Era o exemplar de número 15, com 12 páginas, trazendo na capa uma ilustração de Monteiro Filho em duas cores, para o conto “O Jardim das Rosas Negras” de Enrique Abllan, capítulo de “Flash Gordon no Planeta Mongo” (página central) e Bill, o Agente Secreto (na última página), um desenho para colorir, além de outras pequenas histórias.

Na capa logo abaixo de seu logotipo existia a seguinte observação: “Na Capital Federal (Rio de Janeiro) este suplemento vende-se exclusivamente a 100 réis. No interior e todos os estados do Brasil, acompanha o seu jornal de preferência”. Adolfo Aizen era seu diretor geral, Monteiro Filho era redator-artístico, ficando com Osvaldo da Silveira o cargo de redator-secretário. No resto do país, o Suplemento Juvenil era distribuído pelos seguintes jornais: Maranhão – *Notícias de São Luiz*; Alagoas – *Gazeta de Alagoas*, de Maceió; Bahia – *A Bahia*, de Salvador; Espírito Santo – *O Estado*, de Vitória; Estado do Rio – *O Rebate*, de Macaé; *Correio da Lavoura*, de Nova Iguaçu; *A Razão*, de Cabo Frio, *O Floriense*, de Floriano; Minas Gerais – *O Progresso*, de Alvinópolis, *A Voz da Mata*, de Manhassu; São Paulo – *Folha de Santos*, de Santos, *Diário do Povo*, de Campinas; *Correio da Tarde*, de Ribeirão Preto; *A União*, de Cafelândia; *A Comarca*, de Matão; *Folha de Batatais*, de Batatais; *A Gazeta de Limeira*, de Limeira; *O Progresso*, de Itu; *A Cidade de Itapira*; de Itapira; *Comércio de Franca*, de Franca; *Correio da Semana*, de Jardinópolis; *O Município*, de São João da Boa Vista; *Jornal de Piracicaba*, de Piracicaba; *O Tempo*, de Lins; *Gazeta de Bebedouro*, de Bebedouro; *Jornal de Notícias*, de Botucatu; Goiás – *O Comércio*, de Goiânia; *A Luta*, de Anápolis; Santa Catarina – *A Notícia*, de Joinville; Rio Grande do Sul – *Caxias Jornal*, de Caxias; *Gazeta de Alegrete*, de Alegrete e *O Imparcial*, de São Gabriel.



Buck Rogers surgiu em 7 de janeiro de 1929 e foi o primeiro herói espacial e fantástico-científico dos quadrinhos, antecessor de Flash Gordon. Desenhado por Dick Clarkins, impressionava os leitores do Suplemento Juvenil pelo aparelho que usava nas costas, que lhe permitia voar como um pássaro. Muitos anos depois, apareceu por aqui um americano que, com um aparelho semelhante, fez demonstrações de vôo no antigo aterro do Flamengo do Rio de Janeiro e, recentemente, durante os desfiles das escolas de samba no Sambódromo da Marquês de Sapucaí, no carnaval carioca.



Ainda sobre este número 15, o primeiro da era *Suplemento Juvenil*, na página 5, encontrava-se o seguinte comunicado de seu diretor: “De hoje em diante, este jornalzinho, cujo título passará a ser Suplemento Juvenil, será encontrado em todas as bancas ao preço de 100 réis, podendo ser adquirido separadamente de A Nação. À criançada será então mais fácil adquirir o seu jornal preferido, pois 100 réis, sejamos fracos, é um preço convidativo, menor do que o de uma caixa de fósforos. Doze páginas de histórias, contos, concursos, lições do professor Rafael Murilo, lendas, caricaturas, romances ilustrados em cores e tudo mais por um tostão.”

À medida que o *Suplemento* mais se firmava como órgão oficial do pessoalzinho miúdo, suas tiragens se esgotavam poucas horas após chegarem às bancas. O número 28 teve de ser reimpresso, devido à avalanche de pedidos de leitores que não haviam conseguido comprar seus exemplares.

Em novembro de 1934, ele passava a ser bissemanal, saindo às terças e sexta-feiras e seu preço ajustado para 200 réis, o mesmo cobrado pelos jornais diários de então.

Em meados do mês de dezembro daquele ano, surgiu a primeira *Edição Maravilhosa*, que consistia num número especial com 64 páginas, publicando dois capítulos de cada história em quadrinhos, contos, as seções habituais e um mundo de novas atrações. Essas edições acabaram se tornando trimestrais, saindo nos meses de março (aniversário do *Suplemento*), junho (edição junina), setembro (Independência do Brasil) e dezembro (Natal). Muitas vezes, além dos dois capítulos de cada história, aparecia também uma aventura completa de algum dos heróis amados pelo público juvenil.

A *Edição Maravilhosa* mais bonita segundo consta foi a de 12 de dezembro de 1936 que, além de trazer uma história completa sobre o Papai Noel e dos dois capítulos habituais de cada aventura, tinha uma belíssima capa de cartolina, estampando um desenho em três cores (tricromia) de Humberto, onde apareciam Flash Gordon, Tarzan, Tim, Rei da Polícia Montada, Jim das Selvas, Rádio Patrulha, Dick James e o Agente Secreto X 9. Está jóia, que tinha cem páginas, custava 2 mil réis e foi bastante disputada pelos leitores mirins, quando chegou às bancas de jornais.



*A partir do número 15, com o nome alterado para Suplemento Juvenil, ele deixava de vir encartado no jornal A Nação e passava a ser vendido nas bancas no Rio de Janeiro, ao preço de 100 réis (um tostão). Isso aconteceu exatamente no dia 20 de junho de 1934. O Suplemento Juvenil era uma réplica dos encartes dominicais americanos coloridos e juntava tiras diárias de quadrinhos em preto-e-branco com pranchas coloridas, aqui reproduzidas nas cores azul e vermelho, improvisadas tipograficamente.*



*Carlos Arthur Thiré, enquanto trabalhava como desenhista no jornal A Noite, levado por seu amigo, o escritor Malba Tahan, namorava Maria Antonieta Porto Carreiro, mais tarde a atriz Tonia Carreiro, com quem acabou se casando. Nesse tempo, passou a colaborar no Suplemento Juvenil, onde desenhou e publicou várias histórias a partir de 1936. "O Gavião de Riff" e "Raffles" foram algumas delas, feitas com traços simples, mas elegantes.*



## Edição Maravilhosa: Natal de 1936

*"Os sinos estão repicando nas torres das igrejas. Os galos madrugadores estão cantando a sinfonia dos novos dias que vão surgir. Pelos quatro cantos do Brasil, por todos os caminhos do Rio de Janeiro, pela ruas claras da Paulicéia, pelas estradas perdidas e pelos campos onde se consagra a grandeza econômica de nossa terra; por todos os lugares em que há meninos e meninas que sabem ler, estará presente esta Edição Maravilhosa. Não se compreenderia uma roseira sem rosas, uma macieira sem maçãs. Também assim não se compreenderia o Natal de 1936, sem a nossa Edição Maravilhosa."*

Nessa época, a redação do *Suplemento* estava instalada na rua 13 de maio, 37, no Rio de Janeiro, em cuja loja térrea se encontrava a Livraria Juvenil. Nela, se podia encontrar sempre números atrasados do *Suplemento Juvenil* e do *Suplemento Policial*, além de livros para crianças da coleção *Terramarear*, por exemplo.

Uma curiosidade que poucos sabem é que o senhor Adolfo Aizen, quando verificava que seus estoques de números atrasados estavam no fim, recomprava esses exemplares por preços maiores de quem se dispusesse a vendê-los.

Com a aquisição de uma rotativa a quatro cores em 1937, se tornou necessário um local maior que pudesse abrigar não só as oficinas, como a redação, o arquivo, os escritórios e a direção geral. Foi escolhido, então, um edifício de quatro pavimentos na rua Sacadura Cabral, 43, onde o *Suplemento Juvenil* encontrou finalmente o espaço que carecia. Quase ao mesmo tempo, na rua General Caldwell, 318, entrava em funcionamento a oficina de obras gráficas mais elaboradas, para a confecção dos livros de *Biblioteca Mirim*, *Juvenil* e *Pátria*, como também álbuns e revistas. Chefiando estas oficinas estava o português Antônio Alves que, segundo o próprio Aizen, havia fracassado como quitandei- ro, mas que revelou-se excelente produtor gráfico.



*Red Barry*, de Will Gould, também chamado de "cabeça de fogo", era presença obrigatória, em cores, nas edições de terças-feiras do *Suplemento Juvenil*, desde 1934. Infelizmente esta série foi cancelada seis anos depois por problemas com a censura dentro da King Features Syndicate.



Aviso aos leitores  
publicado no *Suplemento Juvenil*, em 1936.

## Aos nossos leitores

O "Suplemento Juvenil", o "Globo Juvenil" e "A Gazetinha" passarão a custar 300 réis a partir do próximo dia 15.

**SUPLEMENTO JUVENIL**

ANO II

Rua 13 de Maio, 33-1º andar — Tel. 22-1860 — Rio de Janeiro

NUM. 108

O novo preço dos três jornais entrará em vigor a partir do dia 15 do corrente. E estamos certos que essa majoração de CEM RÉIS será plenamente compreendida pelos nossos leitores, mormente ao saber que a matéria atual em nada será sacrificada e que procuraremos mais e mais melhorar nossas páginas.



**V**  
*Buffalo Bill (Bronco Bill) desenhado por Harry O'Neill, que aparecia nas edições de quintas-feiras do Suplemento Juvenil, desde 1935, pretendia ligar as façanhas deste garoto cowboy como sendo as vividas pelo grande caçador de búfalos do continente norte-americano.*

Com todo este equipamento próprio, o órgão oficial do pessoalzinho miúdo floresceu ainda mais, aumentou suas tiragens chegando a todas as cidades, vilas e subúrbios do país. Só no Rio de Janeiro eram vendidos 40 mil exemplares e outros tantos em São Paulo, distribuídos pela Agencia Modesto & Donato.

Nesta altura, o Suplemento já era publicado três vezes por semana, às terças, quintas e sábados em edições de uma, duas e três estrelas e novos heróis aparecendo: Buffalo Bill e Cazuzinha (Harry O'Neill), Dick Tracy (Chester Gould), Rei da Polícia Montada (Allen Dean), Popeye (Elsie Segar), Red Barry (Will Gold), Príncipe Valente (Hal Foster), Pinduca (Carl Anderson), Fred, o Gavião dos Ares (Russell Keaton) e Terry o os Piratas (Milton Caniff). Eles vieram se juntar aos já existentes Flash Gordon, Jim das Selvas e Bill, o Agente Secreto X 9 (Alex Raymond), Mandrake (Lee Falk e Phil Davis). Inspetor Wade (Lyman Anderson), Dick James



**>**  
*Príncipe Valente, imortal criação de Hal Foster que o Duque de Windsor considerou: "a maior contribuição para a literatura inglesa nos últimos anos". A história do Príncipe Valente acontece numa época mítica na corte do Rei Arthur, possivelmente no século V, para onde foi Valente, filho do rei de Tule, expulso de seu reino pelos bárbaros. Em Camelot, Valente torna-se um cavaleiro da Távola Redonda e começam suas memoráveis aventuras, que Foster transformou na maior obra gráfica editada no mundo. No Brasil, o primeiro capítulo de Príncipe Valente surgiu na Edição Maravilhosa do Suplemento Juvenil 393, que chegou às bancas no dia 19 de junho de 1937.*







(Clarence Gray), Buck Rogers (Dick Clakins) e as Sinfônias de Walt Disney. Este editado do senhor Adolfo Aizen, vivia seu período de fausto e suas tiragens alcançavam marcas incríveis, suplantando em muito a casa de 300 mil exemplares, fato até então inédito em toda a imprensa brasileira. Vale aqui acrescentar que nem a chegada do concorrente *O Globo Juvenil*, em 1937, alterou este panorama, mesmo nos dois anos seguintes.

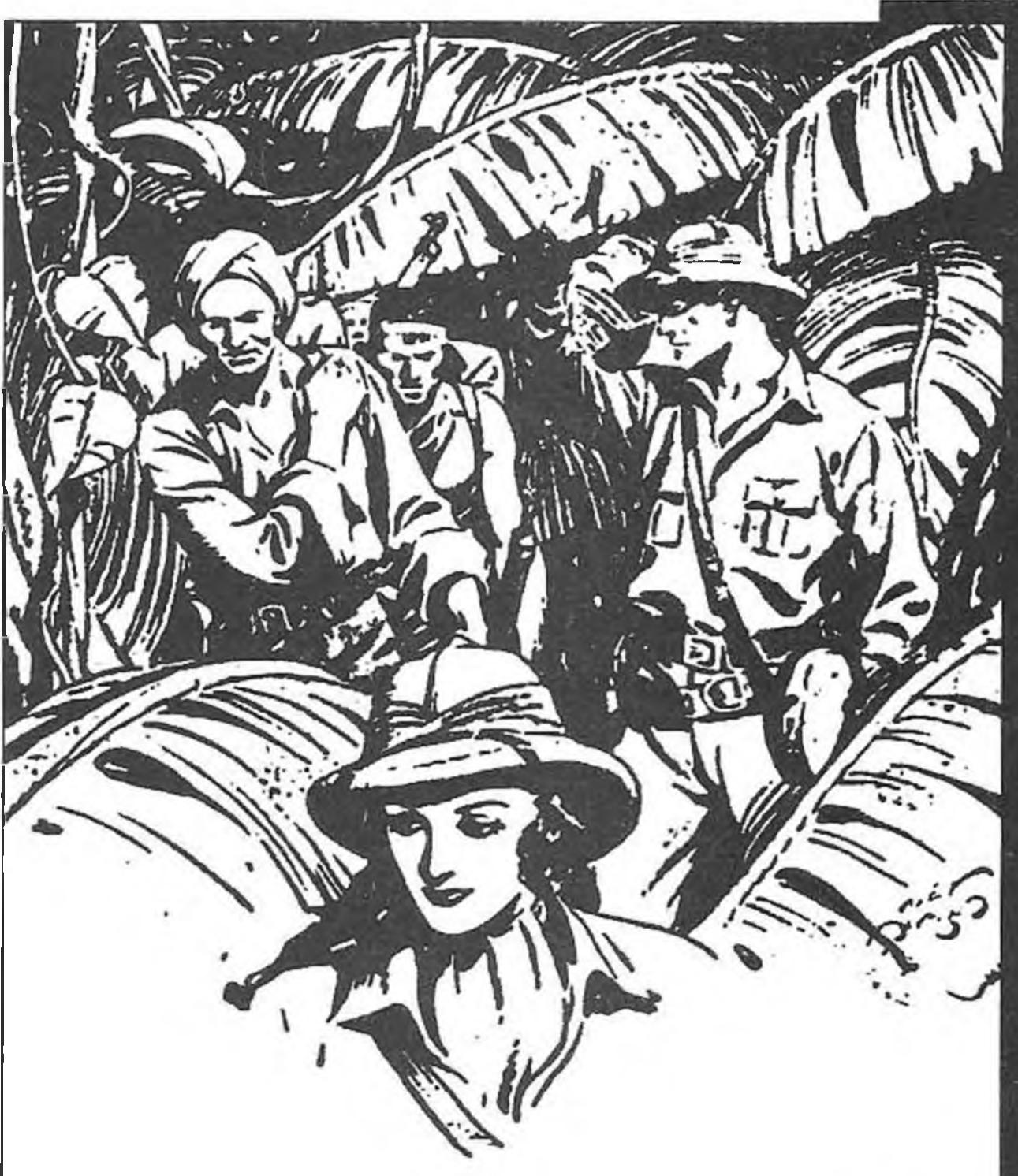
O trabalho dentro da redação do *Suplemento Juvenil* não parava. Pelo relato que faremos a seguir, o leitor poderá ter uma idéia do trabalho que dava preparar uma simples páginas (capítulo) de cada história.

As páginas eram enviadas pelos sindicatos distribuidores em tiras de três ou quatro quadrinhos escritas em inglês. Depois de traduzidas para nosso idioma, eram montadas numa folha formato tablóide por um especialista ou desenhista e, a seguir, enviada para a oficina de gravura que a transformava num clichê de zinco. Se a mesma fosse colorida, era necessário um clichê para cada cor. Terminados os clichês referentes ao número de páginas de cada edição, os mesmos desciam à composição, sendo montados nas ramas: estas, por sua vez, eram colocadas numa enorme caladra (prensa), onde sob a pressão de várias mil libras, se transformavam numa matriz (flan). A matriz ia então para outro departamento: a fundição. E um novo clichê cilíndrico em chumbo era feito. Depois de passar pela “fresa”, para retoque e livrar-se do menor dos defeitos, era colocado na rotativa para a devida impressão no papel desenrolado das bobinas.

Ligada à máquina, milhares e milhares de exemplares do *Suplemento Juvenil* começavam a sair impressos pela rotativa, para alegrar o mundo juvenil brasileiro.

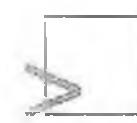
## V

*Com o intuito de concorrer com Tarzan, Alex Raymond criou, em 1934, esta série de aventuras que tinham como cenário as selvas da Malásia e da Birmânia, onde Jim das Selvas percorria acompanhado pelo fiel Kolu e por uma sedutora mulher chamada Li'L De Vrille.*

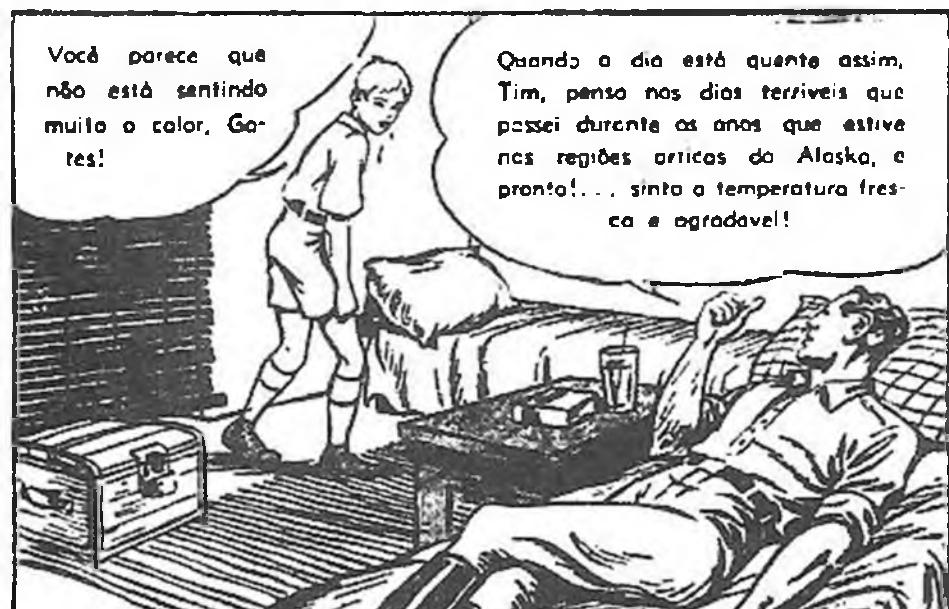


O grande castelo erguido por Aizen começaria a se desmoronar em meados de 1939, por ocasião da grande desbandada verificada a partir de agosto, quando a King Features Syndicate, detentora dos "copyrights" dos mais queridos heróis de nossa juventude, os passou para outra publicação concorrente.

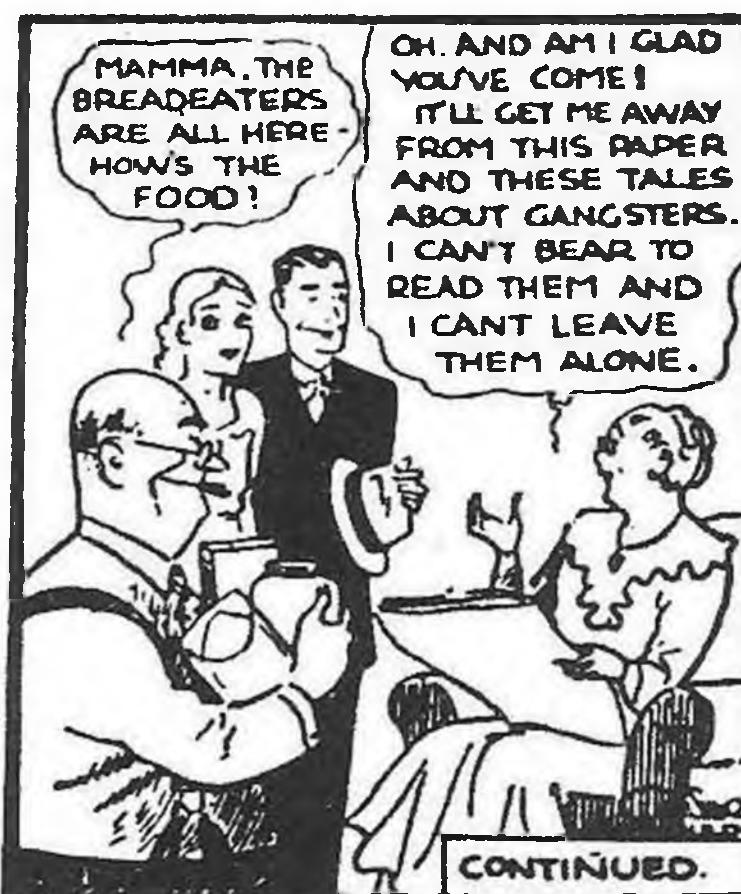
Foi um rude golpe que recebíamos e, a partir de então, começamos a temer pela sorte de nosso querido Suplemento Juvenil, que agora passava a viver somente dos três nomes que sobraram desse desastre: Tarzan (Hogarth), Terry e os Piratas (Caniff) e Dick Tracy (Gould). Como se não bastasse, vivíamos os anos duros da Segunda Guerra Mundial. O papel jornal utilizado era da pior qualidade, tornando a reprodução dos clichês com os desenhos e fotos, quase impossível. O clichê reticulado, gravado em zinco, fez sua aparição na imprensa em 21 de janeiro de 1897, dia em que o *New York Tribune* publicou pela primeira vez uma fotografia em meio-tom. Antes, os jornais imprimiam somente ilustrações xilogravadas, feitas por pintores e desenhistas, mas que nem sempre conseguiam satisfazer os desejos dos leitores, mesmo porque dificilmente traduziam em seus traços a fidelidade do acontecimento em foco. Levando-se em



A série que Lyman Young vinha desenhando desde 1932, "Tim Tyler's Luck", conhecida aqui no Brasil como "Tim e Tom", envolvendo dois protagonistas juvenis, começou impregnada pela óptica do escotismo, mas logo acabou tendo por cenário principal uma África cheia de perigos e mistérios.



# DICK TRACY



A tira diária de *Dick Tracy* começou a sair no Daily News a partir de 11 de outubro de 1931, desenhada por seu criador Chester Gould. Ela representava a grande mão da sociedade lutando e punindo tudo que era fora-da-lei. O detetive *Dick Tracy* era o homem em quem o público confiava, num período do gangsterismo organizado, da corrupção, sonegação e do "não" a todo poder constituído. A violência e o sangue estavam sempre presentes nessas aventuras, onde aos delinqüentes era sempre reservado um fim horrível.

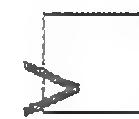
conta a qualidade do papel, para cada sistema de impressão era aplicada uma retícula adequada. Naquela época, na maioria dos jornais impressos em rotativas de impressão direta (caso do *Suplemento*), se usava uma retícula de 25 linhas nos clichês de ilustração.

Mais tarde, com a aparecimento das rotativas em off-set, se passou a usar retículas de 40 linhas para cima, o que permitiu obter-se um clichê rico em detalhes e nitidez. O então órgão oficial do pessoalzinho miúdo via suas tiragens caírem assustadoramente dia a dia e nem a reprise de algumas aventuras do passado pareciam evitar o triste fim que se aproximava. Sheena, a réplica feminina loura ao mito de Tarzan, idealizada por W. Morgan Thomas (um dos muitos pseudônimos de Will Eisner), metida numa justa veste feita com pele de leopardo, abria uma ainda tímida direção ao erotismo; surgiu nesta fase, mas não pôde infelizmente seguir sozinha esta barra.

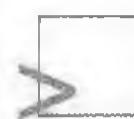


Como citamos em outra parte deste livro, Aizen salvou-se da derrocada total ao conseguir junto ao coronel Costa Netto, superintendente das Empresas do Patrimônio Nacional, a incorporação de todas suas publicações por aquele órgão governamental.

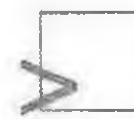
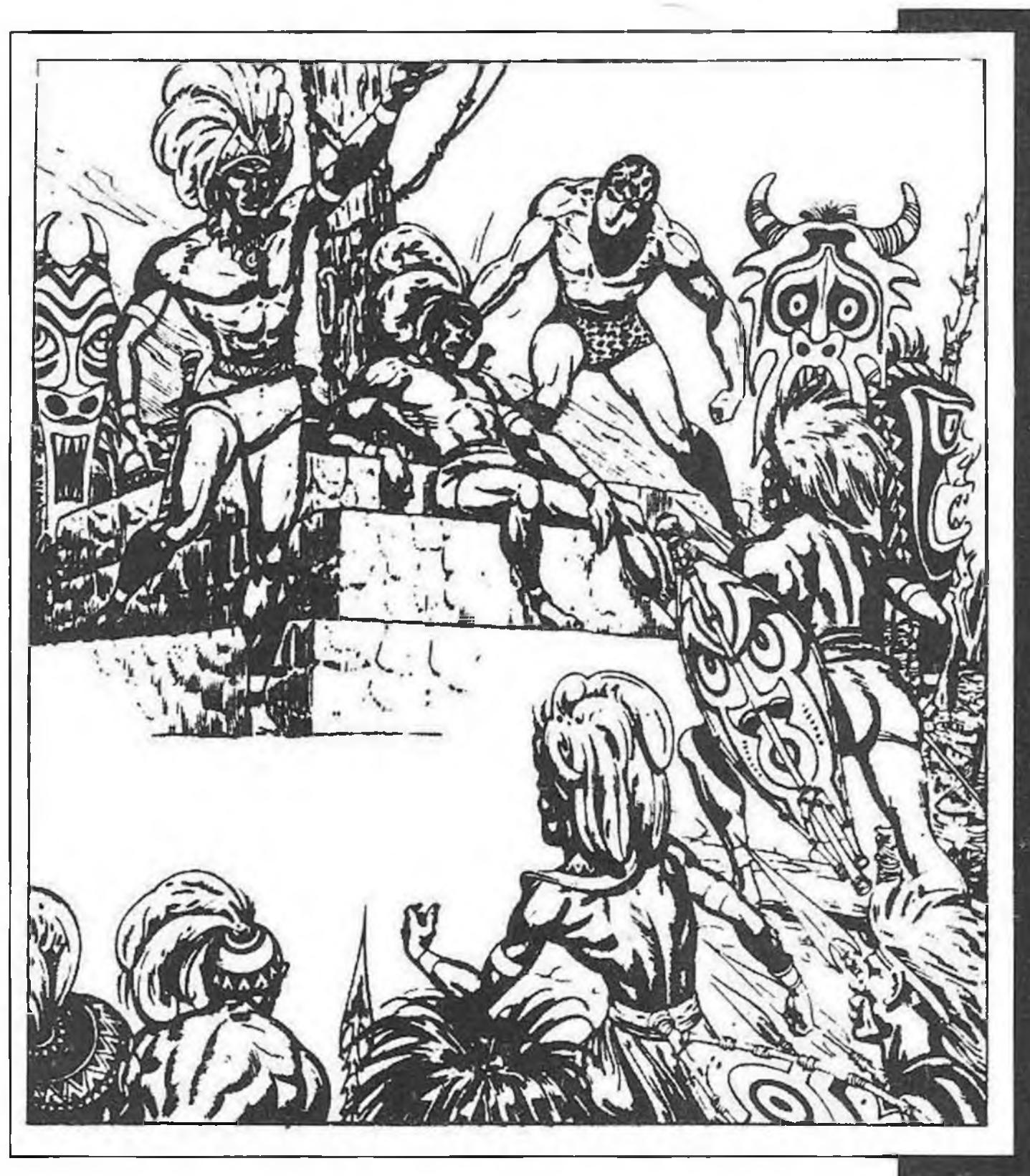
Mas, enquanto a maioria dos heróis tradicionais passou a envergar a farda e marchar para a frente de combate, novos personagens foram surgindo ao sabor das circunstâncias. Era uma nova geração de super-heróis, oriundos dos comic-book americanos, que procuravam seu espaço na preferência popular, perseguindo espiões e sabotadores. Boa parte dessas aventuras foi lançada na nova fase de *O Lobinho*, agora uma publicação mensal com 84 páginas, novo formato e com bastante chances de emplacar, como acabou acontecendo. O *Suplemento Policial* também, nesse período, sofreu mudança radical, não só no nome, que passou para *Policial em Revista*, como também em seu conteúdo. Deixou de publicar quadrinhos para dedicar-se exclusivamente à literatura policial e de mistério, com contos e novelas escritos pelos maiores autores do gênero. Só para lembrar; enquanto circulou no mesmo formato do Suplemento, abriu em suas páginas histórias em quadrinhos seriadas, como Rádio Patrulha, Fu-Manchu, Red Barry, Agente Secreto X9,



*O traço realista do pincel grosso de Milton Caniff tinha uma força deslumbrante nos seus desenhos em preto-e-branco. Orealismo apresentado era tanto que ele chegou a fazer exposições em vários museus de arte, como convidado especial.*



A partir de 1936, Burne Hogarth substitui Foster nas páginas dominicais de Tarzan, criando um desenho denso, pormenorizado, no qual os homens e os animais apareciam desenhados com a paciência de um professor de anatomia. Ele introduziu uma série de novidades na ilustração de seus quadrinhos que terminaram influenciando toda uma geração de novos artistas.



Quando, em 1939, no começo da Segunda Guerra Mundial, houve a grande debandada dos heróis da King Features Syndicate para O Globo Juvenil, apenas Dick Tracy, Terry, Tarzan e Buck Rogers, que eram distribuídos por outro sindicato, se mantiveram no Suplemento Juvenil até seu fechamento, seis anos depois.

Juvenil, apenas Dick Tracy, Terry, Tarzan e Buck Rogers, que eram distribuídos por outro sindicato, se mantiveram no Suplemento Juvenil até seu fechamento, seis anos depois.

“Se Você Fosse o Juiz” e outras. Também durante algum tempo foi impresso em papel jornal de cor azul.

Outro editado do senhor Adolfo Aizen que caiu nas graças do público brasileiro, lido por adultos de ambos os se-

xos, era *Contos Magazine*, formato livro de bolso, mas que, no início, se chamou *Contos-Histórias e Novelas*, formato meio tablóide, com 88 páginas, custando 800 réis.







Red  
Rage

# O lado Cívico do Suplemento Juvenil

**S**ou testemunha de que o *Suplemento Juvenil* contribuiu, em muito, para elevar o nível cultural de nossa juventude, através de páginas como: "Aprender Aprender ou Como Estuda o Rabedéco", sob orientação do professor Rafael Murilo, que era publicado nas edições de terças-feiras; "Piparote e A Volta Ao mundo", lições sobre geografia, nas quintas-feiras e, finalmente, "Os Que Foram Juvenilistas Sem Saber", que aparecia aos sábados, falando sobre a vida de homens ilustres.

Na seção semanal do professor Murilo, Rebedéco, garoto estudioso e bisbilhoteiro, contava aos seus amiguinhos, leitores do *Suplemento*, como descobriu os meios mais práticos de estudar, fazendo, ao mesmo tempo, revelações muito interessantes sobre o que aprendeu nas suas aulas particulares com o professor Rafael Murilo. Convém aqui lembrar que o professor Murilo chegou a organizar, patrocinadas pelo Suplemento, várias excursões a pontos históricos do Brasil, como a visita que vários estudantes do Rio de Janeiro fizeram a Ouro Preto, no dia 21 de abril de 1935.

Também regularmente surgiam páginas com rápidas biografias quadrinizada por artistas patrícios das grandes figuras de nossa história. Elas quase sempre quebravam o galho, quando nós, estudantes, tínhamos que preparar um trabalho escolar que abrangesse História do Brasil, geografia ou conhecimentos gerais.

Lembro-me que quando cursava a terceira série do Ginásio "Tarquínio Silva", em Santos, certa vez o professor Aguinaldo Paiva que lecionava português e História do Brasil, naquele estabelecimento de ensino, para espanto de todos, apareceu na sala de aula portando um exemplar do *Suplemento Juvenil*. Por essa época, as publicações de quadrinhos já começavam a ser marginali-

**Fatos importantes da História do Brasil, como estes e que apareciam regularmente nas páginas do Suplemento Juvenil, narrados com bastante propriedade, ajudaram em muito nossa juventude a melhor conhecer a sua pátria.**





zadas, acusadas de estimularem a preguiça intelectual e constituírem-se numa grave ameaça à literatura séria.

Por isso, toda classe que em sua maioria lia regularmente história em quadrinhos já sabia que vinha chumbo grosso em cima do nosso querido *Suplemento*. E não deu outra. Ele foi acusado pelo mestre de ter conquistado perigoso grau de imoralidade e desvirtuar o sentimento afetivo de milhões de crianças em todo o mundo. Depois, pediu que todos os alunos deixassem de vez esse tipo de leitura nociva que só pregava violência, imoralidade e horror.

Aconselhou que fôssemos atrás de uma literatura de nobre tradição, presente nos romances históricos, de aventuras e costumes. Ordenou a seguir que toda classe preparasse uma redação sobre esse assunto, que seria para a nota do mês. Nem é preciso dizer que todos, temerosos para não criar polêmica com o professor, embora contra a vontade, seguiu sua orientação e meteu o pau para valer no pobre *Suplemento* e nos quadrinhos de um modo geral.

Embora aconselhado por colegas a não o fazer, fui o único que discordou dessas acusações e defendi os quadrinhos na redação que redigi. No dia seguinte, o professor Aguinaldo, antes de devolver os trabalhos solicitados na aula anterior com as respectivas notas, me chamou lá na frente e indagou em que eu me baseara para fazer tais afirmativas. Eu, que já esperava por isso, tive o cuidado de levar alguns exemplares do *Suplemento* que selecionei, atestando tudo que escrevera. Não sei se cheguei, com este meu gesto, a convencê-lo completamente. O certo, porém, é que serviu para amainar a tempestade que meus colegas estavam prevendo. Ainda acabei ganhando a nota sete e meio, pelo trabalho.

No Rio de Janeiro, anos mais tarde, quando almoçava com o senhor Adolfo Aizen, no restaurante da Editora Brasil-América, comentei com ele esse fato. Ele sorriu e me disse que eu poderia ficar certo de uma coisa: muitos outros juvenilistas como eu em todo o Brasil, devem ter passado por situação semelhante.

Datas como o Descobrimento do Brasil, a Libertação dos Escravos, a Inconfidência Mineira, a Guerra do Paraguai, a Independência do Brasil, a Proclamação da República, o aniversário do então presidente Getúlio Vargas sempre mereciam destaque nas edições normais do *Suplemento Juvenil* e no *Mirim* e, por isso mesmo, o senhor Aizen tinha um livre trânsito junto aos homens do governo federal.

Prova disso reside no fato que aconteceu no início do ano de 1942, quando os seus editados passavam por uma situação difícil, à beira da falência total, Adolfo Aizen ter conseguido junto ao coronel Costa Netto, então superintendente das *Empresas do Patrimônio Nacional*, a incorporação do *Suplemento Juvenil* e demais publicações que passaram a denominar-se Empresa A Noite de Publicações Infantis, na qual figurou como diretor.

Foi durante esse curto período que *O Lobinho* virou publicação mensal só com histórias completas, a exemplo do que já vinha acontecendo com o *Mirim Sextaferino* e que depois iria ser o rumo de seus futuros lançamentos na Editora Brasil-América.

Muitos desenhistas patrícios saíram do anonimato graças às páginas sobre nossa história pátria que regularmente apareciam no *Suplemento* e não faziam parte dos “copyrigths” americanos que os sindicatos especializados distribuíam.

Até livros encadernados chegaram a ser levados às bancas e livrarias editados por Adolfo Aizen, como “Grandes Figuras do Brasil”, em dois grandes volumes, e “Coleção Pátria”, no formato dos chamados “tijolinhos” iguais aos da *Biblioteca Mirim*. Pela ordem, os cinco primeiros volumes dessa coleção nos brindaram com as biografias quadrinizada de Rui Barbosa, Raposo Tavares, General Osório, Anchieta e Santos Dumont, em suas vitórias e desditas. Foram quase 500 mil exemplares de livros nacionalistas editados em poucos anos, que provocaram entusiásticas cartas de elogio a apoio de altas personalidades da nação e da intelectualidade. Sobre a assunto, o então presidente da República Getúlio Vargas afirmou: “Cultivar nos jovens a admiração pelos heróis nacionais é obra patriótica e merecedora de louvores. O livro ‘Grandes Figuras do Brasil’ constitui nesse sentido valiosa e oportuna iniciativa.”

De um modo geral, o nosso artista sempre teve no *Suplemento Juvenil* uma vitrine para mostrar sua arte. Monteiro Filho, com Roberto Sorocaba, abriu desde o primeiro número o caminho que seria logo percorrido por enorme grupo de artesões da prancheta: Carlos Thiré, Fernando Dias da Silva, Celso Barroso, Renato Silva, Rodolpho Iltszhe, André Le Blanc, José Geraldo, Mário Pacheco, Solon Botelho, Belfort, Sálvio Correa Lima e tantos outros.

# SUPLEMENTO JUVENIL

PREÇO 200 RÉIS. — ESTA EDIÇÃO É DE QUINTA-FEIRA

ANNO II — Rue 13 de Maio, 33-1.º andar — Tel. 22-1860 — Rio de Janeiro — NUM. 127



## DICK JAMES

### O Misterio das Ilhas Geladas

Por WILLIAM RITT E CLARENCE GRAY

CAPITULO I



# Os grandes heróis de papel e seus autores



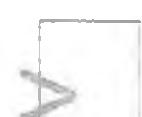
O desenhista português de nascimento Monteiro Filho, residente no Brasil desde os 11 anos, foi o autor da primeira história em quadrinhos brasileira criada com a técnica então empregada nos Estados Unidos. "Os Exploradores da Atlântida ou As Aventuras de Roberto Sorocaba" apareceu na última página do primeiro número do Suplemento Infantil e durou mais nove capítulos.



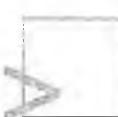
**N**a qualidade de um voraz devorador de histórias em quadrinhos, acredito terem sido Alex Raymond, Harold Foster e Milton Caniff a 'santa trindade' desse tipo de manifestação artística. Além de os mais plagiados em todo o universo, fizeram escola e proporcionaram o aparecimento de novos artistas no campo da narrativa seqüencial com a permanência de um mesmo protagonista numa série de publicações periódicas.

No dia 8 de setembro de 1956, eu estava trabalhando na prancheta no interior da redação do jornal santista *A Tribuna*, preparando um anúncio comercial para a edição de domingo, quando soube através de um redator daquele matutino que Alex Raymond havia falecido dois dias antes, vítima de um desastre automobilístico.

Refeito do choque inicial, liguei a seguir para o senhor Willie Mendel, que era o representante no Brasil da King Features Syndicate, com sede no Rio de Janeiro, solicitando algum material que me permitisse fazer um trabalho em homenagem ao genial artista. Recebi, dias depois, pelo correio, além de um release completo sobre a vida e obra do falecido, fotocópias de publicações americanas relatando com detalhes o acidente, como também um álbum promocional com fotos do artista em seu estúdio de trabalho, referente à série que então produzia: Rip Kirby.



*Quando Burne Hogart assumiu os desenhos das pranchas dominicais de Tarzan, o homem-macaco se viu arrastado por um turbilhão de movimentos, onde a própria paisagem da selva participava desta convulsão. A perfeição de seus desenhados os transformava em verdadeiros quadros dignos de serem expostos em galerias de arte.*



Isto me permitiu a feitura do texto ilustrado “Glória a um Mestre dos Quadrinhos”, publicado na revista *AABB*, órgão mensal da Associação Atlética Banco do Brasil, que era distribuída a todos os funcionários daquela rede bancária.

Outros três artistas que me marcaram bastante foram, sem dúvida, Roy Crane (Captain Easy e Buzz Sawyer), Will Eisner (The Spirit) e Burne Hogarth (Tarzan e Drago). Desses dois últimos tenho inclusive reproduções de trabalhos autografados, conseguidos durante suas passagens por esta capital.

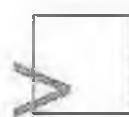
O que mais me fascinava em Crane era a variedade de tons cinzentos que ele conseguia dar aos desenhos, utilizando a técnica do ‘craftint’, onde revelou-se verdadeiro mestre.

Em Eisner, deparei-me com toda aquela narrativa cinematográfica dos filmes ‘noir’, dos quais era fã, até então inexistentes nos quadrinhos e por ele tão bem aplicada em suas narrativas.

Com Hogarth, tanto eu como todos leitores que gostavam de desenho ampliaram seus conhecimentos de anatomia lendo as pranchas dominicais

*O desenhista e pintor F. Acquarone, oriundo do Correio Universal, onde havia desenhado as “Aventuras de João Tymbira” e uma adaptação do romance de José de Alencar “O Guarany”. Foi um constante colaborador nos primeiros números do O Globo Juvenil, onde assinou trabalhos como “As Aventuras do Caveirinha”, “Os Primeiros Homens na Lua” e “As Minas de Prata”.*





Com o título “A Postos Alex Raymond Brasileiros do Futuro” publicado no número 405, no dia 17 de julho de 1937, o Suplemento Juvenil apresentava o regulamento de um sensacional concurso entre os desenhistas juvenis brasileiros e pagava a importância de 500 mil réis pela história de dez capítulos vencedora. Concorreram leitores artistas de todo o Brasil, cabendo o primeiro lugar a Fernando Dias da Silva, jovem maranhense de 16 anos, com o trabalho: “O Enigma das Pedras Vermelhas”, cuja publicação teve início na edição de 27 de janeiro de 1938.



coloridas de Tarzan que apareciam na página central dupla do *Suplemento Juvenil*.

Ainda por terem criado personagens que ultrapassaram suas origens, vencendo barreiras de línguas, religiões e costumes, selecionei alguns nomes que merecem ser citados, embora muitos deles nunca tenham aparecido no *Suplemento*. São eles: Ray Moore (The Phantom), Al Capp (Li'l Abner), Frank Goodwin (Connie e Rusty Riley), John Cullen Murphy (Big Ben Bolt), Fred Harman (Red Ryder), Frank Robbins (Johnny Hazard) e Frank Miller (Barney Baxter).

Depois disso, apesar do surgimento de novos e talentosos artistas, a literatura da imagem entrou num período de aguda crise industrial (fechamento de editoras e suspensão de publicações) que se estendeu a outras formas de entretenimento popular, como o cinema, por exemplo, perante à avassaladora concorrência da televisão. O aparelho de TV, de consumo facilitado por sua condição doméstica, passou a assumir na sociedade a função romanesca antes ditada pelo cinema e pelas histórias em quadrinhos.

O que temos visto nas últimas décadas é a volta das tiras cômicas em linguagem caricatural e grafismo linear esquemático, na maioria de nossos jornais diários. Foram deixadas de lado as aventuras épicas de outrora, os mitos dos super-heróis que, aos poucos, foram caindo no esquecimento popular, num silêncio só quebrado quando, esporadicamente, surge algum álbum nostálgico que nos permite despertar dessa hibernação.

Praticamente desde o aparecimento das histórias em quadrinhos, artistas nacionais se fizeram presentes, criando uma série infinita de personagens, em sua maioria cômicos, cuja continuidade sempre dependeu da vida útil do veículo que as publicava. Particularmente, lembro-me de J. Carlos (Lamparina), Alfredo Storni (Zé Macaco e Faustina), Luiz Sá (Reco-Reco, Bolão e Azeitona), Max Yantok (Barão de Rapapé, Pandareco, Pára-choque e Vira-Lata), todos eles na *Tico-Tico* e de Belmonte (Paulino e Albina) em *A Gazetinha*.

Entre os brasileiros, três nomes logo ganharam minha preferência, graças aos magníficos trabalhos que apresentavam: Carlos A. Thiré, Messias de Mello e Renato Silva. Como muitos amigos meus, todos leitores do *Suplemento Juvenil*, acreditávamos ser Thiré, autor de “Rafles, o ladrão elegante”, natural dos Estados Unidos, tal a beleza e a alta qualidade de seus desenhados, em pé de igualdade com a do material importado. “O Gavião de Riff”, “Bob Lloyd - Repórter”, “Ricardo Relâmpago” e “Três Legionários da Sorte”, que apareceram no *Suplemento, Mirim* e *Tico-Tico*, atestam tal afirmativa.

Tive minha atenção despertada para a arte de Messias de Mello, a partir do número 169 da *A Gazetinha*, órgão paulista também em formato tablóide, que chegou às bancas no dia 2 de dezembro de 1936, trazendo na capa em cores (tricromia) o primeiro capítulo de “A Prisioneira do Subterrâneo”. Era uma adaptação feita por Armando Brussolo, com desenhos de Messias, de uma aventura de Sherlock Holmes, em luta com um mascarado conhecido como O Encapuçado. Essa história em quadrinhos, além de tornar-se bastante popular, originou até um concurso entre os leitores, com um prêmio de 200 mil réis, para ser sorteado entre os acertadores da identidade do Encapuçado.

Adaptados de romances famosos, Messias ilustrou ainda “O Capitão Blood”, “Os Três Mosqueteiros”, “O Conde

de Monte Cristo", "Viagem à Lua", além de dezenas de outras histórias de sucesso, como: "O Homem Elétrico", "O Raio da Morte", "Audaz, O Demolidor", Pão Duro" etc. Praticamente, carregou por um bom tempo *A Gazetinha* nas costas, como se diz na gíria. Quase tudo dependia dele, a começar pelos desenhos das capas, ilustrações de contos, página sobre História do Brasil, além das chamadas publicitárias relativas às futuras publicações da editora, que aconteciam regularmente.

Certo dia, no ano de 1949, ao passar na rua Conceição, defronte do antigo prédio de *A Gazeta*, lembrei do Messias e resolvi entrar e conhecê-lo pessoalmente. Não perdi a viagem. Além da conversa agradável que tivemos, lembrando velhos tempos de *A Gazetinha*, também fui apresentado por ele a outro desenhista que iniciava como seu auxiliar. Era Jayme Cortez, vindo há pouco de Portugal, que logo iria tornar-se, entre nós, um ilustrador de primeira linha, influenciando várias gerações de novos artistas. Cortez, por várias vezes, colaborou comigo nas palestras e exposições sobre quadrinhos que organizei em diversas escolas e faculdades, no tempo em que lecionei desenho e comunicação visual.



Rafles foi a mais genial criação do desenhista patrício Carlos Arthur Thiré, dono de um traço de alto padrão para a época. Deste personagem foram publicados álbuns e até livros, durante o tempo em que aparecia no Suplemento Juvenil e no Mirim.





Na página 14, da edição 405 do *Suplemento Juvenil*, de julho de 1937, aparecia a seguinte notícia: “A postos jovens Alex Raymonds brasileiros do futuro, o *Suplemento Juvenil* abre hoje um concurso sensacional entre os desenhistas juvenis brasileiros e pagará 500 mil réis pela história em dez capítulos colocada em primeiro lugar na originalíssima competição artística. Nossa redação começará a receber originais para o concurso a partir do dia 1º de agosto e o encerramento do mesmo se dará no dia 1º de novembro de 1937. Integrarão a comissão julgadora, na parte artística, os desenhistas Humberto Barreiros e Mário Pacheco, e na parte literária o jornalista Donatello Grieco, todos de nossa redação. Os trabalhos não premiados em caso de publicação ou aproveitamento serão pagos pelo *Suplemento Juvenil*. ”

Concorreram leitores de todo o Brasil, cabendo a primeiro lugar a Fernando Dias da Silva, um jovem maranhense de 16 anos, com o trabalho “O Enigma das Pedras Vermelhas”, cuja publicação no Suplemento teve início na edição de 27 de janeiro de 1938. Nem é preciso dizer que Fernando acabou vindo para o Rio de Janeiro, contratado por Adolfo Aizen e, durante algum tempo, fez parte do departamento de arte daquela editora, onde produziu inúmeros trabalhos de valor.

“A Garra Cinzenta”, história de aventuras e terror, com 100 capítulos, desenhada por Renato Silva, foi entre as nacionais a que maior repercussão encontrou no Brasil, sendo até publicada no exterior. Mereceu, em dezembro de 1939, uma republicação em dois álbuns especiais, pela própria *A Gazetinha*.

Para o Suplemento, Renato Silva desenhou “Nick Carter versus o Fantasma Negro”, além de ilustrar várias narrativas da história universal que saíram no jornal *O Globo*.

Artistas aqui da terra que também tiveram seus trabalhos publicados no *Suplemento* e *Mirim* foram: Berto (Bituca e Biloca), Elísio Martins (O Ás da Legião), Hélio Lemos (Uma Aventura na Amazônia), Hélio Queiroz (Aventuras de Roberto Galvão), Hugo Winkelman (Buri, o Tarzan Brasileiro), José Constâncio Filho (Uma Viagem Encravada), Lucas Teixeira da Silva (Gregório Vai à Lua), Luna e Martins (Os Ciclones do Inferno e O Volante Milionário), Mário Pacheco (Grandes Figuras do Brasil), Márcio Jaci (O Capitão Blood e o Navio do Tesouro), Monteiro Filho (Roberto Sorocaba), Oscar Brener (O Tesouro Perdido), Queiroz

(Macarrão e Talharim), Rodolpho Ilsche (Aventuras de Ralph e Jack no País das Amazonas), Solon Botelho (Mil Milhas por Hora), Latini Filho (Caramuru), Arcindo Madeira (História da Independência), Archibaldo Ribeiro (Os Três Fujões), Belfort (No Reino do Silêncio e A Serra do Roncador), Celso Barroso (História do Brasil), Guilherme Walpeteris (Totó Detetive), Mário e Renato Lima (A Serra de Prata), Sálvio Corrêa Lima (A Retirada de Laguna) e Walmir Ramos (Páginas Históricas).



Em 1952, Diamantino da Silva criou Simão Brasil, um detetive brasileiro, cujos desenhos na época sofreram forte influência do mestre Raymond. Essas aventuras saíram nos encartes de quadrinhos que a Editora Brasil América Ltda. preparava para as edições diárias do jornal Última Hora, do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

## SIMÃO BRASIL

por DIAMANTINO





# Os três gênios

**C**omo já afirmamos no capítulo anterior, três artistas de estilos bem diferentes, mas todos com um traço comum, trataram os quadrinhos com tamanha seriedade que acabaram por transformá-los em obra de arte. Os nomes de Alex Raymond, Milton Caniff e Harold Foster foram aclamados não só por leitores das histórias em quadrinhos, como por toda uma nova geração de desenhistas de vários países.

Raymond, que nasceu em New Rochelle, desde garoto demonstrava que tinha tudo para se tornar um grande artista. Contribuiu, para isso, o apoio recebido do pai, como também foi fundamental a ajuda do vizinho Russ Westover, que o levou para o King Features Syndicate, onde tornou-se assistente de Lyman Young, na história "Tim Tyler's Luck". Sua primeira criação ao lado do novelista Dashiell Hammett apareceu em 1934: O Agente Secreto X 9, junto com Flash Gordon e Jim das Selvas, logo alcançando uma perfeição técnica jamais igualada.



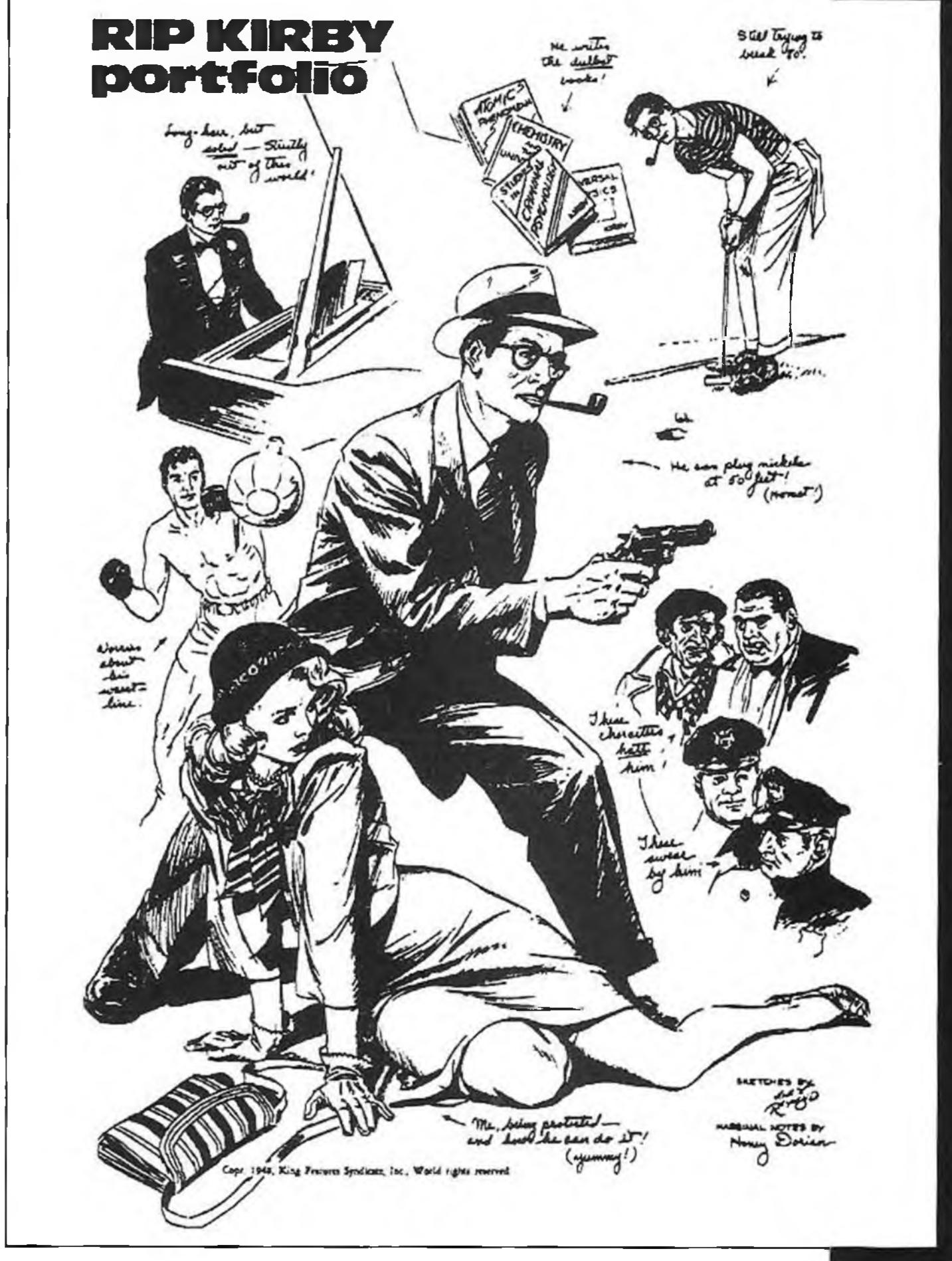
*Última prancha de Flash Gordon, desenhada em 1944 por Alex Raymond, para o King Features Syndicate, continuada na semana seguinte por Austin Briggs, também encarregado de produzir as tiras diárias do louro titã do espaço, junto com Dale Arden e o sábio Zarkov.*



Entre os heróis espaciais, Flash Gordon abriu um novo caminho nos anos 30. Quando foguetes e satélites ainda não tinham lugar na ciência, ele já lutava contra seres de outros planetas, usando estranhas naves espaciais e armas desintegradoras. Nesse tempo, Yuri Gagarin era ainda um menino, mas Flash Gordon, que encarnava o bem, se mantinha em constante luta contra o mongólico imperador Ming, fiel representante do mal.

A guerra interrompeu temporariamente seu trabalho, e quando voltou trazia para seus editores a idéia e uma nova história, mais intelectual que as anteriores. Tratava-se de Rip Kirby, um ex-oficial da Marinha transformado em detetive, que foi a historieta tecnicamente mais bem feita até hoje, segundo os críticos. Alex Raymond desenhou-a até 1956, quando, ainda moço, faleceu vítima de um desastre de automóvel.

## RIP KIRBY portfolio



**Rip Kirby** (*Nick Holmes*, no Brasil) afastava-se daquele protótipo do detetive particular de outras aventuras em quadrinhos, por ser um tipo reservado, que apreciava música clássica, tocava piano e usava óculos. Entretanto, era também um ótimo atirador e sabia usar muito bem os punhos quando necessário. Em suma, um personagem original que fugia ao já banal mundo das novelas populares de detetive.



Milton Cannif era natural de Ohio, onde começou a desenhar aos 13 anos e, durante um bom tempo, foi considerado um dos dois desenhistas mais bem pagos dos Estados Unidos (cerca de meio milhão de dólares anuais). Atraído pelos quadrinhos, publica sua primeira história em 1933, "Dick Dare", que aparecia nas páginas dos jornais, em tiras diárias. A carreira Milton Cannif, que sempre teve atração pela Ásia, ganhou impulso quando, em 1934, ele lança "Terry e os Piratas", sua obra máxima. Seus desenhados seguiam um ritmo cinematográfico, com panorâmicas, planos gerais e close-ups, buscando causar impacto. Sem nunca ter pisado na Ásia, ele pôde descrever tão bem os costumes orientais, graças a dados e documentos que possuía em seu bem organizado

## Glória a um Mestre dos Quadrinhos

Alex Raymond, foi um artista feliz, de quem se pode louvar integralmente a arte e a vida, tão pura e harmoniosa foi uma como a outra.

por DIAMANTINO SILVA



Alex Raymond num auto retrato.

A história em quadrinhos é uma arte. E como arte, tem sido, desde os seus primórdios, uma das mais combatidas de todos os tempos. Talvez por isso, talvez mesmo pelo sofrimento dos artistas em vencer os obstáculos que se interpõem à sua obra, o desejo supremo de avançar sempre, de aperfeiçoar, de externar o seu pensamento de trazer à tona o íntimo de sua alma, haja a verdadeira evolução. E dessa luta sem tréguas, desse redemoinho de emoções sempre renovadas, desses sacrifícios e dessas barreiras sem fin, que germinam as grandes ideias, que se concretizam as grandes realizações, que tomam formas gigantescas os raciocínios embrionários. A par dessa constante luta encontra-se um dos maiores inimigos e, ao mesmo tempo, um dos maiores amigos da evolução de uma arte: o dinheiro. Em verdade a verdadeira obra de arte é aquela do qual o artista não espera recompensa, senão a satisfação de ter realizado um trabalho digno de seu talento. Por outro lado, sem esse mesmo dinheiro, que comercializa muitos espíritos de valor, não poderia haver uma evolução no sentido objetivo das coisas, no terreno material, onde se realizam as obras provindas do espírito. Porque em verdade o dinheiro é um auxiliar direto da arte. E ainda ele que, de uma forma ou de outra, consolida a sua posição diante do mundo. Não vamos a ponto de afirmar que ele seja a satisfação suprema, o caminho final na trajetória de uma obra, a pausa que virá recompensar o esforço do artista. Absolutamente. O artista sente satisfação na consagração de sua obra, na compreensão de seu trabalho, na manifestação

amando os personagens que criava, que nada mais eram que um reflexo de seu ideal.

Conseguiu é verdade a fama e algum sucesso financeiro, exclusivamente devido ao seu talento. Forque acima das corriqueiras e suplétivas manifestações dos espíritos comercializados, que dão direta ou indiretamente a sua contribuição involuntária, estava o sentimento. Esse sentimento que é peculiar de todo artista, de todo homem de talento, de todo ser capaz de realizar alguma coisa digna e louvável, como seja uma obra de arte. A evasiva interpretativa desse mestre dos quadrinhos, com o correr dos tempos, foi adquirindo um domínio cada vez mais vigoroso da síntese gráfica, uma ousadia maior no traço, uma nova largueza de visão, do que dá mostra incisiva na sua última criação (RIP KIRBY), que vinha desenhando desde 1916, até a sua morte, ocorrida dez anos mais tarde.

Iniciou-se na profissão que lhe deu fama em 1930, como auxiliar dos Chic e Lyman Young, este último, o criador do famoso Tim Tyler, conhecido aqui no Brasil, pelas «Aventuras de Tim e Tom». e o primeiro também não menos famoso com a sua «strip-comic» Blondie. Em 1934, Joe Connolly, presidente da King Features Syndicate, sugeriu a Raymond, que tornasse por base as fantásticas aventuras inter-planetárias de Júlio Verne, o genial criador da ficção científica, para criar uma história em quadrinhos até então diferente das que vinham sendo publicadas. E do lápis desse jovem desenhador surgiu: FLASH GORDON, viajor de aeronaves, homem de altitudes rápidas e decisivas, valente entre os valentes — desafiou mundos, venceu fê-

espontânea das massas. O artista encontra plena satisfação quando consegue ser compreendido. Esta é a sua verdadeira recompensa, este é o seu verdadeiro propósito. Contudo, não afasta a hipótese de riqueza, de fama, de glória. São fatores tão elementares, para o artista, que, da mesma forma que aparecem podem também desaparecer. Mas a obra ali fica intacta, imortal, resistindo ao tempo e às épocas, passando de geração em geração — porque a Arte é uma si, absoluta, imutável, perpétua — a consagração do Belo diante de todos os sentidos.

Alex Raymond ou melhor Alexandre Gillespie Raymond, foi um artista nesse sentido. Via, conforme sempre dizia, nas histórias em quadrinhos a sua arte e a ela se dedicava com toda sua alma,

A primeira aventure de FLASH GORDON, surgiu em 1934, e foi aqui apresentada no Brasil, por intermédio da saudosa Suplemento Juvenil.



Matéria de Diamantino da Silva sobre Alex Raymond.



*Terry e os Piratas* transcorria num cenário exótico de aventuras no meio de piratas e mulheres fatais, como Burma e Madame Dragão, no interior de China, único lugar do mundo onde tudo podia acontecer. A partir daí, os leitores do Suplemento Juvenil descobriram que seu autor, Milton Caniff, era um hábil manejador do pincel na mesma tradição iniciada por Roy Crane e Noel Sickles, com que trabalhou. O bom uso do pincel lhe permitia encontrar novas modulações gráficas, através de violentas silhuetas a contraluz contrastando com massas negras e brancas e cinzentos matizados. E, por isso mesmo, logo tornou-se uma de nossas favoritas.



*"Male Call"* – durante a Segunda Guerra Mundial, Miss Lace foi criada por Milton Caniff, por encomenda do exército norte-americano, para ser veiculada através dos 2 mil jornais diários das Forças Armadas. Miss Lace, em poucas semanas, se tornou célebre, porque passou a representar os sonhos e as necessidades dos soldados em guerra e pelo fato de falar a linguagem das trincheiras. As histórias de Miss Lace duraram até 5 de março de 1948. O Exército liberou-as para publicação somente muitos anos depois, transformando-se em álbuns que foram traduzidos para o francês, italiano e espanhol.

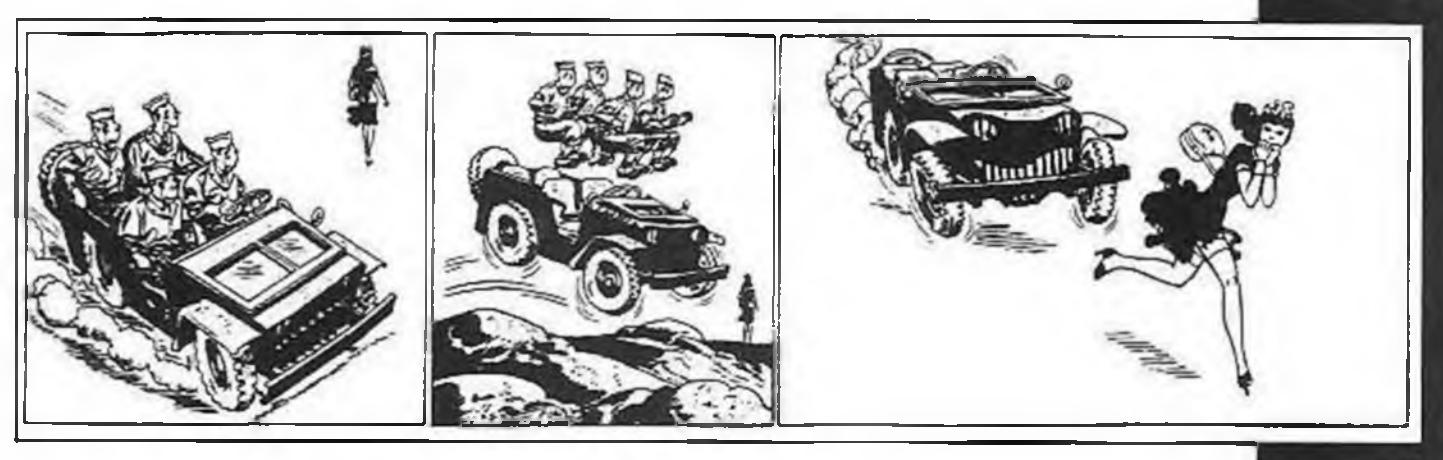


novo elemento – a política.

Durante a Segunda Guerra Mundial, lançou especialmente para os soldados no front, tiras diárias com uma personagem sexy, chamada Miss Lace, na série “Male Call”, cujo fito principal era levantar o moral dos combatentes.

Harold Foster, um dos maiores ilustradores do mundo, nasceu em Halifax, Nova Escócia, no Canadá. Depois de trabalhar em Chicago, fazendo desenhos de publicidade, foi convidado e aceitou executar uma versão em quadrinhos de Tarzan, cujos romances eram bastante apreciados na época. Passou vários anos desenhando o homem-macaco, mas, em 1937, lançou “Príncipe Valente nos Tempos do Rei Arthur”, sucesso imediato, logo publicado em 189 jornais americanos e traduzido para vários idiomas.

O herói cavaleiro da Idade Média, sem medo e sem mácula, era muito aplaudido pelos leitores do *Suplemento Juvenil* e depois pelos do *O Globo Juvenil*, que não se cansavam de contemplar os quadros maravilhosos que compunham suas narrativas.



arquivo. Considerado o Rembrandt das histórias em quadrinhos, ele conseguiu alcançar um extraordinário poder de comunicação entre mais de 30 milhões de leitores por dia.

Já Steve Canyon, o novo herói que criou a seguir, tão logo deixou “Terry e os Piratas”, foi um pouco prejudicado pela inclusão de um



Desde 1934, quando começou a ser publicada, a história de Flash Gordon se constitui para os leitores do Suplemento Juvenil numa das epopéias mais belas jamais igualadas durante anos seguidos, por qualquer outro autor de quadrinhos. Flash Gordon, acompanhado por sua noiva, Dale Arden, e pelo Dr. Zarkov viveram no planeta Mongo, onde reinava o cruel despotismo Ming, uma verdadeira obra-prima da ficção científica.



*Harold Foster utilizava para compor minuciosamente as cenas de seus quadros maravilhosos, vasta documentação sólida, que lhe permitia captar, sobretudo, a atmosfera de uma época cruel e cavalheiresca.*



Durante mais de 20 anos, Foster, sozinho, escreveu os roteiros e desenhou as pranchas do Príncipe Valente. Ao fim desse tempo é que passou a empregar diversos assistentes. Entretanto, a partir de 1971, o mestre foi aos poucos saindo de cena, deixando para John Cullen Murphy a função de continuar desenhando Príncipe Valente. Foster conseguiu elevar o nível de seus desenhos a dos melhores artistas clássicos de todos os tempos.





# Os heróis do Suplemento no cinema

**L**ançados a princípio para tornar mais rentável a indústria de vender jornais e revistas, as histórias em quadrinhos mantiveram-se presas à exigência de oferecer um ritmo uniforme, valendo-se regularmente do suspense, a fim de prender a atenção dos leitores. Satélite natural do cinema, já que surgiram mais ou menos no mesmo lugar e época, permitiram que ambos se desencadeassem sob o signo da reproduzibilidade, a partir de seu consumo em massa.

Era, pois, natural que o cinema iria logo fazer uso dessas figuras e heróis de sucesso, para lançá-los no retângulo luminoso das telas... através de filmes seriados.

Eles faziam parte de um gênero que não admitia a menor indefinição do público. Eram a certeza de uma emoção em cada um dos 12, 13 ou 15 episódios que terminavam sempre numa situação terrível da qual jamais o nosso herói poderia escapar. Seja dentro de um avião caindo em parafuso sobre uma montanha, com uma enorme pedra rolando sobre seu automóvel, preso dentro de um quarto que começa a ser inundado, ou mesmo abandonado desmaiado no interior de uma casa em chamas.



*Notícia sobre o início das filmagens de "Flash Gordon" e a capa da edição especial do Suplemento Juvenil.*

## Ha uma semana foi iniciada na Califórnia a filmagem de Flash Gordon!

No momento exato em que vai aparecer o "Album de Flash Gordon", a Maravilha Número Um da Literatura Juvenil, o livro mais sensacional de todos os tempos, para o Pessoalinho Miúdo, temos



Dale Arden



Flash Gordon



Azura, a Rainha

uma notícia fornidavel a dar aos nossos leitores: em Universal City, na Califórnia, iniciou-se na semana passada a filmagem da pelcula em séries — Flash Gordon!





Foram estes os heróis que surgiram nas páginas do *Suplemento Juvenil* e, a seguir, foram assimilados pelo cinema. Particularmente, pelos seriados e dirigidos a um público infanto-juvenil.

### > Tarzan, o Destemido

(*Tarzan, The Fearless*) – 1933

**PRODUTORA:** Principal, 15 episódios

**ELENCO:** Buster Crabbe e Jacqueline Wells

### > O Rei das Nuvens

(*Tailspin Tommy*) – 1934

**PRODUTORA:** Universal, 12 episódios

**ELENCO:** Maurice Murphy e Patricia Farr

### > Escoteiros Heróicos

(*Young Eagles*) – 1934

**PRODUTORA:** First Division, 12 episódios

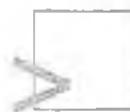
**ELENCO:** Bobbie Cox e Jim Vance

### > Novas Aventuras de Tarzan

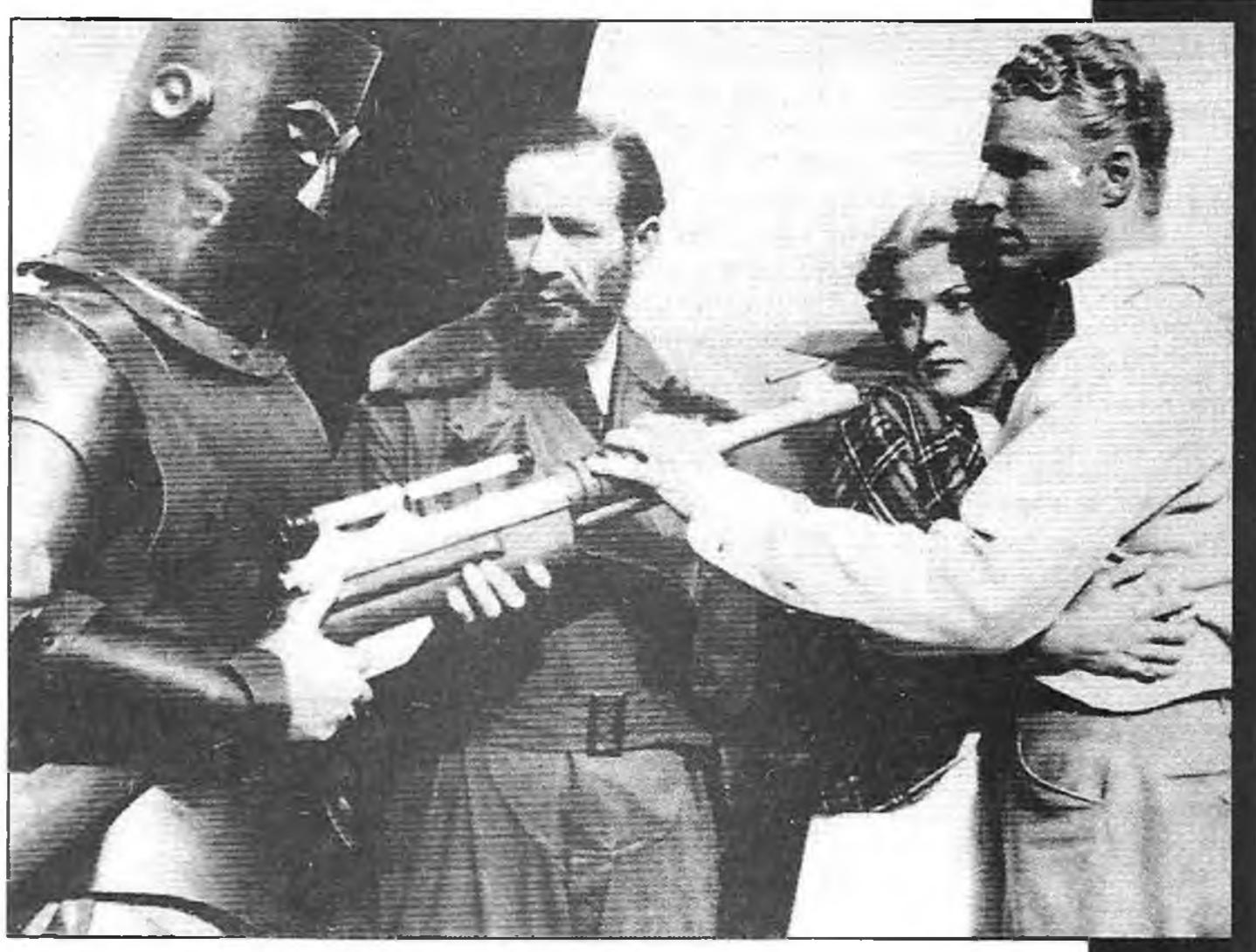
(*The New Adventures of Tarzan*) – 1935

**PRODUTORA:** Dearholt-Stout, 12 episódios

**ELENCO:** Herman Brix e Ula Holt



Buster Crabbe (*Flash Gordon*), Jean Rogers (*Dale Arden*) e Frank Shannon (*Zarkov*) numa cena do primeiro episódio do seriado “*Flash Gordon*”, produzido pela Universal, em 1936.





## >O Grande Mistério Aéreo

(*Tailspin Tommy in The Great Air Mystery*) – 1935

**PRODUTORA:** Universal, 12 episódios

**ELENCO:** Clark Williams e Jean Rogers

## >Az Dumond

(*Az Drumond*) – 1936

**PRODUTORA:** Universal, 13 episódios

**ELENCO:** John King e Jean Rogers

## >Flash Gordon

(*Flash Gordon*) – 1936

**PRODUTORA:** Universal

**ELENCO:** Buster Crabbe e Jean Rogers



O ator Ralph Byrd, como o detetive Dick Tracy, no seriado do mesmo nome feito pela Republic Pictures, em 1937. Ele ainda repetiria o papel em três outros seriados de 15 episódios cada, em 1938, 1939 e 1941.

## >Dick Tracy

(*Dick Tracy*) – 1937

**PRODUTORA:** Republic, 15 episódios

**ELENCO:** Ralph Byrd e Kay Hughes





## > Jim das Selvas

(*Jungle Jim*) – 1937

**PRODUTORA:** Universal, 12 episódios

**ELENCO:** Grant Withers e Betty Jane Rhodes

## > Rádio Patrulha

(*Radio Patrol*) – 1937

**PRODUTORA:** Universal, 12 episódios

**ELENCO:** Grant Withers e Catherine Hughes

## > Agente Secreto X 9

(*Secret Agent X 9*) – 1937

**PRODUTORA:** Universal, 12 episódios

**ELENCO:** Scott Kolk e Jean Rogers

## > A Sorte de Tim Tyler's

(*Tim Tyler's Luck*) – 1937

**PRODUTORA:** Universal, 12 episódios

**ELENCO:** Frankie Thomas e Frances Robinson

## > A Volta de Dick Tracy

(*Dick Tracy Returns*) – 1938

**PRODUTORA:** Republic, 15 episódios

**ELENCO:** Ralph Byrd e Lynn Roberts

## > Flash Gordon no Planeta Marte

(*Flash Gordon's Trip to Mars*) – 1938

**PRODUTORA:** Universal, 15 episódios

**ELENCO:** Buster Crabbe e Jean Rogers

## > Red Barry

(*Red Barry*) – 1938

**PRODUTORA:** Universal, 13 episódios

**ELENCO:** Buster Crabbe e Frances Robinson

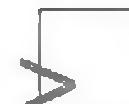


### > **Buck Rogers**

(*Buck Rogers*) – 1939

**PRODUTORA:** Universal, 12 episódios

**ELENCO:** Buster Crabbe e Constance Moore



Buster Crabbe, que já havia interpretado Flash Gordon e Red Barry anteriormente, agora encarnava Buck Rogers, o primeiro herói espacial das histórias em quadrinhos.

### > **Novas Aventuras de Dick Tracy**

(*Dick Tracy's G-Men*) – 1939

**PRODUTORA:** Republic, 15 episódios

**ELENCO:** Ralph Byrd e Phylis Isley

### > **Mandrake, O Mágico**

(*Mandrake The Magician*) – 1939

**PRODUTORA:** Columbia, 12 episódios

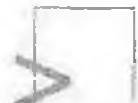
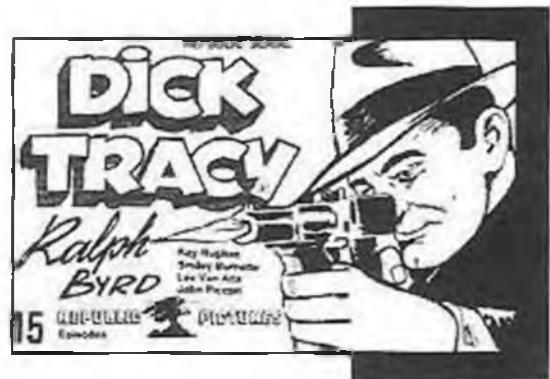
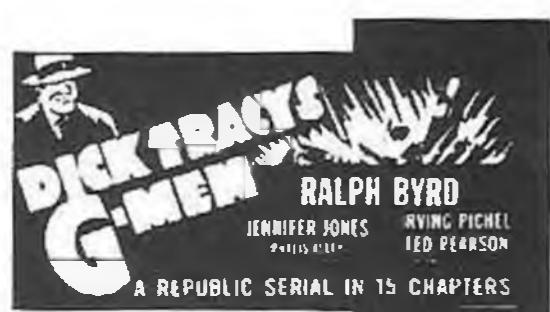
**ELENCO:** Warren Hull e Doris Weston

### > **Tambores de Fu-Manchu**

(*Drums of Fu-Manchu*) – 1940

**PRODUTORA:** Republic, 15 episódios

**ELENCO:** Henry Brandon e Luana Walters



O êxito conseguido por *Dick Tracy* no cinema é digno de registro. Os estúdios da Republic Pictures produziram quatro seriados de 15 episódios cada, envolvendo este detetive, interpretado por Ralph Byrd, nos anos de 1937, 1938, 1939 e 1941.

## >Flash Gordon Conquistando o Mundo

(*Flash Gordon Conquers The Universe*) – 1940

**PRODUTORA:** Universal, 12 episódios

**ELENCO:** Buster Crabbe e Carol Hughes

## >O Rei da Polícia Montada

(*King of Royal Mounted*) – 1940

**PRODUTORA:** Republic, 12 episódios

**ELENCO:** Allan Lane e Lita Conway

## >Terry e Os Piratas

(*Terry and The Pirates*) – 1940

**PRODUTORA:** Columbia, 15 episódios

**ELENCO:** William Tracy e

Joyce Bryant

## >Dick Tracy Contra o Crime

(*Dick Tracy vs Crime Inc.*) – 1941

**PRODUTORA:** Republic, 15 episódios

**ELENCO:** Ralph Byrd e

Jan Wiley

## >Don Winslow da Marinha

(*Don Winslow of The Navy*) – 1942

**PRODUTORA:** Universal, 15 episódios

**ELENCO:** Don Terry e

Anne Nagel

## >Polícia Montada Contra a Sabotagem

(*King of The Mounties*) – 1942

**PRODUTORA:** Republic, 12 episódios

**ELENCO:** Allan Lane e Peggy Drake

## >Aventuras de Chico Viramundo

(*Adventures of Smilin Jack*) – 1943

**PRODUTORA:** Universal, 12 episódios

**ELENCO:** Tom Brown e Marjorie Lord



## > Don Winslon na Guarda Costa

(*Don Winslon of The Coast Guard*) – 1943

**PRODUTORA:** Universal, 13 episódios

**ELENCO:** Don Terry e June Duprez

## > O Agente Secreto X 9

(*Secret Agent X 9*) – 1945

**PRODUTORA:** Universal, 13 episódios

**ELENCO:** Lloyd Bridges e Jan Wiley



## > Brick Bradford

(*Brick Bradford*) – 1947

**PRODUTORA:** Columbia, 15 episódios

**ELENCO:** Kane Richmond e Linda Johnson



**NOTA:** O seriado “As Aventuras de Chico Viramundo” foi baseado nas histórias de Jack Risonho que apareciam no *Mirim*, e mais tarde no *Gibi* e no *O Globo Juvenil*, como Jack do Espaço. Já Brick Bradford era conhecido pelos leitores do *Suplemento Juvenil* como Dick James.

# Outras facetas do Suplemento

**B**ondade, perspicácia e sensibilidade foram fatores preponderantes na extraordinária trajetória do senhor Adolfo Aizen à frente do “Grande Consórcio de Suplementos Nacionais”.

Ele conseguiu desde o início captar a simpatia e confiança dos leitores infanto-juvenis, através de uma série de projetos bem bolados que tinham principalmente essa finalidade.

Entre 1934 e 1945, período de existência do *Suplemento Juvenil*, surgiram enquetes como a que publicamos neste livro, cujas respostas deviam vir acompanhadas de uma foto 3 x 4, do remetente, para futura publicação. Algumas eram enquetes cívicas: “Porque devemos honrar e defender a pátria?”, que premiava com 50 mil réis, as melhores frases, num depósito em caderneta da Caixa Econômica. Frases premiadas: Porque é a família amplificada e divinamente constituída por elementos orgânicos, a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerência e o sacrifício, como demonstraram nossos antepassados.” – da leitora Anita da Costa Vilar, do Rio de Janeiro. Outra frase premiada: “Porque assim concorremos para o progresso moral e intelectual de nosso país.” – do leitor Evaristo Lemos, de São Paulo.

Também existiam as enquetes bajuladoras ao Presidente que governava na época a nação: “O Presidente da República, antigo menino de São Borja, numa só frase do pessoalzinho miúdo.” E lá vinham respostas como esta: “O Presidente Getúlio é o símbolo de prosperidade de nosso tão grande Brasil.”

No setor desportivo, o *Suplemento Juvenil* não se fez ausente. O Centro Juvenilista, órgão criado para aglutinar jovens de todo o Brasil, volta e meia promovia uma série de eventos esportivos não só no Rio de Janeiro como em São Paulo.

Parodiando o Círculo da Gávea (o famoso ‘Trampolim do Diabo’) uma espécie de Formula Um, que havia sido



vencido, na ocasião, pelo corredor italiano Carlo Pintacuda, foi organizado pelo Suplemento um Circuito Juvenil, com carrinhos de pedal (muito em moda então), muitos deles verdadeiras réplicas das famosas “baratinhas” dos pilotos profissionais. Lembro-me que o senhor Aizen chegou até a mandar confeccionar um modelo reduzido para crianças, igualzinho ao carro de Benedito Lopes, um de nossos melhores corredores. Foi feita até uma seleção entre a criança da carioca, para escolher aquele que reunia melhores condições de pilotá-lo. Uma prova idêntica ocorreu meses depois aqui em São Paulo, com o mesmo interesse.

O sonho de todos os juvenilistas brasileiros, que tinham alguma queda para o desenho, era ver um trabalho publicado em seu jornalzinho preferido. Desta forma, enorme era a quantidade de desenhos que diariamente chegava à redação para serem analisados. O fato obrigou seu diretor a criar uma seção denominada: ‘O Correio dos Pinta-Monos’ que, além de acusar o recebimento dos mesmos, dava uma série de conselhos para melhorar a qualidade dos futuros desenhistas. Eram dicas como estas feitas para Luiz Teixeira da Silva, de Lavras, Minas Gerais: “O papel para histórias em quadrinhos pode ser cartolina marfim. A tinta empregada é o nanquim preto e as legendas devem ser feitas separadamente a lápis. O máximo de capítulos é 15 e o mínimo 8.”

Algumas histórias que andaram depois aparecendo no *Mirim*, principalmente, vieram através deste meio de comunicação.



*Verdadeira multidão compareceu num domingo, no início dos anos 60, ao antigo aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, para ver um êmulo americano de Buck Rogers voar, com o auxílio de um aparelho que inventou, preso às costas.*

## UMA ENQUÉTE para todas as crianças

O SUPLEMENTO JUVENIL tem uma enquete interessante entre os seus pequenos leitores. Desejaria saber qual a simpatia das crianças brasileiras, qual a sua preferência nas estrelas, o seu artista de cinema predileto, o jornal, a revista ou o livro que actualmente lê e a figura nacional que lhe invoca maior sentimento patriótico.

Assim, O SUPLEMENTO JUVENIL faz esta sua enquete. A elá poderão responder todos os nossos amigos — meninos e meninas — preenchendo ou esfolando o coupon abaixo, para não importar a SUPLEMENTO, e nela anexando acompanhada de um retratinho. As respostas serão publicadas no lado desse retratinho e por gilgas se verá, futuramente, não apenas se é verdadeiro o sentimento de que o homem pôde a Deus depôr, mas, ainda, na presente, certas preferências infantis.

A correspondência devevir com o seguinte endereço: A<sup>o</sup> redação do Suplemento Juvenil, (Eugólio), Rua 13 da Madre 33.55 — Rio.

### R E S P O S T A S

- (1) — QUANDO FOR GRANDE, DESEJO SER .....
- (2) — NAS AULAS DE MINHA ESCOLA PREFIRO .....
- (3) — O ARTISTA QUE MAIS ADMIRO NO CINEMA E .....
- (4) — PRESENTEMENTE LIGO DE PREFERÊNCIA .....
- (5) — A FIGURA NACIONAL QUE ME INVOCAMAIOR SENTIMENTO PATRÍOTICO E .....

MEU NOME .....

IDADE .....

RESIDÊNCIA .....

ESCOLA .....

CIDADE E ESTADO .....



*Uma das famosas enquetes do Suplemento Juvenil, realizada em 1934.*

Em meados do ano de 1937, o diretor do "Grande Consórcio de Suplementos Nacionais" visitou pela segunda vez os Estados Unidos. Em seu regresso, confiou ao repórter juvenil as impressões de sua estadia no colosso yankee, que saiu publicada no número 403 do *Suplemento Juvenil*.

Falando de sua visita ao departamento de arte do *King Features Syndicate*, em Nova York, disse o se-

guinte: "Era uma grande sala quadrada, de paredes claras, cobertas de desenhos berrantes, onde um grupo de artistas, em manga de camisa, cabelos desfeitos, sentados em suas pranchetas, fumavam e enchiam a sala de fumaça. Conversavam animadamente e o raciocínio exposto se completava com alguns traços rápidos sobre folhas de papel presas às pranchetas. Desses desenhistas, reconheci logo o mais vivo, o mais impressionante. Reconheci pelo bigodinho, pelo sorriso amável, pelo incisivo das palavras. Um homem com aquele bigodinho, com aquele sorriso de herói, com aquelas palavras rasgadas e fortes, só podia ser um criador de heróis, só podia ser Alex Raymond. E era ele mesmo em pessoa, em carne e osso, o homem que inventou Flash Gordon, Jim das Selvas, Bill, o Agente Secreto X 9 e, mais tarde, Rip Kirby (Nick Homes, no Brasil). Meu amável cicerone, Mr. Calige, apresentou-me ao artista e batemos um longo papo."

Além de Alex, Aizen também falou com Elsie Segar, o criador do marinheiro Popeye e com outros artistas que lá se encontravam na ocasião.

Como curiosidade, publicamos a seguir respostas da enquete acima publicada, dadas por alguns leitores mirins do *Suplemento*, em 1934, mesmo porque é bem possível que alguns deles ainda vivam e irão sentir-se bastante lisonjeados com isso.

>	1) Jogador de futebol
	2) Matemática
	3) Eddie Cantor
	4) <i>Suplemento Juvenil</i>
	5) Bandeira nacional

**Antônio José de Freitas** — 14 anos — Rua Junqueira, 54 — Ginásio Arte e Instrução — Realengo — Rio de Janeiro



>	1) Professora
	2) Leitura
	3) Charlie Chaplin
	4) <i>Suplemento Juvenil</i>
	5) Tiradentes

**Aydil B. Ataide Marcondes** – 9 anos – Rua Marechal Deodoro, 12 – Grupo Escolar Alfredo Pujol – Pindamonhangaba – São Paulo

>	1) Médico
	2) Desenho
	3) Ramon Novarro
	4) Histórias de aventura
	5) Tiradentes

**Estanislau F. Sobrinho** – 10 anos – Pensão Fidalga – Escola Goiás – Rio de Janeiro

>	1) Cantora
	2) Canto
	3) Charles Farrel
	4) <i>Suplemento Juvenil</i>
	5) Ruy Barbosa

**Regina Stella Cataldi** – 10 anos – Hotel da Estação – Grupo Escolar Joaquim de Macedo – Barra do Piraí – Estada do Rio

>	1) Padre ou médico
	2) História do Brasil
	3) Buck Jones
	4) <i>Suplemento Juvenil</i>
	5) Tiradentes

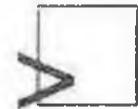
**Armando Chaves Correa** – 10 anos – Rua Dr. Veloso, 33 – Grupo Escolar Gonçalves Dias – Montes Claros – Minas

>	1) Aviador
	2) Matemática
	3) John Barrymore
	4) Romances
	5) D. Pedro II

**Edívio Caldas Santos** – 12 anos – Rua Barão de Guaratuba, 32 – Externato Santo Antônio – Rio de Janeiro – RJ

# Mirim – revista semanal

A explosão criativa do senhor Aizen, não parava. Em 16 de maio de 1937, o aparecimento de *Mirim*, uma nova revistinha de 32 páginas (meio-tablóide), grampeada no meio, vinha atender à procura cada vez maior de histórias em quadrinhos que o país vivia. Os principais heróis deste novo lançamento em sua maioria eram os mesmos já conhecidos do *Suplemento Juvenil*, com fortes influências nos hábitos diários de milhares de leitores.



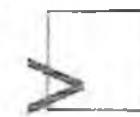
Desde maio de 1937, quando surgiu nas bancas com 32 páginas grampeadas no meio, Mirim passou por várias fases em sua trajetória de vida. Começou semanal, saindo às sextas-feiras, depois passou a ser editado duas e, logo a seguir, três vezes por semana, inclusive com uma edição domingueira.





Lá estavam o Rei da Polícia Montada, Az Drumond, Rafles, Mandrake, Cazuzinha, Pinduca e as aventuras de Lindinha, uma menina loura de cabelos cacheados, que procurava repetir nos quadrinhos o mesmo sucesso alcançado por Shirley Temple no cinema.

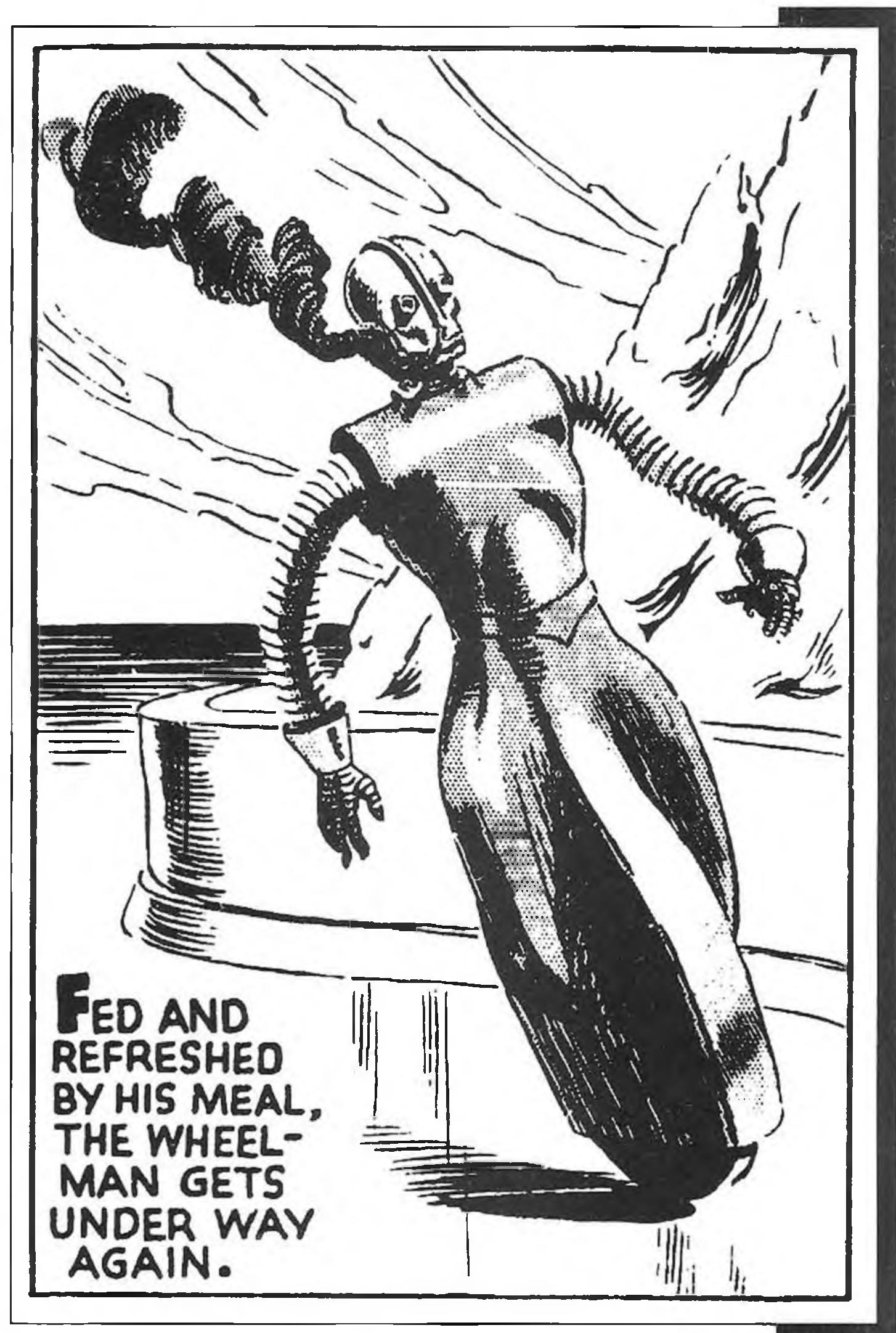
*Mirim* aparecia nas bancas todas as sextas-feiras, custava 300 réis e trazia em cada número uma aventura completa dos novos: Slam Bladley, Fantomas, Cyros Sanders, Beck Jones, Polícia Federal e outros, inaugurando uma modalidade que iria prevalecer no futuro e decretar o fim das publicações seriadas entre nós. A histórica disputa entre os empresários de jornais americanos, Joseph Pulitzer (1847-1911) e William R. Hearst (1863-1951), teve como consequência o início da legislação americana sobre o 'copyright' dos personagens, que passaram a ser controlados por sindicatos. A principal função dos sindicatos era a de centralizar e distribuir fotos, desenhos e matérias dos jornais e revistas aos interessados em adquirir seus direitos de republicação. A primeira dessas organizações pertencia a Hearst: *O Hearst International Feature Service* (depois King Features Syndicate). A este grupo estavam ligados os principais criadores dos famosos heróis das histórias em quadrinhos e que no Brasil eram exclusivos dos editados de Adolfo Aizen, até agosto de 1939, quando Roberto Marinho entrou firme na parada e levou-os todos de uma só vez para seus *Globo Juvenil* e *Gibi*.



*Mandrake, o Mágico*, criação de um dos autores mais lidos em todo mundo, com elegantes desenhos de Phil Davis, lançaram em 1937, uma história que fugia ao lugar comum das aventuras concorrentes, porque o herói parecia ter a natureza entre as mãos, modificando a aspecto das coisas. "Mandrake no Império Desconhecido" surgiu em cores na página central do *Mirim*, desde seu primeiro número, e logo transformou-se no seu carro-chefe, agradando por completo todos os leitores. Assistido por seu fiel companheiro, rei de uma tribo africana, Lothar, e por sua noiva, princesa Narda, Mandrake, vestido como os prestidigitadores tradicionais (fraque, cartola e capa), utilizava seu penetrante poder hipnótico como eficaz arma na luta contra o crime, compondo assim uma parábola acerca da superioridade do cérebro sobre a força bruta.



A partir de então, o *Mirim*, como seu irmão mais velho, o *Suplemento*, entraram num período negro, cuja tábua de salvação provisória foi suas incorporações às empresas do patrimônio nacional. Mas, antes de tudo isso acontecer, o *Mirim* teve seus dias de glória. Passou a ser editado duas e depois três vezes por semana. Suas edições de sexta-feira ficaram conhecidas como *Mirim Sextaferino*, só com histórias completas a partir de 28 de julho de 1939. Também deu seu nome à famosa *Biblioteca Mirim*, cujos livros de bolso em quadrinhos eram chamados de ‘tijolinhos’.



O homem de metal era um dos estranhos habitantes do “Império Desconhecido”, que escravizavam seres humanos para trabalharem em suas minas de carvão e depósitos de óleo, para se verem livres da única doença que temiam, a ferrugem.

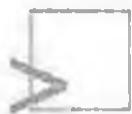


*Flash Gordon no Reino das Cavernas, Mandrake, O Mágico, Popeye na Ilha do Tesouro e Tom Mix, o Herói de Far West* foram, pela ordem, os quatro primeiros volumes desta maravilhosa biblioteca que logo conquistaram a simpatia dos leitores. Não menos famosos foram os livros de números: 07 – *Terry e o Roteiro do Templo*, 09 – *Dick Tracy*, 12 – *Buck Rogers no Século XXV*, 13 – *Red Barry, Agente Secreto*, 14 – *Tailspin Tommy na Ilha do Céu*, 17 – *Az Drumond* e 19 – *Tim e Tok na África*, que, por muito tempo, mereceram lugar de destaque dentre meus guardados.

Anos depois, a cada 30 dias, surgia uma edição especial chamada *Mirim Mensal*, com um número maior de páginas, trazendo sempre uma ou duas histórias completas. No exemplar que inaugurou esta fase lá estavam os Três Mosqueteiros e o Último dos Moicanos. Não menos interessantes foram as edições de Buffalo Bill e Freddy, em *O Circo Aéreo*, ainda hoje guardadas com carinho por colecionadores. Por ocasião da comemoração do descobrimento da América, dia 12 de outubro, o Mirim lançou um número especial com cem páginas, que, além de publicar a vida e descobertas de Cristóvão Colombo, trazia ainda oito páginas em quadrinhos de cada um destes heróis: Bill, o Agente Secreto, Tim e Tok na Patrulha do Marfim, Rádio Patrulha, Buffalo Bill, Fu-Manchu, Inspetor Day e Biluca. Um sucesso sem precedentes para essa simpática revistinha que vivia sua melhor fase.



*Slam Bradley*, de Jerry Siegel e Joe Shuster, antes de a dupla ter criado o Super-Homem, era uma das grandes atrações que Mirim oferecia a seus leitores, em aventuras completas.



Muito apreciadas pelos leitores eram as páginas falando de cinema, desenhadas por Feg Murray, que apareciam regularmente no Mirim.

Entre suas atrações normais, estava a página intitulada "Cinema Juvenil", muito apreciada pelos amantes da sétima arte, onde, durante anos, ficaram sabendo de fatos curiosos ligados à vida dos principais astros de Hollywood, em magistrais desenhos de Feg Murray.

# mirim CINEMA mirim

★ REVISTA JUVENIL ★



MAUREEN O'SULLIVAN

Chegou a Hollywood foi recebida por um grupo de artistas que apresentou com um grande "vegetus". Julgando ser isso uma novidade, Maureen riu... Sua cara está cheia de festa!



BUSTER CRABBE

tem em Flash Gordon a sua maior representação no cinema. Ele banca o universitário campeão e o herói indomável que enfrenta terríveis perigos no Planeta Mongo.

LUISE RAINER

é uma perfeita fotógrafa, pianista, cantora, bailarina, pintora e escultora.

6/M  
Feg Murray

"Chi! Voce ja viu a cara feia do Ming e o Flash Gordon?"

Piquet zonzo com a valentia do Flash! Brutal



*Mandrake no Império Desconhecido* que apareceu em cores desde o primeiro número, na página central, foi durante o tempo que durou sua publicação, a grande atração desta fase inicial de *Mirim*.

O belo roteiro saído da imaginação de Lee Falk, cheio de interesse e criatividade aos quais alternadamente se punham em destaque os dotes hipnóticos do grande mágico e a força do companheiro Lothar, logo conquistaram todos nós. Magnificamente desenhada por Phil Davis, esta aventura acabou se constituindo numa parábola acerca da superioridade do cérebro sobre a força bruta, ou as armas do mal.

Era uma dimensão desconhecida, onde Mandrake e Lothar foram enviados pela máquina desenvolvida pelo professor Theobald, a fim de procurar sua filha Fran. Logo, nossos heróis se viram aprisionados pelos habitantes de uma cidade metálica que temiam a ferrugem, a corrosão e, principalmente, a Águia de Fogo, seu principal inimigo. Tiveram a seguir que enfrentar os homens de cristal e ainda um povo selvagem, que comia ervas e lama. Esses ingredientes apresentados com uma linguagem muito precisa e estudada constituíram-se num dos melhores trabalhos da dupla Falk-Davis.

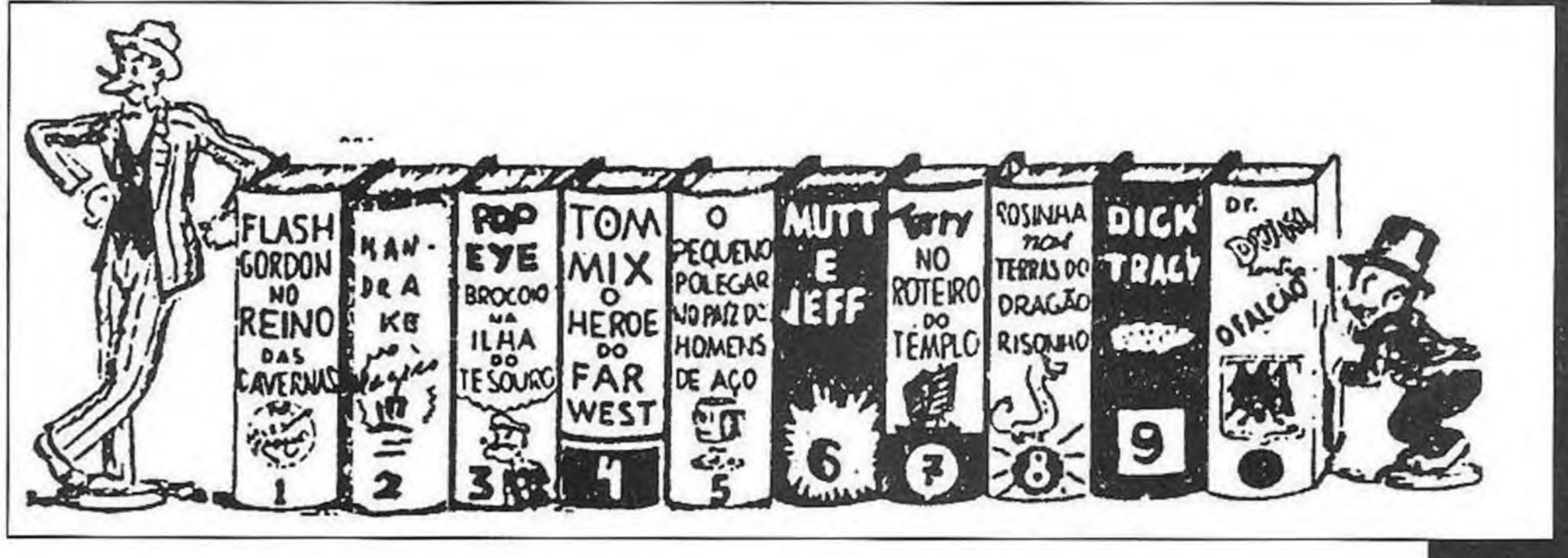
Muitos anos depois, Lee Falk voltou ao tema, agora com desenhos de Fred Fredericks, publicadas por *O Globinho*, encarte dominical do jornal *O Globo*, sem entretanto obter o mesmo resultado anterior.

No dia 10 de dezembro de 1939 saiu a *Edição de Natal de Mirim*, que, além de publicar quatro capítulos das histórias normais, lançou três novos personagens: Joe Sopapo (Ham Fisher), Jack Risonho (Zack Mosley) e a volta de Don Winslow (Leon A. Beroth). Cada número de *Mirim* se completava com um conto escolhido, sempre de grande interesse, abordando os gêneros policial, aventura e western, em sua maioria ilustrados por Mário Pacheco.

Os amantes da aviação se babavam lendo as proezas e vidas dos grandes ases, narrados pelo Capitão Eddie Rickenbacker e desenhadas por Clayton Knight, os mesmos que faziam as aventuras de Az Drumond. Não menor interesse despertavam as páginas intituladas: ‘A Origem das Coisas’ e ‘Lendas que a História não Conta’, todas voltadas para o desenvolvimento moral e intelectual das crianças e até de adultos.



A Biblioteca Mirim, com mais de 30 volumes publicados, era composta de livrinhos (também chamados de tijolinhos), de capa dura, com mais de 500 páginas de texto e ilustração. A cada página de texto sucedia uma outra de ilustração e teve seu início em maio de 1938, com “Flash Gordon no Reino das Cavernas”, logo seguido por “Mandrake, O Mágico”, depois “Popeye Brocoió na Ilha do Tesouro” e por aí afora.



**Mutt & Jeff apresentando os dez primeiros números da Biblioteca Mirim, que se iniciou em maio de 1938, com o volume Flash Gordon no Reino das Cavernas. Ao todo, foram mais de trinta volumes publicados, de capa dura, contendo uma média de 500 páginas cada, entre ilustrações e texto.**

Ainda sobre o *Mirim Sextaferino* devo dizer que tinha apenas 24 páginas e se chamou no início *Edição Especial de Sexta-feira*. Custava 200 réis e seu primeiro número surgiu dia 28 de julho de 1939, com duas aventuras completas: 'O Flama' e 'Yarko, o Mágico'. Este último de autoria de Will Eisner, que, desde 1936, publicava seus trabalhos em jornais diários e, em 1940, lançava seu maior sucesso mundial: 'The Spirit'.

Logo que foi fundado o "Grande Consórcio de Suplementos Nacionais", certo dia apareceu na redação um grupo de alunos do Colégio D. Pedro II, chefiados pelo menino de 13 anos, Renato de Biasi, que revelou-se mais tarde um grande redator. Ajudou Aizen a fundar o Centro Juvenilista e a seguir ocupou o cargo de secretário de *Mirim*, desde seu início.

# O Lobinho

**C**orria o ano de 1938. Os quadrinhos continuavam sendo produzidos em massa, estampados nos tablóides existentes, nas revistinhas especializadas e até nas tiras de jornais ditos como sérios. Não se conhecia até então outro veículo visual que projetasse tantas possibilidades de consumo diversificado.

Impressas inicialmente para se tornarem objetos de uso precário, ou seja, compradas, lidas e descartadas, grande número dessas publicações foram entretanto recolhidas por colecionadores, tornando-se objeto de pesquisa nos anos que se seguiram.

Ainda em 1938, vivíamos os momentos que antecederam a eclosão da Segunda Guerra Mundial, que iria abrir um grave período de crise na evolução e expansão da arte dos chamados “comics”.



Várias capas de O Lobinho.

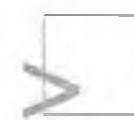


Além dos fatores industriais, tal como a aguda crise do papel, fatos políticos do momento acabaram por transformar as histórias em quadrinhos, a exemplo do acontecido com o cinema, em armas de propaganda a serviço da guerra.



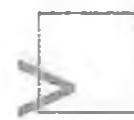
Pois foi exatamente com esse pano de fundo que, no dia 8 de abril desse mesmo ano, Aizen fazia mais uma experiência, desta vez com *O Lobinho*, em formato jornal, com oito páginas, trazendo como novidades: Tarzan (colorido), de Hal Foster, Buck Rogers (também em cores), Escoteiros Heróicos, Joe Sopapo e Aninha - A Pequena Órfã, do reacionário Harold Gray. Esta história, apesar do sucesso que conseguiu junto ao público, inclusive no Brasil, sempre foi alvo de muitas críticas. Primeiro por Aninha nunca ter deixado a puberdade nem a companhia do cachorro, depois por ter sempre como amigos ricos industriais ou pobres sem iniciativa e nunca gente honesta do povo que trabalhava para viver.

*O Lobinho* custava 300 réis e aparecia às sextas-feiras e foi, sem dúvida, o único dos editados de Adolfo Aizen que não conseguiu emplacar. No seu formato original teve vida curta, apenas dois anos de existência, com 95 números publicados, mesmo depois de uma tentativa feita meses antes, ao ser publicado diariamente ao preço de 100 réis (um tostão).



*Capa do primeiro número do O Lobinho semanal, formato standard, que surgiu nas bancas no dia 8 de abril de 1938, com Tarzan, de Harold Foster, em cores. Talvez por seu formato meio incômodo não teve vida longa. Saíram apenas 95 números.*

*A partir de maio de 1940, O Lobinho passou a ser mensal com um novo formato, teve sua numeração reiniciada, publicando somente histórias completas em suas 72 páginas. De todos os lançamentos do Grande Consórcio de Suplementos Nacionais do senhor Adolfo Aizen, O Lobinho foi o que mais tempo durou. Continuou saindo até a década de 50.*



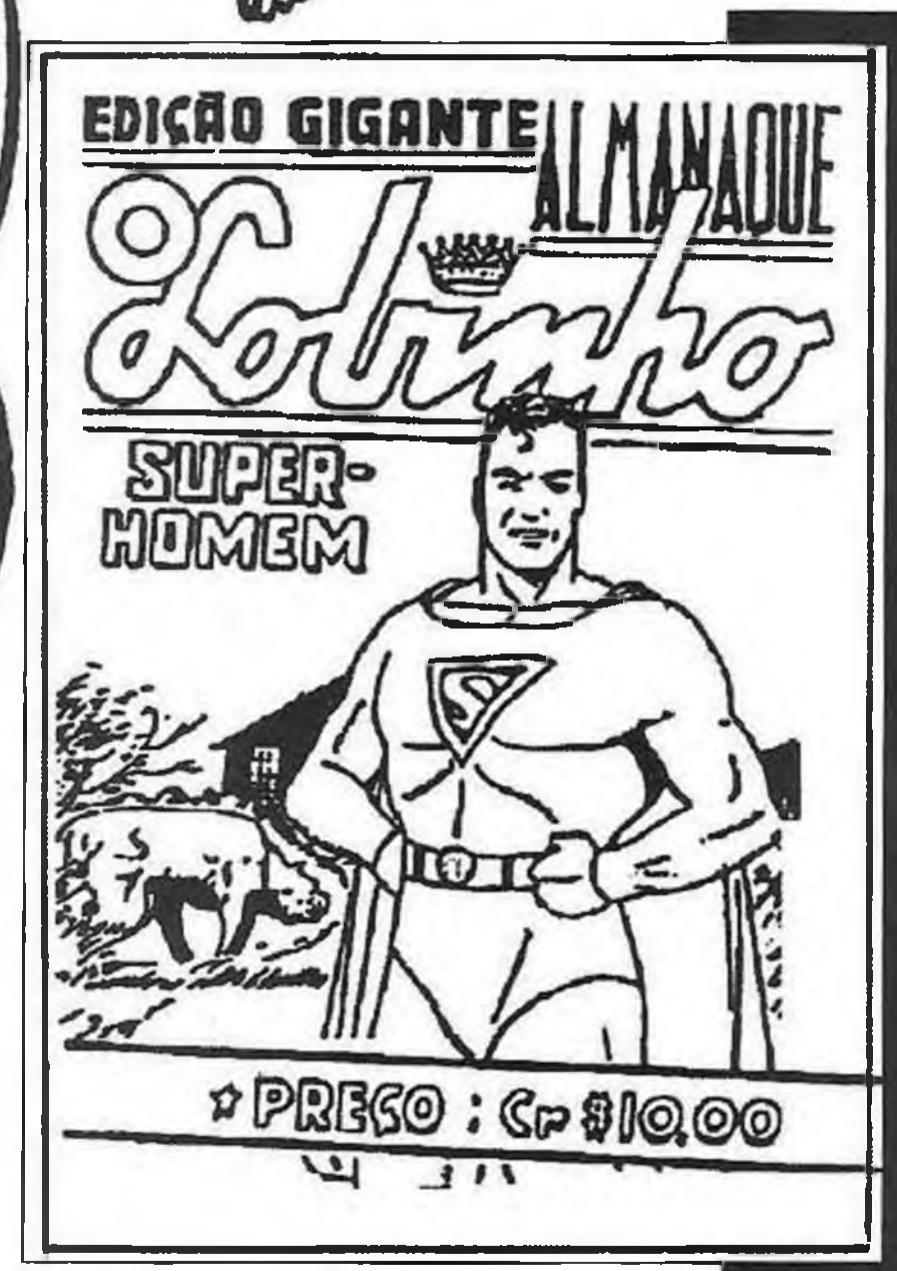
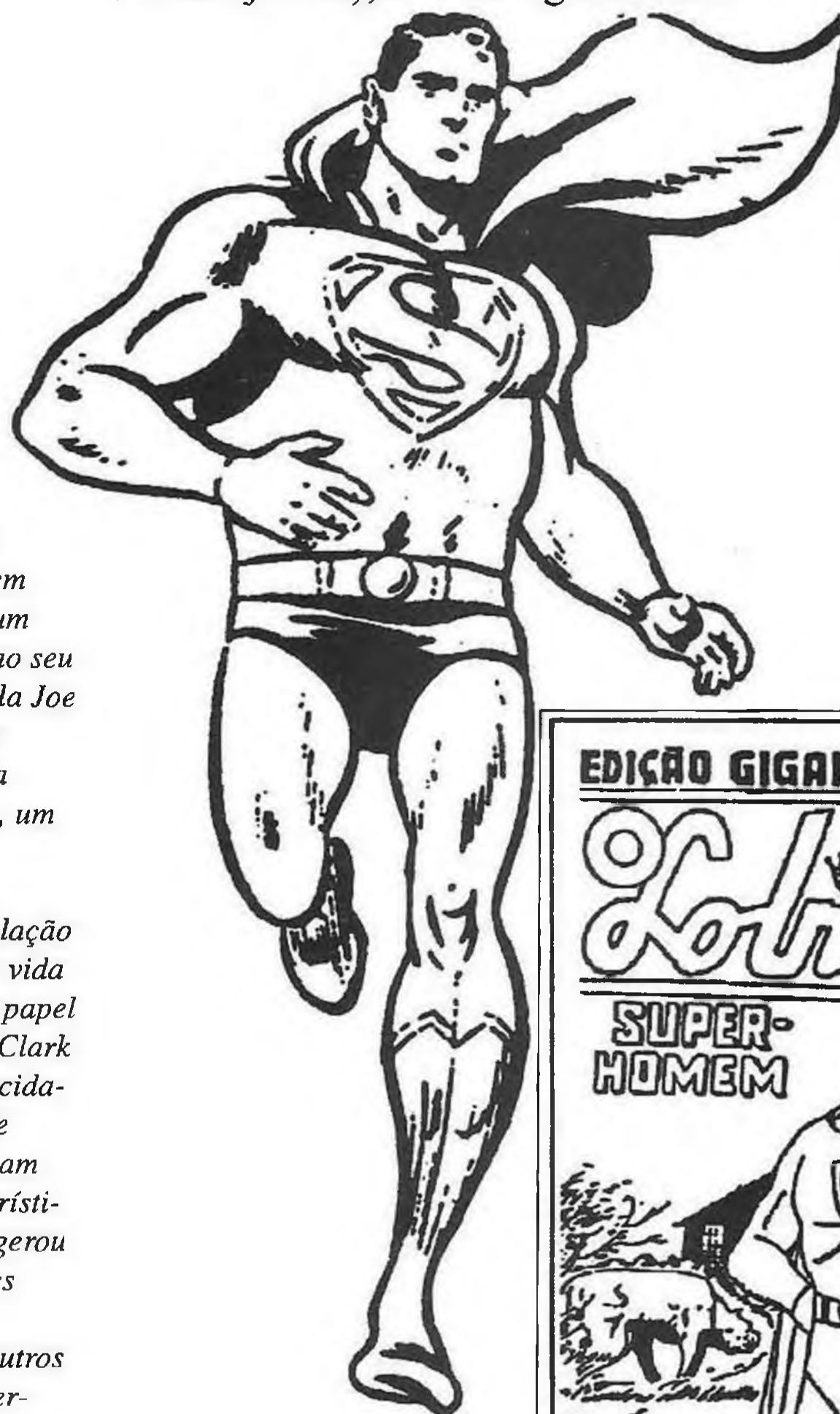
*Neste belíssimo trabalho do desenhista Umberto Losso vemos Johnny Weissmuller (Tarzan), Maureen O'Sullivan (Jane) e John Sheffield (Boy) se divertindo lendo nos suplementos dominicais dos jornais americanos as aventuras do homem-macaco em quadrinhos desenhadas por Hal Foster.*



Talvez seu grande formato tenha sido a razão principal de seu fracasso. Os leitores acostumados aos tablóides nunca viram com bons olhos essa transformação radical operada num órgão destinado à juventude. Depois de lido, ele automaticamente tinha de ser novamente dobrado como acontecia com qualquer jornal comum, o que fatalmente provocava vincos que, em pouco tempo, acabavam se rasgando. Existem até os dias de hoje coleções em bom estado, em sua maioria encadernadas do *Suplemento Juvenil, Mirim, Gazetinha, O Globo Juvenil, Gibi* e outras que adotavam o formato convencional, não lembro porém de ter conhecimento de alguém que possua a coleção de *O Lobinho* (formato jornal), em seus guardados.



*Em 1938, na cidade de Cleveland, Ohio, o jovem Jerry Siegel imaginou um personagem e sugeriu ao seu amigo e colega de escola Joe Shuster que fizessem os desenhos. Nascia, dessa forma, o Super-Homem, um herói dotado de superpoderes, levando grande vantagem em relação aos demais. Embora na vida comum representasse o papel de um tímido repórter (Clark Kent), vigor físico, velocidade e voar sem auxílio de qualquer mecanismo eram suas exclusivas características. Seu aparecimento gerou uma série de novos seres também dotados de superpoderes e até de outros que o copiaram. O Super-Homem também formou nas páginas de O Lobinho, a partir de número 8 (nova fase), que saiu em dezembro de 1940.*



Quando a partir de abril de 1940 virou uma revista mensal de 72 páginas, só com histórias completas, no formato americano, teve melhor sorte, embora com tiragens menores que seus concorrentes diretos: *Gibi Mensal*, *O Globo Juvenil Mensal* e *O Guri*.

Foi durante o período em que fez parte da *Empresa A Noite de Publicações Infantis*, órgão ligado à cadeia jornalística governamental que, além do jornal *A Noite*, editava também as revistas *Noite Ilustrada*, *Carioca*, *Vamos Ler*, *Figurino* e *Clube dos Amores*.



O Sombra, personagem da risada sinistra, criado em 1929, por George C. Jenks, sob o pseudônimo de Frank S. Laxton, para os pulps norte-americanos, chegou aos quadrinhos em março de 1940, com o aparecimento da revista *Shadow Comics*, que circulou até 1950. Os roteiros eram de autores desconhecidos, mas foram creditados a Maxwell Grant, enquanto os desenhos eram feitos por Al Bare, Jack Binder, Bob Powell, Vernon Greene e Erwin L. Hess, entre outros. No Brasil, surgiu no número 12 de *O Lobinho*, publicado nos primeiros dias de abril de 1941.



Capa de *O Lobinho* 56, de novembro de 1944.



*Edição Especial de O Lobinho com 84 páginas, lada em junho de 1944, contendo sete aventuras em quadrinhos do Sombra, a saber: O Dragão Branco, A Mansão do Horror, O Incrível Shiwan Khan, A Volta dos Mortos, O Moinho Maldito, A Mão da Morte e O Café Guna-Guna*



*O Lobinho mensal* foi o responsável pelo lançamento entre nós de Joel Ciclone, O Rei, Johnny Trovoada, Águia Americana, Tim Holt, O Homem de Borracha e, principalmente, O Sombra, personagem originário dos “pulps” americanos, que agora chegava com força total as histórias em quadrinhos. Durante bom tempo, tanto Tim Holt quanto O Sombra foram os carros-chefes desta nova fase de *O Lobinho*, que infelizmente terminou no ano 1954, quando desapareceu definitivamente das bancas.

Entre os grandes lançamentos de *O Lobinho*, destaque especial para o almanaque que saiu em 1942, com 300 páginas, contendo aventuras completas de todos seus eletrizantes heróis da imaginação: “Joel Ciclone e a mina de prata”, “Slam Bradley ajuda um patrulheiro”, “Batman e o mistério

das telas proféticas”, “Red Logan, repórter policial”, “O Chicote o e invento revolucionário”, “O Vingador Vermelho salva uma jovem”, “Rádio-Patrulha no rodeio”, O Falcão da Noite contra a Mulher Tigre”, “Cyrus Sanders e o incendiário”, “Karzoni à procura do explorador desaparecido”, “Steve Malone e a armadilha”, “César Roberto e os invasores do norte”, “Carlos Madruga e a seita do Dragão Negro”, “Super-Homem intervém na fundação Marvel”, “Pep Morgan nas corridas universitárias”, “Os três ases e o pirata aéreo”, “Tex Thonson e os homens-ratos”, “O Rei às voltas com a Feiticeira”, “Johnny Trovoada e a sociedade do crime”, “Homem Máscara na estrada sem volta”, “Jack Carson e a morte do Astro”, “Paulo Grandalhão em o conto-do-vigário”, O Capitão Corajoso da RAF”, Mutt & Jeff, “Bul Dogue, o cachorro inteligente”, “Fatos da História e da curiosidade”, “Heróis de verdade”, “Grandes Figuras do Brasil”, “Contos de Natal” etc. Uffaaa... Foi uma edição e tanto e tudo isso por apenas dez cruzeiros.



*O Sombra, uma das grandes atrações de O Lobinho, em sua nova fase e do Gibi Trisemanal, se transformou num filme seriado de 15 episódios, da Columbia Pictures, em 1940, interpretado por Victor Jory.*



*O Espírito, a revolucionária obra de Will Eisner, começou a aparecer em O Lobinho, formato revista, a partir de 1952, logo transformando-se em sua principal atração.*

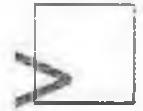
# O Globo Juvenil

**O** *Globo Juvenil* assumiu o papel de líder absoluto junto à juventude brasileira a partir de agosto de 1939, quando o senhor Roberto Marinho, de uma só canetada, levou todos os famosos personagens distribuídos pelo King Features Syndicate, até então exclusivos do *Suplemento*, para seus editados: *O Globo Juvenil* e o *Gibi*.

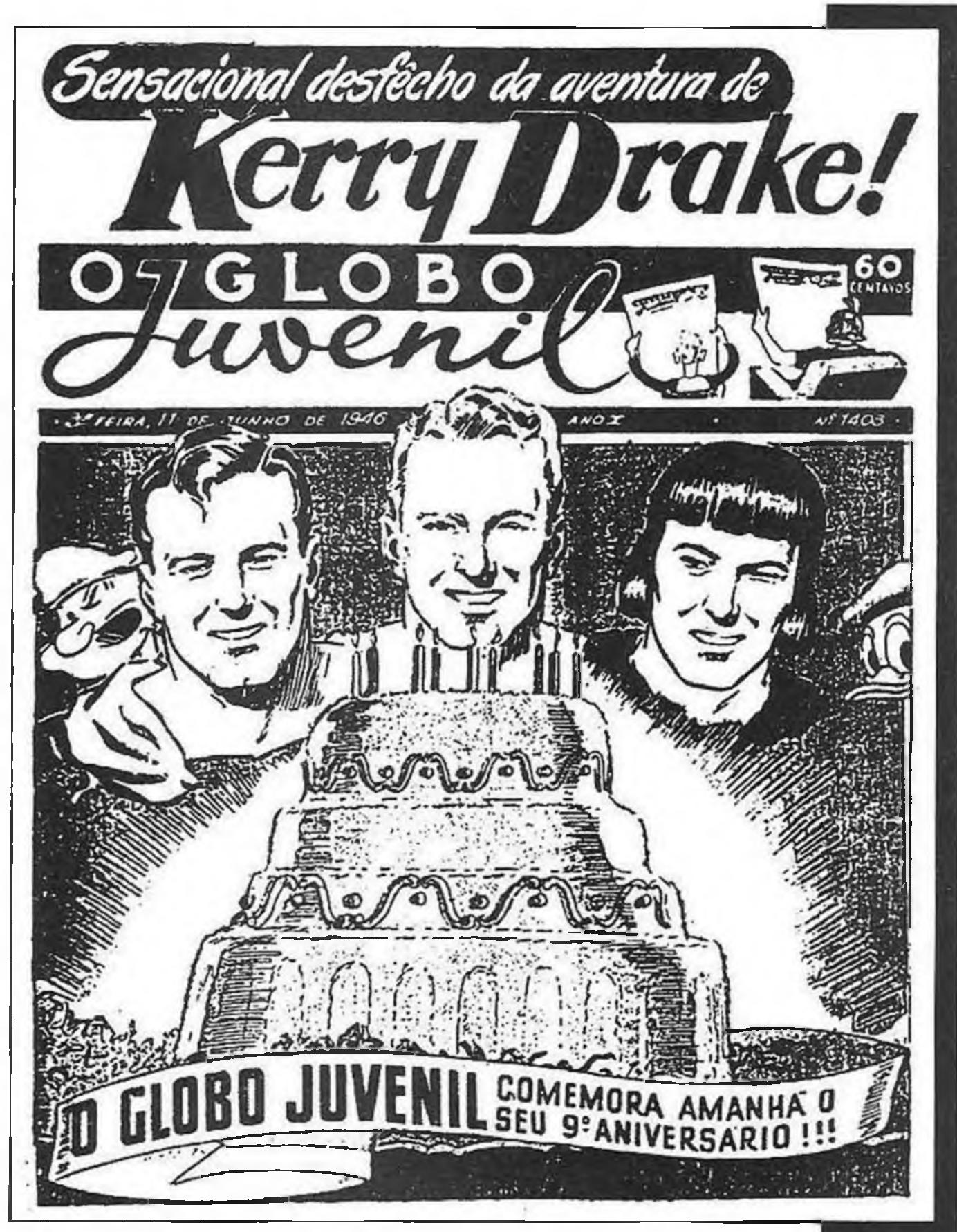
Esta manobra, considerada por Adolfo Aizen como um golpe baixo, estremeceu de tal forma as relações entre os dois empresários que ficaram anos e anos sem se falarem.



*A partir de 1939, tanto O Globo Juvenil como o Gibi se tornaram líderes absolutos juntos à preferência de leitura da juventude brasileira, não só pela melhoria de sua apresentação gráfica, como principalmente por contar com a presença em suas páginas de todos os conhecidos heróis que até então figuravam no Suplemento Juvenil.*



*Edição de O Globo Juvenil comemorativa de seu novo aniversário de publicação.*





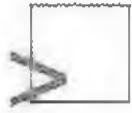
O fato, além de surpreender também todos nós leitores de quadrinhos, era a revelação da “Grande Surpresa”, anunciada com insistência há várias semanas pelos diversos meios de comunicação da época: rádio, jornais e revistas.

Os irmãos Marinho, que possuíam o que de mais novo existia em equipamentos gráficos, melhoraram sobremaneira a apresentação visual de todos os seus lançamentos, deixando praticamente “na tanga” toda a concorrência.

Entretanto, nem sempre a coisa funcionou dessa maneira. Quando *O Globo Juvenil* surgiu pela primeira vez nas bancas de jornais, no sábado dia 12 de junho de 1937, passou despercebido pelos leitores brasileiros que tinham outras preferências: *Suplemento, Mirim, A Gazetinha e Tico-Tico*.

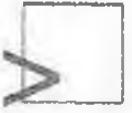
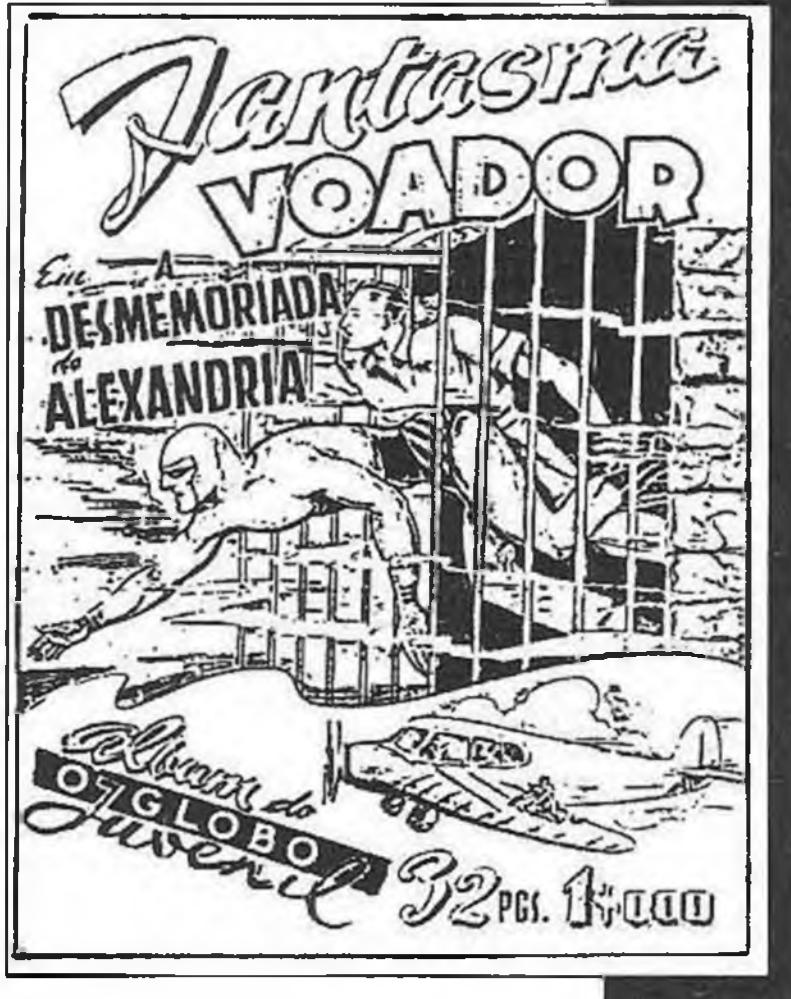


Chamada feita especialmente para o lançamento do Almanaque de O Globo Juvenil, de 1952, estampada em outras publicações regulares da Editora Globo.



*O Fantasma Voador, criação de Lee Falk e Ray Moore, foi o herói que mais vezes apareceu em edições especiais (álbuns) lançados pelo O Globo Juvenil.*

A nova publicação, que vinha para ficar, também custava 200 réis, 16 páginas de texto e quadrinhos, além de uma série de novos heróis que até então desconhecíamos. Publicou em seu primeiro número capítulos das seguintes histórias: Don Dixon, Robin Hood, Mabel Loy, Gordon Fife, o soldado da Fortuna, Bill Dinamite e O Rei da Sorte, todos de procedência norte-americana. As nacionais eram: Pery Borba, de Israel Ferreira; Os Primeiros Homens na Lua e As Minas de Prata, desenhadas por F. Acquarone; Gulliver no Século XX, de Israel Ferreira, além do conto ilustrado Os Serões de Dona Benta.



*A exemplo do acontecido com outros heróis distribuídos pela King Features Syndicate, também Flash Gordon passou com armas e bagagens para O Globo Juvenil a partir de agosto de 1939.*





O Fantasma Voador, Barney Baxter e Brick Bradford, que surgiram depois, já eram nossos velhos amigos através de *A Gazetinha* e do *Correio Universal* e já haviam adquirido a condição de mitos, aceitos e apreciados coletivamente por grandes camadas de público.

Uma nova geração de desenhistas formados nas academias de arte e com prévia prática de ilustradores era responsável pelas novas séries que foram surgindo: Brucutu (V. T. Hamlin), Robin Hood (David Forbes), Zé Mulambo (R. Van Buren), Capitão César (Roy Crane), Lil Abner (Al Capp) e Marquês de Tereré (R. B. Fuller) e agora encontraram guarda na páginas desta nova publicação.

Em sua primeira fase, nomes conhecidos da imprensa carioca como o jornalista Henrique Pongetti, responsável pelas "Aventuras do Caveirinha" e os desenhistas Alceu Pena, Israel Ferreira, F. Acquarone e Calmon, que já haviam dado suas colaborações ao extinto *Correio Universal*, foram requisitados.



Ainda no terreno da ficção científica destacou-se *Brick Bradford*, um precursor de *Flash Gordon*, que, desde 1933, com argumentos de William Ritt, era desenhado por Clarence Gray. Como curiosidade, esse herói chamava-se *Dick James* no Suplemento Juvenil, que publicava suas tiras diárias dos jornais americanos.







Vivíamos um período da adolescência de uma arte, já que os quadrinhos estavam deixando de ser simples anedota gráfica para abordar a épica aventureira do cinema e que desfrutava de longa tradição na narrativa popular.

A influência do cinema foi determinante no aparecimento no início dos anos 30, de uma estrutura seriada (tiras), com episódios que se continuavam e parodiavam os filmes seriados. Era o começo de uma vitoriosa tentativa de implantar a narrativa de aventuras nos quadrinhos, que teve no desenhista Roy Crane, autor, desde 1924, da série conhecida por "Wash Tubbs" e que, a partir de 1928, ganhou a companhia de sua principal figura, o Capitão César. Ao introduzir o uso do pincel, com massas negras e cízentos matizados, Crane estava inaugurando o novo estilo naturalista que iria ser a cara dos quadrinhos na década seguinte. As aventuras de César, o Capitão Sem Medo (Captain Easy) e depois Jim Gordon (Buzz Sawyer), a partir de 1943, foram grandes atrações do *O Globo Juvenil* e do *Gibi*, nos anos que seguiram. Imitando uma fórmula que vinha dando certo no principal órgão concorrente, O Globo Juvenil não titubeou e partiu para a luta com armas idênticas. Assim, valendo-se de duas linguagens muito diversas: a icônica e a verbal, começaram aparecendo em suas páginas, desde as primeiras edições, seções que se tornaram bastante apreciadas com o correr do tempo. "Histórias da Ciência", "Biografias



**V**

Desde 1936, quando os jornais americanos apresentaram ao seu público leitor de quadrinhos um misterioso herói mascarado, usando um estranho uniforme, com uma aura de mistério a sua volta, sua popularidade não parou de crescer. Nascia o Fantasma (o Espírito-que-anda), logo transformado no maior mito das histórias em quadrinhos, lido por milhões e milhões de leitores e traduzido para 40 idiomas. Desenhado inicialmente por Ray Moore, na realidade, por debaixo do uniforme e da máscara se escondia um descendente do sobrevivente de um ataque dos piratas Sing, que foi arrastado para uma praia do golfo de Bengala e ali encetou a dinastia justiceira e a imortalidade do mito.



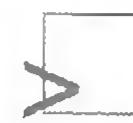
Numa época em que os personagens asiáticos costumavam aparecer nos quadrinhos com um aspecto negativo, Alfred Andriola lançou, em 1938, Charlie Chan, um astuto inspetor de Honolulu, que já era sucesso no cinema com o ator Warner Oland, de quem o desenhista adotou os traços fisionômicos. Por muito tempo, foi uma das grandes atrações de *O Globo Juvenil* e do *Gibi*.



de um Minuto”, “Grandes Momentos da História”, “Dicionário Ilustrado”, “Lições aos Pais”, “Calendário Patriótico”, “História das Coisas”, “No Mundo dos Selos” e “Riquezas do Brasil” foram alguns dos títulos.

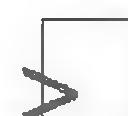
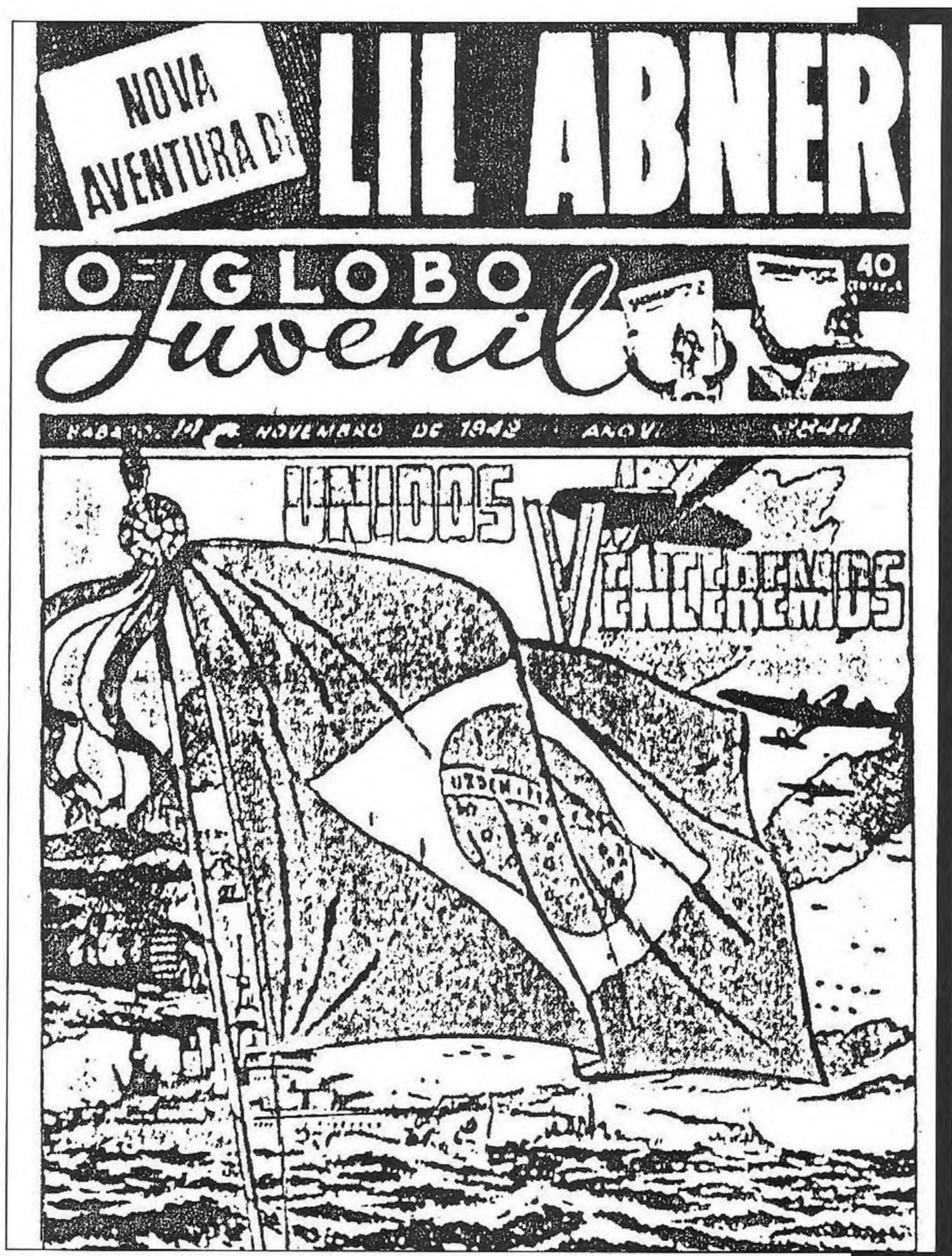
Também na parte de concursos com distribuição de prêmios, muitos deles deixaram saudades. Destaque especial para o chamado “O Presente do Papai”, que oferecia um luxuoso automóvel da marca Hudson ao vencedor. O único serviço dos leitores concorrentes era recortar e colar os cupons nos mapas que vinham publicados no *O Globo Juvenil*. Os mesmos, depois de cheios, eram trocados pelos talões numerados e concorriam ao sorteio que aconteceu no dia 16 de novembro de 1938, pela Loteria Federal.

A partir da quarta-feira, dia 12 de abril de 1939, quando a criançada brasileira encontrou nas bancas uma nova revistinha com 32 páginas, no mesmo formato de *Mirim*, chamada *Gibi*, mal sabia que esse termo iria no futuro designar qualquer revista em quadrinhos aqui produzida. Por esse tempo, o valor ético dos quadrinhos ainda não havia sido motivo de discussão que aconteceria depois. Embora elas existissem desde os fins do século 19, eram um artigo de consumo sobre o qual ninguém se detivera com olhar contemplativo.



De volta à vida civil, Alex Raymond nos brindou com outra magistral criação: *Rip Kirby* (*Nick Holmes*, no Brasil). Tratava-se de um detetive particular, ex-oficial da Marinha, solteiro, inteligente, que gosta de música e literatura e usa óculos. No início, Raymond mesmo escrevia e desenhava suas histórias, mas, a partir de 1952, recebeu a ajuda do roteirista Fred Dickison.

O aparecimento do *Gibi* gerou um novo concurso que levou seu nome e distribuiu 2 mil prêmios. Os cupons eram agora fotos reduzidas de artistas do cinema americano e apareciam regularmente nas edições de *O Globo Juvenil* e do *Gibi* para serem colados no mapa gratuito fornecido com antecedência. O resultado deste concurso realizado pela extração da Loteria Federal do Natal do ano de 1939 foi o seguinte: coube ao bilhete de número 22.480 uma matrícula para um curso completo no Ginásio “Vera Cruz”, para menino ou menina. Os sorteados com o segundo, terceiro e quarto prêmios ganharam um patinete com motor, enquanto o quinto ganhou um piano juvenil. Os demais premiados foram agraciados com bicicletas, velocípedes, bonecas, patinetes, automóveis de pedal etc. A entrega dos prêmios aconteceu na redação de *O Globo*, na terça-feira do dia 2 de janeiro de 1940. Existiram ainda os concursos Foguete, Malba Tahan, Fantasma Voador, Mandrake e Brucutu, porém todos de menor repercussão junto ao público leitor.



*Capa de O Globo Juvenil, número 844, de novembro de 1942, durante os duros anos da Segunda Guerra Mundial, já prevendo a vitória final das tropas aliadas que contaram também com uma força expedicionária brasileira na luta contra os inimigos da democracia.*

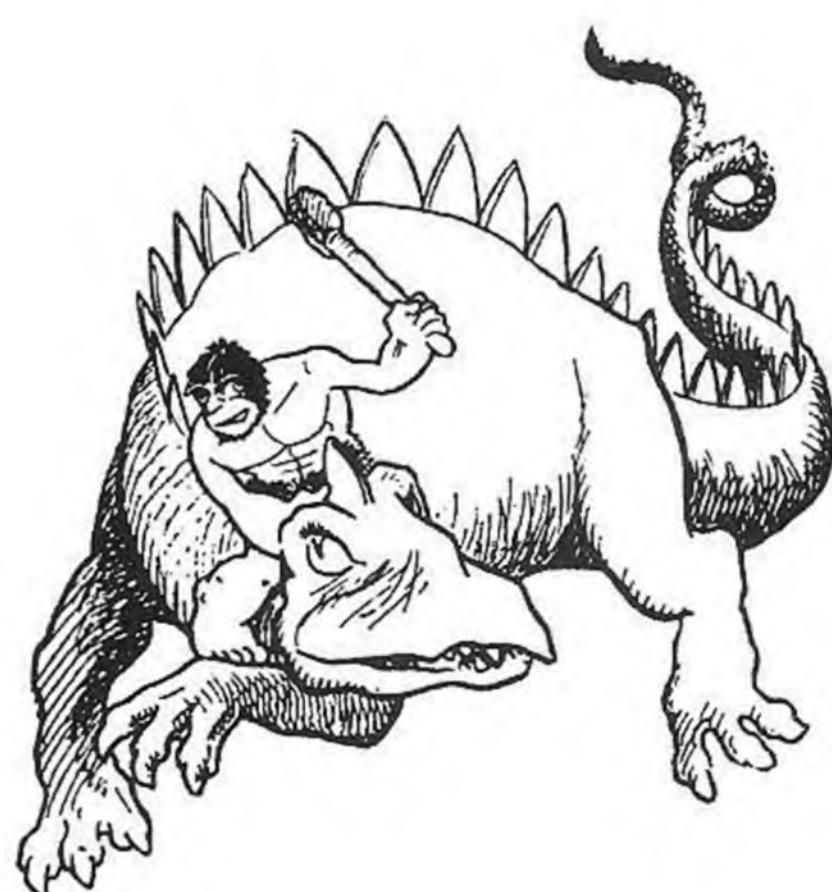
Bastante apreciados foram os álbuns lançados por *O Globo Juvenil* durante seus quase 13 anos de existência (como tablóide) e do qual lembramos com saudades os seguintes: *Barney Baxter- O Mistério de Mazatan*, *Fantasma Voador – O Círculo de Ouro*, *Brucutu – Nas Selvas de Mú*, *Fantasma Voador – A Desmemoriada de Alexandria*, *Li'l Abner – Campeão de Brejo Seco*, *Zé Mulambo*, *O Homem de Aço*, *Charlie Chan* e tantos outros.

Também foram lançados quatro livros encadernados: *Robin Hood*, *Fantasma Voador*, *Rádio-Patrulha* e *Dick James*, que antecederam o *Coleção Gibi*, no formato ‘tijolinho’, igualzinho aos da *Biblioteca Mirim*. Mas, a grande pedida que mobilizava todos os garotos por esse Brasil afora, era, sem dúvida, o lançamento que acontecia todos os anos, dias antes do Natal: o *Almanaque de O Globo Juvenil*. Tratava-se de uma edição com 160 páginas, capa dura, que começou a ser publicada no ano de 1941 e logo se transformou no presente ideal que gostaríamos de ganhar no fim do ano. Príncipe Valente, Brick Bradford, Rei da Polícia Montada, Mandrake, Rádio Patrulha, Zorro, Gatinha Princesa, Popeye eram alguns dos heróis que seguramente lá estavam nesses almanaques, em aventuras completas e coloridas, além de contos inéditos, curiosidades e outros divertimentos. Uma verdadeira jóia para ser guardada com carinho.



Lançada em agosto de 1933, *Brucutu (Alley Oop)*, esta interessante história de Vincente T. Hamlin, se passava inicialmente no reinado de Mu, em plena pré-história. Porém, logo após surgir o professor Papanatas e seu assistente Oscar Bomba, que inventaram um máquina do tempo, seus principais personagens passaram a viver novas aventuras em várias épocas da história universal.

## ALLEY OOP



**BRUCUTU e DINNY**



**ULA**



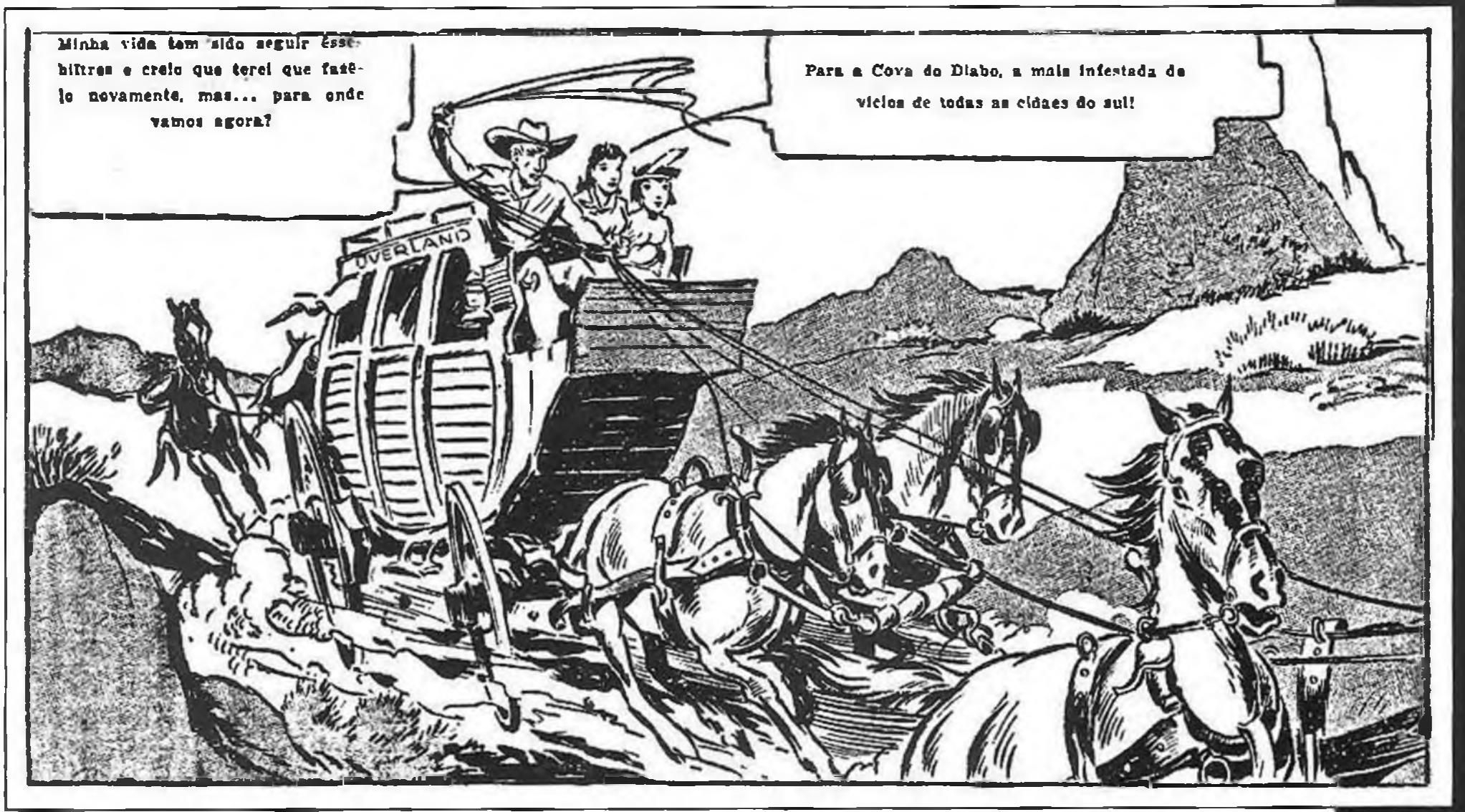
**FUZZY**



**REI GUZ**



**Prof. PAPANATAS**



*Bronco Piler (Red Ryder), a mais popular história em quadrinhos ambientada no western americano, criação de Fred Harman, um autêntico cowboy, que vivia num rancho, começou a ser desenhada em 1938 e foi publicada até os anos 60.*

Em 1948, na nova publicação semanal dos irmãos Marinho, chamada *Biriba*, de 32 páginas, formato tablóide e grampeada no meio, fomos encontrar os últimos personagens do extinto Suplemento Juvenil, que embora não distribuídos pelo King Features Syndicate, gozavam também de bastante popularidade.

*Biriba* abrigou em suas 79 semanas de existência aventuras em quadrinhos dos seguintes heróis: Aninha, A Pequena Órfã (Harold Gray), Bill Tempestade (Frank Robbins), Dick Tracy (Chester Gould), Don Winslow (Beroth), Joe Sopapo (Ham Fisher), Ted Ciclone (depois Steve Canyon, desenhado por Milton Caniff), Terry e os Piratas (George Wunder), Vic Flint (Ralph Lane), Tarzan (Hogarth), O Morcego Negro (Bob Kane), Zorro (Charles Flanders), Rádio-Patrulha (Sullivan & Schimidt), Tim e Tom (Lyman Young), além de pequenas outras aventuras que foram surgindo nos números seguintes.

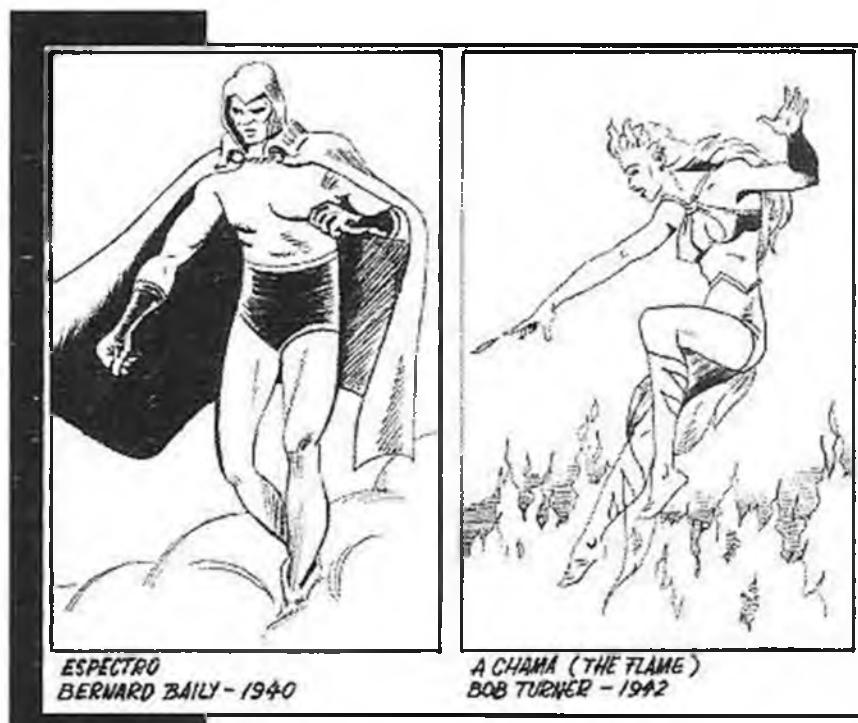
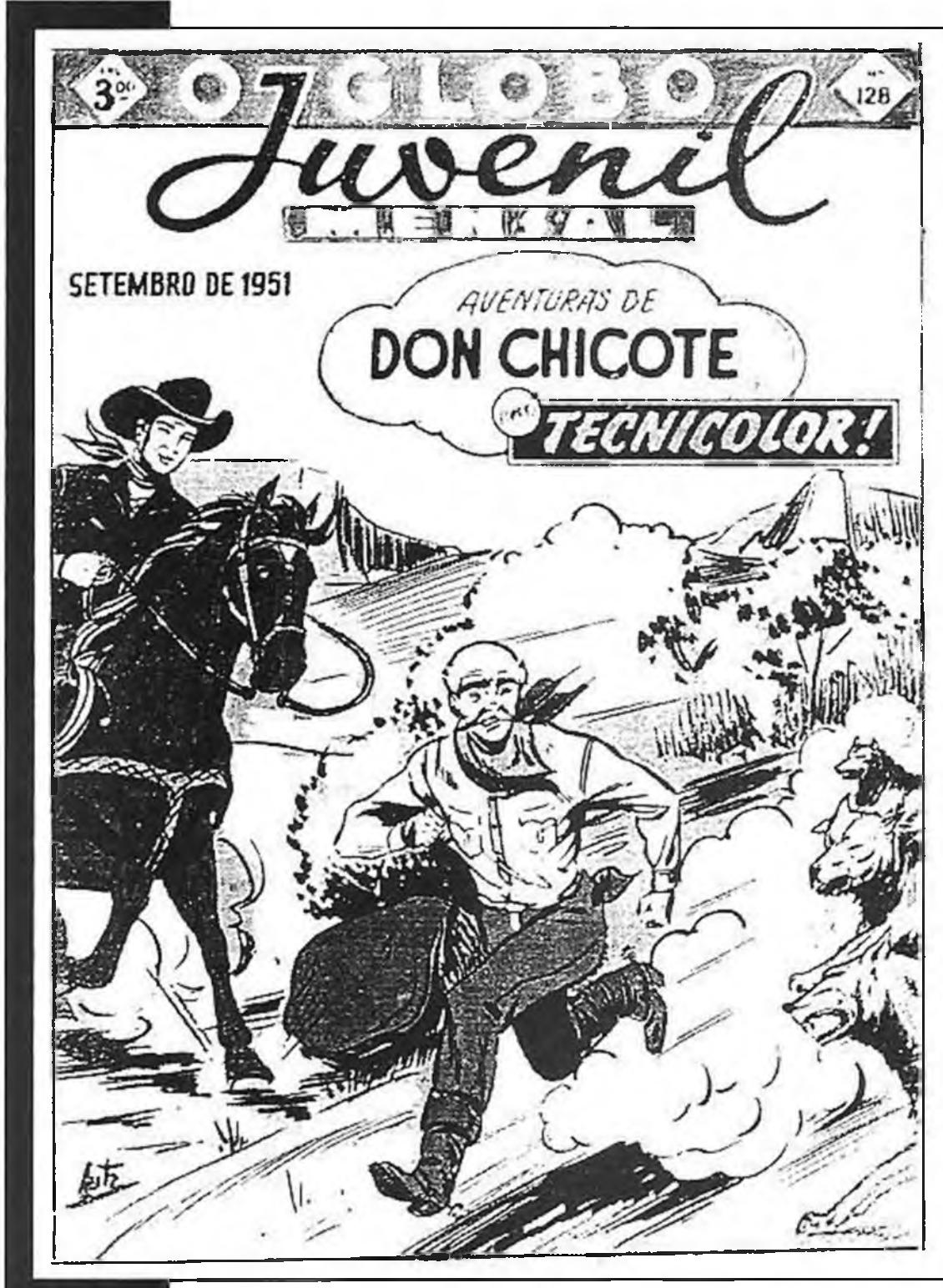
Em cada número aparecia também uma história completa de algum super-herói que já conhecíamos do *Gibi Mensal* e de *O Globo Juvenil Mensal*. Foram eles: O Anjo, Capitão Marvel, Capitão Marvel Jr., O Ciclone, A Família Marvel, Hércules, Flecha Dourada, Príncipe Íbis, Mary Marvel, Príncipe Submarino, Tocha Humana, Terry Vance, Mutt & Jeff, Pinduca, Pato Donald, Pluto e outros.

Muito embora a campanha publicitária que precedeu o aparecimento de *Biriba* alcançasse boa repercussão popu-



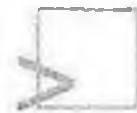
Entre as muitas histórias em quadrinhos envolvendo aviadores, não podemos esquecer de Jack do Espaço (de Zack Mosley) e seu amigo Saxão — que nunca mostrava o rosto — cujas aventuras apareciam regularmente em todas as edições de O Globo Juvenil. Anteriormente, ela foi publicada pelo Mirim, com o nome de Jack Risonho, com o herói sem o clássico bigodinho.

lar, seu lançamento não obteve o êxito esperado, uma vez que a moda eram as publicações de histórias completas que já começavam a proliferar em grande escala na Editora Brasil-América, seu quartel-general.



Novos heróis e heroínas começaram a surgir tão logo as publicações tri-semanais viraram revistinhas mensais.

Depois que deixou de existir como tablóide, O Globo Juvenil virou revista mensal, publicando somente histórias completas como os comic-books americanos.



*Durante anos, mais de 50 milhões de leitores seguiram apaixonadamente as aventuras de Li'l Abner (Ferdinando) e Daisy Mae (Violeta), habitantes de um local conhecido por Brejo Seco. Enquanto ela nutria o sonho de se casar com Ferdinando, este, por sua vez, tinha apenas um desejo: escapar das tentativas dela. Esta história que Al Capp criou em 1935, para o New York Mirror, por ocasião do esperado casamento de Ferdinando e Violeta se constituiu num acontecimento nacional, dividindo os americanos em dois campos hostis. O próprio Al Capp foi obrigado a explicar-se sobre o fato, em reportagem nas páginas da revista Life.*

Depois disso, a revista se transformou em *Biriba Mensal* e foi até o número 61, quando, em janeiro de 1955, se incorporou a outra publicação da mesma editora, passando a chamar-se *Biriba-Shazam* e foi até o número 100.

Voltando ao *O Globo Juvenil* em seu formato tablóide trissemanal foram publicados 1986 números. Sua última aparição em bancas aconteceu na quinta-feira, dia 2 de março de 1950, quando se transformou a seguir no *Novo Globo Juvenil*, formato menor, só com histórias completas, saindo uma vez por mês.

Não poderia encerrar este trabalho sem antes fazer uma homenagem ao quadro de desenhistas que, durante anos, elaboraram com carinho as capas coloridas do *O Globo Juvenil*, bem superiores às das demais publicações concorrentes. Merecem serem citados, entre outros: Francisco Acquarone, Israel ferreira, Calmon Barreto, Alceu Pena, Walter Maia, Paulo Ferraz, Gutemberg Monteiro, Getúlio Delfim, Lutz, Flávio Colin, Edmundo Rodrigues. Benício e Valmir de Oliveira.





# Cronologia

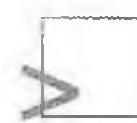
## Suplemento Juvenil

### 1934

- • No dia 14 de março, aparece O *Suplemento Infantil* encartado no jornal *A Nação*.
- • Em 20 de junho, com o nome alterado para *Suplemento Juvenil* começa a ser vendido nas bancas do Rio de Janeiro.
- • Flash Gordon e Bill, o Agente Secreto X-9, de Alex Raymond, começam a ser publicados em 28 de março.
- • Tarzan surge no número 31, em outubro.
- • Em novembro, passa a circular duas vezes por semana (terças e sextas-feiras).
- • Primeira *Edição Maravilhosa*, em dezembro.
- • Agora já é publicado três vezes por semana (terças, quintas e sábados).

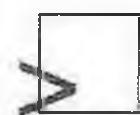
### 1935

- • Surgem novos heróis: Mandrake (agosto) e Dick James (outubro).
- • É lançado o livro de Bill, o Agente Secreto: *O Caso Powers*.



Rainha Undina, personagem criada por Alex Raymond para a história "Flash Gordon no Mar do Mistério", publicada pelo Suplemento Juvenil, em 1936.





Da esquerda para a direita:  
Robin, Guardião, Joel  
Ciclone, Ted Múltiple,  
Mulher-Fantasma e Pantera  
eram alguns dos super-heróis  
que atuavam isoladamente  
em várias publicações do  
passado e nos anos 80  
foram reunidos na revista All  
Star Squadron.



## 1936

- > • Livro de *Flash Gordon no Planeta Mongo* (27 de fevereiro).
- > • Livro de Jim das Selvas (25 de setembro).
- > • Álbum de *Mandrake no País dos Homens Pequeninos*, em cores (28 de agosto).
- > • Álbum de Bill, o Agente Secreto: *O Avião Fantasma* (22 de outubro).
- > • Álbum *A Rainha dos Gangsters – Rádio-Patrulha*, lançado em 25 de dezembro.
- > • “Galeria de Nossos Heróis” começa a ser publicado nas capas, com desenhos de Humberto.

## 1937

- > • Álbum do *Rei da Polícia Montada* (17 de abril).
- > • Álbum de *Mandrake no Circo* (5 de agosto).
- > • Álbum de *Tim e Tok na Patrulha do Marfim* (8 de outubro).

## 1938

- > • Álbum *O Perigo Negro – Inspetor Wade*, lançado em 21 de janeiro.
- > • Álbum de Pinduca (1º de setembro).
- > • Álbum com a aventura número um da Rádio-Patrulha, em 29 de setembro.
- > • Livro de *Mandrake no País de Savessa* (colorido), lançado em 15 de novembro.

## 1939

- > • Livro da *Gatinha Princesa*, colorido, sai em 20 de abril.



➤ • Álbum de *Mandrake entre as Múmias*, dia 30 de abril.

➤ • Livro com piadas de Mutt & Jeff, em novembro.

## 1940

➤ • Livro do Gato de Botas, em janeiro.

➤ • Álbum de Freddy, O Gavião dos Ares, em fevereiro.

## 1941

➤ • Livro de *Raffles vai a Itaipava*, em 03 de julho.

## 1944

➤ • *Almanaque Walt Disney*, com aventuras de Mickey, Pato Donald, Pluto, Elefante Bolinha e outros, em dezembro.

## 1945

➤ • O *Suplemento Juvenil* deixa de circular.

**Mirim**

## 1937

➤ • Surge o primeiro número com 32 páginas, no dia 14 de março.

➤ • No número 4, a primeira aventura de Slam Bradley.

## 1938

➤ • *Flash Gordon no Reino das Cavernas*, primeiro volume da *Biblioteca Mirim*, em 21 de maio.



*Capa do número 254 do Mirim Sextaferino, que apareceu nas bancas no dia 24 de novembro de 1939, contendo uma aventura completa de "Yarko, o Mágico", desenhada por Will Eisner.*



## 1939

- > • Sai o primeiro número de *Mirim Sextaferino*, dia 20 de julho.
- > • *Edição de Natal*, em 10 de dezembro.

## 1945

- > • Juntamente com o *Suplemento Juvenil*, também o *Mirim* deixa de circular.

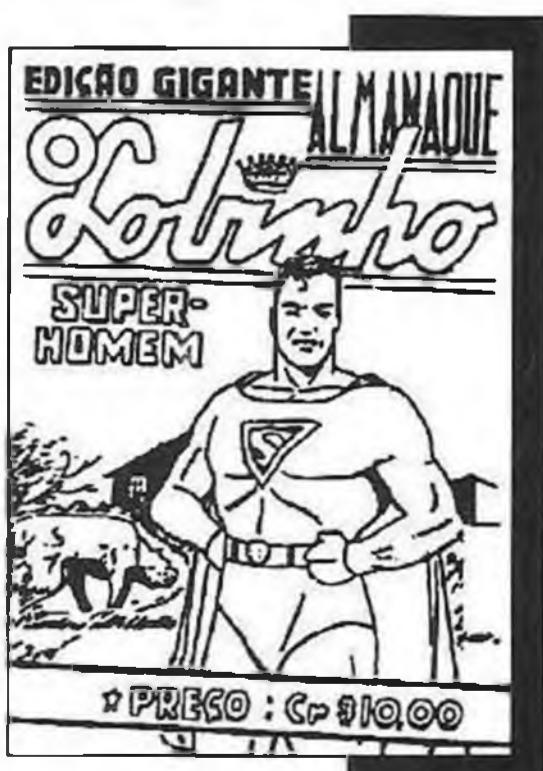
# O Lobinho

## 1938

- > • Primeiro número (formato jornal), em 8 de abril. Tarzan (Hal Foster) e Buck Rogers (Dick Calkins), com páginas coloridas.



Almanaque O Lobinho com 300 páginas, capa dura, custava dez cruzeiros e foi lançado em 1942, contendo aventuras completas de todos os seus heróis da imaginação, como Joel Ciclone, Batman, Super-Homem, Falcão da Noite, O Chicote, Mutt & Jeff e tantos outros.



## 1939

- > • Passa a sair diariamente ao preço de 100 réis.

## 1940

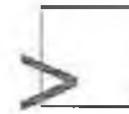
- > • Novo formato só com histórias completas com 84 páginas, em 3 de maio.
- > • Batman, o Homem-Morcego, aparece no número 7, em novembro.
- > • Super-Homem surge no número 8, em dezembro.

## 1941

- > • O Sombra, em quadrinhos, no número 12, em abril.

**1942**

- Almanaque com 300 páginas e capa dura.



*Edição do O Globo Juvenil número 103, que saiu no dia 17 de fevereiro de 1938, publicando na capa diversas sugestões do desenhista Alceu Pena para o carnaval daquele ano.*

**1944**

- Edição especial contendo sete aventuras de O Sombra, com 84 páginas, em 1º de junho.

**1954**

- *O Lobinho* deixa de circular após 16 anos de sua fundação.

# O Globo Juvenil

**1937**

- Começa a circular dia 12 de junho, custando 200 réis.

**1938**

- Álbum de Zé Mulambo, no dia 24 de dezembro.
- Álbum de Gordon Fife nos Montes Nevados, com 24 páginas, dia 21 de dezembro, custando 600 réis.
- Álbum de Barney Baxter: *O Mistério de Mazatan*, em 30 de setembro.

**1939**

- Livro de Robin Hood, dia 10 de maio.
- Álbum de Charlie Chan, preço de 1.200 réis.
- Livro do Touro Ferdinando, em 11 de novembro.
- Livro do Fantasma Voador, em 2 de dezembro.



Capa do O Globo Juvenil número 752, que chegou às bancas no dia 14 de abril de 1942.

- > • Álbum do Fantasma Voador: *O Mistério do Marajá*, em dezembro.
- > • Álbum do Comendador, em 23 de dezembro.
- > • Os heróis da King Features Syndicate passam para *O Globo Juvenil* e para o *Gibi*, em agosto.
- > • Livro de Rádio-Patrulha, preço de 4 mil réis.

## 1940

- > • Álbum de Lil Abner: *Campeão de Brejo Seco*, em abril.
- > • Livro de Dick James é colocado à venda.
- > • Álbum de Brucutu na Pré-História, em 8 de junho.
- > • Segundo álbum de Zé Mulambo, com 28 páginas.
- > • Álbum do Homem de Aço (Super-Homem), dia 1º de fevereiro.

## 1941

- > • Primeiro Almanaque de *O Globo Juvenil*, em dezembro.

## 1948

- > • Surge Biriba, com 32 páginas, grampeadas no meio.

## 1950

- > • O último número de *O Globo Juvenil* (formato tabloide) circula dia 2 de março.



# Bibliografia

- > Cirne, M. A  
“A Explosão Criativa dos Quadrinhos”  
Editora Vozes (Petrópolis-RJ) – 1970
- > Cavalcanti, Ionaldo  
“O Mundo dos Quadrinhos”  
Editora Símbolo (São Paulo-SP) – 1977
- > Marney, Jacques  
“Sociologia das Histórias aos Quadrinhos”  
Civilização Editora (Porto-Portugal) – 1970
- > Moya, Álvaro  
“História das Histórias em Quadrinhos”  
L&PM (Porto Alegre-RS) – 1986
- > Sheridan, Martin  
“Comics and Their Creators”  
Luna Press (New York-EUA) – 1944
- > Silva, Diamantino  
“Quadrinhos para Quadrados”  
Editora Bels (Porto Alegre-RS) – 1976
- > Gubern, Román  
“Literatura da Imagem”  
Salvat Editora (Rio de Janeiro-RJ) – 1979
- > Traini, Rinaldo  
“I Fumetti”  
Editrice Radar (Padova-Itália) – 1968

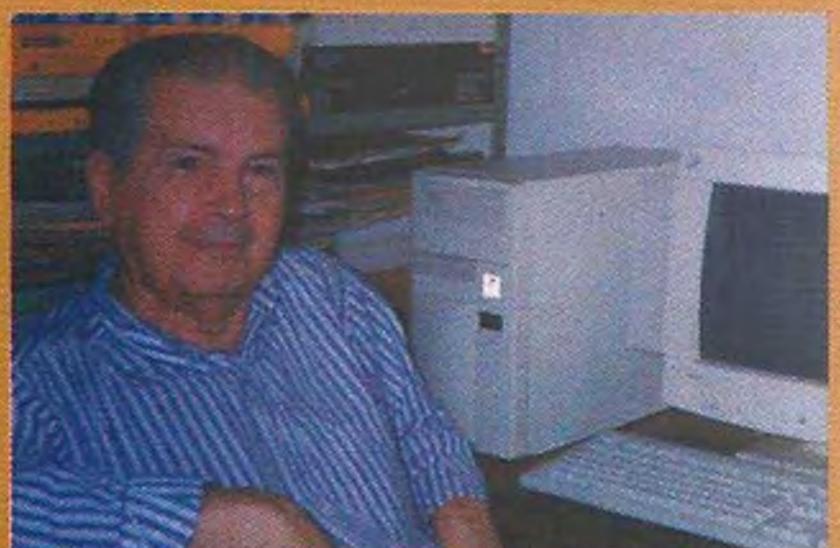
# Outros álbuns e livros da OPERA GRAPHICA EDITORA



Todos os nossos livros você encontra nos pontos de venda  
do HQ Club ou pelo telefone (11)3088-9116.  
[www.operagraphica.com.br](http://www.operagraphica.com.br)



Lecionou desenho e artes gráficas na escola Pro-Tec, na faculdade de Comunicação Social Anhembi e na FAAP. Contribuiu para a história e para a teoria dos quadrinhos e das artes gráficas com três livros, entre eles o cultuado *Quadrinhos para Quadrados*, de 1976. Diamantino também participou ativamente de exposições, debates e conferências sobre quadrinhos e cinema. Esta outra arte, o cinema, também muito cultuada por Diamantino, lhe proporciona grandes alegrias, tanto que é um dos fundadores e atual presidente do “Clube Amigos do Western”, que reúne toda semana os aficionados dos filmes de faroeste. Desde 1985, Diamantino da Silva edita trimestralmente a revista *Mocinhos & Bandidos*, uma das melhores publicações do gênero no Brasil.



QUA  
DRI  
NHOS  
DOURADOS  
A HISTÓRIA DOS  
SUPLEMENTOS  
NO BRASIL

*Quadrinhos Dourados* é uma autobiografia. O Professor Diamantino da Silva relata neste volume sua relação afetiva com os quadrinhos e com os tablóides que lia em sua infância. A história da formação do *Suplemento Juvenil*, de *O Lobinho* e do *Mirim*, editados por Adolfo Aizen, e de *O Globo Juvenil*, de Roberto Marinho, é contada neste livro relatando datas, autores, personagens, concursos e a repercussão dessas publicações na história dos quadrinhos e da imprensa, no Brasil.

*Quadrinhos Dourados* é antes de mais nada um depoimento e uma visão apaixonada sobre os quadrinhos e as revistas de HQ, contando sua influência na vida de um garoto, lá pelos anos 30, e descrevendo como esse menino cresceu e se transformou num dos personagens do universo dos quadrinhos nacionais.

*Worney Almeida de Souza (WAZ)*

